

GUESTO ANSURES

QUADROS DA VIDA NEO-GOTHICA

ROMANCE HISTORICO

DO

VISCONDE DE FIGANIÈRE

SEGUIDO

DE

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

RELATIVOS AO SEculo VIII



LISBOA

LIVRARIA FERREIRA — Editora

132 — RUA AUREA — 134

1883

Ficam reservados todos os direitos

INDICE

	PAG.
Dedicatória	v
Advertencia.....	vii
Introdução historica.....	1
I O Esperadouro.....	7
II Em Jornada.....	22
III O Presbytero de Tolsun.....	28
IV A Noiva do servo.....	40
V A Azenha de Subrego.....	52
VI O Conde Froya Gatheres.....	62
VII O Dilemma.....	68
VIII O Mosarabe.....	78
IX O Presor.....	87
X O Amontado.....	103
XI Sempronio.....	107
XII As Arrhas do capitão.....	120
XIII Um Assumpto do dia.....	131
XIV A Apparição.....	148
XV O Soccorro.....	164
XVI O Condemnado.....	169
XVII O Alto de Folgoso.....	184
XVIII A Feiticeira.....	192
XIX O Castro.....	202
XX A Denuncia.....	208
XXI O Magnate da Curia.....	220
XXII A Força das cousas.....	229
XXIII Negociador e Espia.....	236
XXIV Alpe.....	244
XXV O Convento duplex.....	253
Gesto e a Lenda.....	254
Conclusão historica.....	266
Notas.....	268
Glossario.....	274

Apontamentos archeologicos :

I Do Nascimento do rei Mauregato	279
II Dos Castros	282
III Da Nobreza	287
IV Da Aclamação de Mauregato	290
V Dos Condados de Lugo	292
VI Da Presúria, e modo de povoar	293
VII Das Revoltas populares	298
VIII Das Fronteiras meridionaes	299
IX Dos Clerigos-servos	302
X Da Província de Lugo, com referencia á civilisação	304
XI Das Felliceiras	311
XII Da Servidão	312
XIII Do Mosteiro de Sãmanos	314
XIV De Theudas	317
XV Dos Conventos duplices	318
XVI Das Formulas de anathema e maldição empregadas nos diplomas antigos	322

Vous jugez de mille sortes d'ouvrages, et en jugez bien.

Vous savez dispenser à propos votre estime:
Le pathétique, le sublime,
Le sérieux, et le plaisant,
Tout à-tour vous vont amusant.
Tout vous duit, l'histoire et la fable,
Prose et vers, latin et françois.

LA FONTAINE, *Lettres.*

A Excellentissima Senhora

D. Adelaide Perfumo de Almeida e Vasconcellos

Em testemunho de profunda respeito

Dedica

O author.

ADVERTENCIA

N'este livro apresentam-se ao leitor typos das diversas classes da sociedade neo-gothica com referencia aos fins do periodo de transição em que predominou no governo a influencia mosarabica, fundado n'um estudo dos documentos coevos.

A descripção dos sitios em que se desenvolve a acção, que occupa o espaço de quatro dias e meio, é conforme aos apontamentos do author, tomados por ensejo de uma viagem ás provincias de Orense e Lugo, e especialmente ao districto montanhoso entre os rios Sil e Sárria.

Foi ali que Affonso o Casto passou bastantes annos da sua juventude, vivendo ainda hoje na memoria d'aquelles povos, depositarios de tradições legendarias concernentes ao dito monarcha, designadamente em Sobredo, chamado outr'ora Subrego.

Para commodidade do leitor menos versado em locuções priscas e palavras obsoletas damos no fim, como nos foi suggerido, um breve glossario de algumas que occorrem em um ou outro trecho dos dialogos e hoje constituem archaismos.

Os Apontamentos Archeologicos com que remata o volume, são um como supplemento dedicado aos curiosos e aquelles que se não sentirem repellidos pela aridez do assumpto.

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
9	ultima	caixotes	coixotes
38	24	aljama	jami
109	29	o sonho	o somno
143	6	Ascario	Ascarico
196	31	sortejando	cortejando
	34	cendo	sendo
202	3 (da epig.)	Cancione	Cancioneiro
322	24	<i>Patriarchum</i>	<i>Patriarcham</i>

325 38 **N. B.** Os 318 Padres são os do primeiro Concilio Niceno. Foi isto mesmo que nos occorreu logo á mente ao darmos com a respectiva formula; mas seria longo, sobre ser inutil, narrar o incidente que depois deu lugar á duvida.

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

E no seu tempo se perdeu a terra alta a sturias
e cobraramna os mouros.

CRÓNICA BREVE DE SANTA CRUZ.

«Ao effectuarem os arabes a sua primeira sahida do deserto, não deixariam de maravilhar-se da facilidade e rapidez com que se realisava a conquista. Mas quando no decurso da victoria, attigiram as margens do Indo e as cumiadas dos Pyreneos, depois de haverem provado a mjudo a tempera dos seus alfanges e a energia da sua fê, ter-lhes-hia causado não menos admiração que uma nação qualquer pretendesse fazer rosto ás suas armas invenciveis, ou que o senhorio do successor do Propheta fosse determinado por fronteira alguma.»

É n'estas palavras que o historiador Gibbon começa um dos capitulos mais notaveis da sua obra monumental sobre a decadencia romana, palavras que bem caberiam, quasi textualmente, na historia privativa da conquista das Hespanhas pelos sarracenos. Pois que, na verdade, quando Tarik e Muza, tendo atravessado o estreito de Septum a Calpe, seguidos de bandos compostos de diversas tribus orientaes, contemplaram o resultado da sua empreza arrojada após uma campanha de poucos mezes, ficaram sem duvida pasmados da boa fortuna que os acompanhára sempre; e, senhores absolutos de toda a Peninsula, desde a Lusitania até á Tarraconensis, e desde a Betica até ás serranias das Asturias, teriam desprezado ou compadecido a

demencia do homem que ousasse valichnar que antes de meio seculo um punhado d'entre os vencidos reivindicaria victoriosamente uma parte do territorio perdido, como primicias de triumphos ainda mais relevantes, até que por fim a antiga capital dos reis wisigodos fosse de nevo o assento predilecto da côrte dos seus netos coroados.

Não vamos provar a paciencia do benevolo leitor, repetindo aqui o que se acha consignado nas narrativas que tratam' da quèda dos godos e invasão dos sarracenos em Hespanha. Mas afim de facilitar a prompta intelligencia de allusões que se acharão disseminadas pelas paginas d'este livro, não será, talvez, fóra de propósito recordar n'um esboço rapido a origem e progresso do reino neo-golhico das Asturias; até á epoca a que se referem os successos que fazem o assumpto do romance.

Vendo a patria irremediavelmente perdida, e seguro o dominio dos conquistadores, determinaram muitos wisigodos procurar um asylo nas montanhas do norte para escaparem ao jugo estrangeiro; ao passo que outros com o mesmo fim se reuniram a Theodomiro, que em Murcia conseguira estabelecer um pequeno estado independente. Com quanto este ultimo tivesse a garantia de um pacto celebrado entre aquelle chefe e Abdelaziz, de pouco lhe serviu pelo tempo adiante, não chegando aquelle estado a completar meio seculo de existencia.

Não succedeu o mesmo com a nação que se ia formando no norte. A aspereza das brenhas asturianas, cujo ingresso oppunha tantas difficuldades a um exercito, e a pobreza da terra e dos seus habitantes, parece que deviam ter affiançado a estes uma tranquillidade obscura, attento o desprezo que aos capitães arabes havia de ter merecido este ultimo recanto da Peninsula. Consta todavia que poucos annos depois da conquista, o wali Ayub ben Habib mandou contra aquelle territorio alguns destacamentos de tropa que tomaram varias povoações, estabelecendo-se em Gijon. Foi então que os asturianos se sublevaram.

Tinham escolhido por chefe a Pelagio, cuja geneologia não é certa, posto que haja quem o chame filho de Favila, duque de Cantabria e descendente do rei Chindaswinth. Em vida de Roderico, ultimo dos reis wisigodos, achava-se a

guarda real sob o mando de Pelagio, que, depois de pelear com denodo na batalha do Chryssus, ou Guadalete (julho de 711), tão fatal para os christãos, se havia acolhido aos montes do septentrião.

Ayub fôra demittido do governo pelo kalifa, e quando rebentou a sublevação das Asturias, Alhaur ben Abderrahman, mais conhecido pelo nome de El Horr, tinha o mando supremo na Peninsula; com o titulo de emir. Tanto que teve rebate d'esse successo, enviou Alkamah para aquelles sitios á frente de uma força consideravel. Deu-se uma lide junto ao monte Auseha, á bocca do algar tão celebrado com o nome de Covadonga. Ali soffreu Alkamah uma derrota completa. Este acontecimento verificou-se em 718, sendo Pelagio aclamado logo em seguida rei das Asturias. Os chronicones nada revelam tocante ao reinado d'este príncipe, constando sómente que falleceu em Cangas no anno de 737.

Favila, filho de Pelagio, foi eleito, conforme o costume antigo dos godos, para successor de seu pae, mas nenhuma noticia a seu respeito tem chegado até nós, senão que seguindo a montaria fôo morto por um javali em 739.

Com quanto Favila deixasse geração, a escolha não recaihiu n'ella, provavelmente por não ter attingido a idade adulta; e o throno coube por eleição a Affonso, filho de Pedro duque de Cantabria, e genro de Pelagio, com cuja filha, Ermesinda, era casado.

Aproveitando-se do estado de anarchia a que chegára a Hespanha musulmana, começou (em 742) este príncipe bellicoso as suas correrias pelo territorio do inimigo, continuando-as com fortuna por uma larga serie de annos.

As victorias de Affonso I não são conhecidas na sua ordem chronologica; pois que os chronistas se limitaram a dar uma relação d'ellas, omitindo as respectivas datas. Invadiu a Galliza, tomando posse permanente de Lugo, Orense e Tuy; transpoz o Minho, apoderando-se de Braga e de todo o districto até as margens do Douro. Dilatarani-se igualmente as suas conquistas para a parte do oriente e sueste; internou-se no paiz que medeia entre as serras asturianas e os montes Pyreneos; e tomou por assalto muitas villas e cidades em Leão e Castella, chegando até Vizeu na Lusitania.

Affonso não dispunha de forças sufficientes para pôr presidios nas numerosas praças que cahiram em seu poder; mas com quanto não podesse conservar todas as suas conquistas, consta que á sua morte abrangia o seu imperio a Galliza e a Cantabria até aos confins da Vasconia.

Diz-se que foi em attenção ao grande numero de templos que este rei fundou ou restaurou, que os seus lhe deram a autonomasia de *O Catholico*; ao passo que foi tamanbo o pavor que elle soube inculir no animo dos mahometanos —mercê da constancia com que a fortuna o favoreceu, e dos grandes estragos commettidos todos os annos pelos guerreiros capitaneados por elle—que acabaram por designal-o com os appellidos: *o Terrivel*, *o Matador dos homens*, *o Filho da espada*.

Fallecendo Affonso em 756, foi acclamado seu filho Fruela, ou (conforme o estylo dos monumentos coevos a que havemos de nos cingir) Froila, que deixou nome de valente guerreiro, posto que a historia seja escaça em commemorar os seus triumphos, dizendo em geral «ganhou muitas victorias», e individuando apenas uma d'ellas, a de Ponthumium na Galliza, logar que os antiquarios não tem podido identificar, cifrando-se tudo em conjecturas (a *Historia Friense*, no cap. 20.º, diz porém que esta batalha deuse entre Douro e Minho). Mas por outro lado não pôde impedir que os sarracenos regressassem para Cordova com captivos, e carregados de despojos, em seguida a uma invasão que effectuaram pelas fronteiras da Galliza em 763.

Este principe teve tambem de arrostar as revoltas dos seus subditos: reprimiu uma na Galliza, e outra em Alava no terceiro anno do seu reinado. É notavel este ultimo acontecimento por ter proporcionado a Froila a escolha de uma consorte. Entre os captivos que trouxe na sua volta de Alava, vinha uma joven chamada Munia, que, passado algum tempo, tomou por mulher, como fizera Clothario I de França com a sua captiva Radegonde, aprisionada com seu joven irmão, depois do desbarato dos thuringios.

Atribue-se a Froila uma lei prohibindo o matrimonio aos ecclesiasticos, e determinando que se separassem das mulheres aquelles que porventura fossem casados; providencia que passa por ter produzido no clero muita indis-

posição contra o seu author. Cumpre porém observar que a existencia de semelhante lei não se apoia em provas certas ou sufficientes, ao passo que a aversão contra Froila não se limitava sómente ao clero. O seu genio era colerico e despotico; e parece que pela sua crueldade e tyrannia provocou a ira dos seus subditos. Fosse como fosse, o que se sabe positivamente è que, tendo Froila apunhalado seu irmão Vimarano, por ser este principe bemquisto do povo em consequencia da amenidade do seu trato e da sua pericia militar, foi morto o rei ás mãos de alguns grandes da côrte, no anno de 768.

Este monarcha instituiu varias fundações pias; e deu principio á cidade de Oviedo, que em reinados posteriores veiu a ser capital do estado.

O rei assassinado deixou um filho em curta idade, chamado Affonso; mas o sceptro passou para as mãos de Aurelio, filho de outro Froila, irmão de Affonso o Catholico, e portanto primo co-irmão do ultimo rei. O reinado de Aurelio durou seis annos, sem que d'elle ficasse outro monumento mais que a sublevação dos servos contra os senhores de terra; acudindo porém o rei em pessoa, foram aquelles reduzidos á obediencia.

Á morte de Aurelio em 774, desattenderam-se de novo as pretensões de Affonso, ou dos seus parciaes, recalhando os votos em Silo, casado com Adosinda, filha de Affonso o Catholico. Ignora-se a origem d'este rei; mas de um trecho da chronica Alheldense a seu respeito (*cum Spania ob causam matris pacem habuit*, significando Spania, «terra dos sarracenos») se póde inferir que sua mãe fosse arabe, e seu pae «um d'esses godos nobres que, sujeitos ao dominio musulmano, se haviam enlaçado com as filhas dos conquistadores, enlaces de que tantos exemplos subsistem,» segundo conjectura Alexandre Herculano (*Hist. de Portugal*, T. 3 p. 180, da 1.^a edic.). De Silo só consta que viveu em paz com os sarracenos, como afirma o trecho citado acima, e que subjugou no monte Cuperio (hoje Cebrero) uma revolta do povo que rebentára em Galliza.

Nos reinados anteriores o assento da côrte fôra em Cangas; mas Silo transferiu-o para Pravia, villa situada no rio Nalon. Para ali chamou o joven Affonso, que desde a mortê

do rei seu pae residira no mosteiro de Sámanos, ou Samos como hoje se diz. É provavel que Affonso devesse a boa vontade do novo rei á influencia de sua tia a rainha Adosinda; e parece que viveu na côrte até ao obito de Silo, succedido em 783.

N'esta conjunctura conseguiu Adosinda que fosse aclamado na curia regia o principe Affonso seu sobrinho; mas havendo um partido que lhe era contrario, não pôde o filho de Froila conservar-se na posse do sceptro, de que Mauregato, o escolhido dos descontentes, se apoderou, ao passo que Affonso teve de se acoutar em Alava, patria de sua mãe, clausurando-se Adosinda no convento de S. João de Pravia, de que era fundadora, o que aliás era costume das rainhas-viuvas, segundo o estabelecido no Concilio XIII de Toledo, tit. 5, citado por Florez (*Reynas Cathol.* T. I, p. 53).

Mauregato era filho natural de Affonso I, o Catholico, e de uma serva. Ao nome d'esse rei anda vinculada a bem conhecida lenda do tributo das cem donzellas, cuja origem não se deriva das fontes puras da historia contemporanea, sendo geralmente desacreditada pela critica moderna como invenção de tempos posteriores. O historiador Mariana não duvida, até, referir o pretendido tributo tanto ao rei Aurelio, como a Mauregato.

A proposito d'esta tradição, diz Alexandre Herculano: «A lenda ácerca do tributo das donzellas pago por Aurelio e Mauregato aos sarracenos, a qual já se encontra em Lucas de Tuy (*Hisp. Illustr.* T. 4, p. 74) e em Rodrigo Ximenes (L. 4, c. 7) é, quanto a nós, um mytho tradicional, que symbolisa as tendencias de fusão nos fins do seculo viii, e a preponderancia transitoria do mosarabismo» (*Hist. de Portug.* T. 3, p. 481. not. 2, da 1.^a edic.). Assim é, deveras, que a philosophia da historia deve encarar aquella noticia legendaria, assás antiga aliás para que se não rejeite com o desdem que merecem patranhas, com quanto se não possa aceitar como facto substancial.

Suspendemos aqui o nosso summario, por termos chegado ao momento historico em que se intercalam os dias do romance.

I

O ESPERADOURO

Que tu, falsa Esperança,
Como de casa, sábes
Estreitos passos della em que te escondas.
Quem pois de si te lança?
No peito afiito cabes,
Que já se vê ao mar bebendo as ondas.

FERNÃO D'ALVARES DO ORIENTE, *Lusit. Transf.*

A linha divisoria entre as provincias de Lugo e de Leão, é indicada por altas serranias, que, seguindo do norte ávante para o sul, e como opprimidas, alliviam a propria pujança com despedir de si extensas ramificações por um e outro lado em diversos pontos da sua carreira.

Uma d'essas parcellas agigantadas é a chamada serra do Caurel, que, começando não longe do paiz do Vierzo, corre com direcção S. O. n'uma distancia de cinco legoas, até entroncar com a serra de Quiroga que vem morrer á confluencia dos rios Sil e Lor. Em quatro pontos culmina a do Caurel; e são, partindo do seu extremo N. E., os altos montes Capeloso, Faro, Formegueiros e Pico Pajaro, o mais levantado dos quatro, e o segundo em elevação d'entre todos os cabeços da provincia de Lugo.

D'esse ultimo — conhecido dos povos da localidade pelo nome corrompido de *Piapajara*, mas que por conveniencia designaremos sempre pela sua traducção *Pico Passáro* —

partem duas ramificações para o occidente; desviando-se porêin, uma com inclinação norte, a outra em sentido opposto, e indo ambas formar ribeiras á esquerda do rio Lor. A primeira constitue a serra de Ferreirós. A que sê desvia para o sul, fôrma uma serie de tres montes com gradual diminuição de altura, os quaes se chamam Alto de Abezul, o Traspando, e o monte de Outra-Banda.

Ladeadas por estas duas ramificações, cahem as faldas occidentaes de Pico Passaro até irem lavar-se nas agnas do Lor. Um pouco abaixo do seu triplice cume, nasce um riacho que, correndo pelo denominado Valle Escuro, banha os lados de uma baixa chamada Seixo e do alcantil do Sufurado, ao sopê do Abezul, e formando ali queda de sessenta a oitenta pês. segue por uma funda ribanceira, para desaguar no rio. D'ahi lhe veiu o nome de riacho ou arroyo da Ribanceira.

As ourelas do Lor são geralmente mais ou menos apurmadadas, dando pouco ou nenhum piso á riba d'agna. Mas de quando em quando desafoga-se esta estreiteza de formação, com o que se poderiam chamar enseadas, em que porêin as agnas se não admittem por causa do declivio, podendo apenas espraiair-se um pouco. É nas taes enseadas ou abertas que estão sitas quasi todas as povoações, sendô por isso que se acham invariavelmente a alguma distancia das margens, escondidas acima nas ladeiras arborisadas, cuja queda menos ingreme produz esses respiradouros do angusto, fundo, e sinuoso valle do Lor.

É pois n'uma d'essas quebras das alterosas margens do rio, na praticada pelas faldas de Pico Passaro, que se anha hoje a aldêa de Folgoso. Jaz em amphitheatro á esquerda do rio, e á direita do riacho; passante meio kilometro do primeiro, e a um quarto de kilometro do ultimo.

Mais acima, ao N. E. da aldêa., vê-se uma eminencia, aliás de pouca altura com relação á ladeira que lhe serve de base, sobre a qual havia outr'ora um castro romano. Comquanto as reliquias d'esse passado hajam desaparecido, vivem hoje na memoria do povo pelo nome que a tradição conserva áquelle sitio: CASTRO DA TORRE.

No tempo da nossa historia, as fortificações subsistiam ainda em grande parte, e eram aproveitadas, como se ve-

rá opportunamente; pois que, como residencia de nossa heroína, o castro de Folgoso é destinado a figurar por muito nos successos que se irão seguindo.

Entre os declivios, aliás mui accidentados, em que está a aldêa, e os extremos da serra de Ferreiròs, corre uma cadêa de montes rio-acima, da qual o Bustilho fórma o primeiro elo da parte de Folgoso, que é dominado pelo dorso do mesmo.

Castanheiros de dimensões colossaes formam um bastissimo souço, assim em todo o recanto de Folgoso, como pelas encostas fronteiras do monte de Outra-Bauda, e ainda pelas de Pico Passaro até certa altura, e para lá do sitio chamado Castro da Torre.

Corria o anno de 789. Era no mez de outubro, e ao trasmontar do sol.

Na encosta do monte Bustilho, coberta de bosque até perto do rio, havia, a mais de meia distancia d'este, um como terrado natural que, sabindo por assim dizer da matta deixava desimpediça a vista em frente e do lado do sul, sendo fechada ao norte por uma sinuosidade do rio, onde as duas margens pareciam confundir-se. Na direita, um pouco rio-abaixo, e opposta á enseada de Folgoso, abria-se a ladeira em meio circulo; e lá por cima, atravez do arvoredo, apparecia em parte a quinta ou, como então se dizia; «villa» de Eiroriz, com o seu «assentamento», ou casas de habitação, abegoarias, curraes, etc. e choças das familias servis. Por traz erguia-se alta e escura a serra viva de Miranda. Mais adiante, e sempre na direcção da corrente, a vista lançava-se pelo fundo e estreito valle, até que, alargando este, se descobria ao longe, n'uma collina separada da serra, e ainda na margem direita, uma das maiores propriedades que então havia na visinhança, denominada Villa-mór e pertencente ao fisco, cujas eram as pastagens e terras cultivadas que a rodeavam até certa distancia.

No sitio desviado, e por costume solitario, d'onde se gozava esta scena, vamos agora encontrar duas pessoas de diverso sexo, assentadas sobre o tronco de uma arvore cahida. O homem vestia um laudel ou saia de malha, que lhe chegava até perto dos joelhos, e se completava com o gorjal, ou gollilha; e nas pernas tinha caixotes e caneleiras de

ção. Do hombro esquerdo passava-lhe pelo peito e pelas costas, uma banda cramesim, tão cheia que fazia pregas, atando-se em nó na cintura, do lado direito. Ao pé d'elle jaziam o elmo comante, o escudo, e as manoplas de que se tinha desembaraçado.

Mostrava a idade em que predominam os sentimentos generosos, e na qual a alma tende a diffundir-se, ainda nos temperamentos reservados. Tinha rosto comprido e feições regulares. Uma testa elevada imprimia-lhe o cunho da intelligencia e sinceridade. Certa proeminencia na articulação da mandibula inferior, e o bem marcado de cada feição, davam um ar de firmeza e de vigor áquella physionomia, cujo aspecto habitual era grave e composto, suavizado todavia pela expressão pensativa, e não raro distrahida, dos olhos castanhos. Os cabellos compridos da mesma côr, que lhe cahiam sobre os hombros, eram indicio, bem como o estylo do traço guerreiro, de que o mancebo pertencia á classe nobre.

A sua companheira inculcava ter menos alguns annos, sendo de rara formosura. Tudo harmonisava n'aquelle rosto onde cada feição se desenhava com delicadeza. Nos seus olhos azues, guarnecidos de pestanas negras compridas e aveludadas, com sobranceilhas ligeiramente arqueadas, respiravam em alto gráo os sentimentos da alma: ali se divisava a doçura, a qualidade mais preciosa da mulher, constituindo a quintessencia do seu poderio. A parte inferior do rosto tinha a regularidade do typo grego, ao passo que a linha superior da testa, alargando e curvando-se graciosamente, indicava uma preponderancia do ideal. O que sobresahia na expressão da joven, era uma mescla de ternura e de certa altivez-que poucas vezes se combinam; mas altivez que não deixa de agradar n'essas physionomias; porque, sem revelar orgulho, é apenas uma manifestação natural da consciencia que temos do que nos é devido. Esta combinação só se verifica n'aquelles que no intimo são o que parecem: não coaduna com a minima sombra da farsidade.

Apesar do pouco que a favorecia o córte do vestuario, bem se adivinhava que as fôrmas do corpo esbelto e airoso, deviam condizer com a belleza do semblante e a graça

do gesto. Enroupava-a um vestido de lan branca de fina textura, o qual descia-lhe do pescoço aos pés, sem ser preso pela cintura, comquanto aqui perdesse em largura. Ia aberto de cada lado desde o sobaco, e apenas unido por uma serie de presilhas ou alamares cujos extremos seguravam-se com botões, deixando apparecer por baixo outro vestido tambem de lan, mas de côr alaranjada. As mangas, pertencendo a este ultimo, eram bastante largas em cima, diminuindo gradualmente até os punhos. Nenhum ornato se notava, a não ser que as ordens de botões continuavam por cima dos hombros, ou melhor, das articulações d'estas com os braços, para seguirem pelas costas abaixo, do outro lado das aberturas. Tinha a cabeça descoberta, e os cabellos pretos cahiam-lhe soltos, bastos e compridos, até abaixo dos joelhos.

A pequena distancia, um cavallo atado a uma arvore, pascia da berva. Tinha brida e redeas, com adereços no pescoço, e uma sella de arçõs elevados e estribos abertos.

«E hasde te pôr em jornada a taes horas? Vaes ao menos acompanhado? — perguntou a joven.

«O meu bucellario, Itaultus, que veio commigo de Lugo, adoeceu na mesma noute da nossa chegada, e cá o deixo em S. Miguel, ao cuidado de Vimaredo. Mas que tem isso? Vou bem armado; e d'aqui a Sâmanos são apenas seis leguas.»

«Não podes demorar a ida até madrugada? Porque tanta pressa, Guesto?»

«Porque assim m'o intimou Bermudo — respondeu o mancebo. — Foi o recado, que me dirigisse para Sâmanos tão depressa o recebessc. Chegou pela hora de sexta. Não parti logo, e bem sabes porque: ir sem te ver, depois de tanta ausencia; faltar ao nosso esperadouro, isso não, minha Ermesinda!»

«E o diacono não te fez saber o motivo?»

«Não; nem m'e admira que deixasse de confiar ao andador o que deve ser cousa de grande momento?»

«De todo não te hade ser desconhecida — replicou Ermesinda, insistindo.

«Pela fé de cavalleiro que nada sei; e mal me atrevo a suspeitar.»

«Ainda bem! Suspeitas!»

«Occorre-me ao pensamento o malaventurado filho de Froila.»

«Como? E elle tão longe em terras de Alava!»

«Longe está deveras, mas não da mente dos amigos; nem que estivesse presente nos tinha mais lembrados d'elle e dos seus direitos. Olha, Ermesinda, não ha cousa que eu saiba com força para distrahir Bermudo dos seus livros, do remanso de sua casa, e do bello bosque de loureiros que a cerca, salvo o que possa ser de vantagem a seu primo. Elle partia de Lugo para o mosteiro, na mesma hora em que me mandou seu proprio; e deve estar esperando a minha chegada.»

«Assim, suspeitas que se trata de Affonso?»

«Ha quasi um mez a esta parte que o diacono anda inquieto, como que sob o peso de algum cuidado maior, elle que se paga tanto do seu socego! Na antevespera da minha sahida de Lugo, 'veiu-lhe alguma nova, não sei de quem, nem d'onde. Quiz reter-me; e como eu não estivesse por isso, replicou com umas palavras que me tem dado em que scismar.»

«E que te disse Bermudo?»

«'Pois vae, filho, em boa hora', disse, com certa malicia no sorriso; 'vae, se tens tanta devoção em S. Miguel do Subrego; mas dá-me antes a tua palavra que ao primeiro aviso meu, voltarás sem detença'. Não fiz difficuldade em lh'o prometter, observando comtudo que me admirava estar no caso de ter parte, como parecia, em negocio de alto segredo, sem no emtanto merecer-lhe toda a confiança. Então accrescentou, com aquelle ar benigno que tu lhe conheces: 'Se fosse minha a puridade, dar-t'a-hia a guardar, amigo Guesto, por muito que estejas com o coração rendido; pois eu de ti me fio. Mas andarei por tal guisa que heide manter a fé que se tem em mim. Quando for tempo, o segredo de que sou depositario se descobrirá a ti e a outros sem que n'isso eu tome parte'.»

«Elle que sabe do nosso amor, e nos quer tanto bem, se te não revelou mais, è porque deveras o sigillo lhe foi imposto. Mas sabes tu o que me lembra agora?»

«E que te lembra, Ermesinda?»

«A transferencia de meu tio Tructesindo de Lugo para Mendumelo, cujo territorio, que ora governa, fica inais sob a mão da curia; e a chegada n'estes ultimos dias do conde Gondemir com poder supremo em Lugo, que ainda é mysterio até para meu pae, são que suspeita seja signal de desvalimento do valido. Quiçá não fosse estranha tal mudança ao negocio que preoccupa o bom diacono.»

«Não é mal lembrado, e pôde bem ser. Quanto ao mais, tenho para mim que o conde Froya não acertou. Mauregato não é homem da sua vontade: como todo o rei fraco e cobarde, não governa, é governado; sua mesma sombra o assombra, e quem lh'a faz parecer maior, maior segurança tem de se assegurar d'elle, conservando-o firme e esforçado na propria fraqueza. É o que faz a curia. Ainda que Mauregato se aggravasse d'aquelle agareno-christão, Gondemir, que se poderia bem chamar seu *hahgib*, não teria animo para afastal-o do paço, sem prasme da curia, onde predominam os advencios a que o proprio rei é vendido em corpo e alma, e dos quaes Gondemir é o mais poderoso. Anda ahí cousa encoberta. O certo é que o conde Tructesindo mantinha trato com Bermudo; e ha quem diga que não é muito firme no seu desamor a Alfonso, cuja causa pôde ser que esteja ora mais uma vez em via de acordar, sem quebra de boa fé, mas com melhor promessa para quando o tempo der vão.»

«Deus encaminhe! pois sabes que não quero mal ao foragido.»

«Ai de ti, Ermesinda, se taes palavras chegassem aos ouvidos de Froya Gutheres! Mas não ha sopro esta noite com força para lh'as levar — disse o mancebo, gracejando, e apontando para traz na direcção do castro de Folgoso, que porém se não via de ahí.

«Estás um tanto enganado, Guesto. Elle sabe que sua filha não é affeiçãoada a Mauregato, homem indigno e re-fece. Sabe tambem quanto lastimo a morte dada a el-rei Froila, o que hei tido sempre por feito torpe, sem porém dizer tanto a meu pae...»

«Se elle foi um dos sete condes!»

«Sim, foi dos conjurados; mas estou bem certa que não deu o golpe.»

«Ninguém sabe quem foi o matador; nem saberá nunca, talvez. Mas todos elles têm-no por feito glorioso, e não torpe, e, com elles, outros: matar um tyranno é matar um cão damnado. Sobrepõe elles a isso a razão de homizão. Acoimar morte pertence porém aos parentes; e o proprio Froila era o mais chegado a Vimarano, que trucidou. Não colhe pois o argumento, e fôra melhor aterem-se sómente ao primeiro. O fraco d'ess'outro bem o sentem elles, e conhecem que se tornaram homiziados legitimos perante Affonso, a quem compete o maior de todos os encargos da desaffronta e vindicta: remir o sangue de um pae. Por isso o não querem rei.»

«Por isso têm-no sempre perseguido.»

«Não é maravilha. O que porém se me afigura tal, é ver quanto se tem conformado a altiveza e isenção de genio que se conhece em Froya Gutheres, cujo peito é tão livre de temor, com tanta parcialidade e obsequio a um intruso infame e féperjuro, que com tamanha fraude e cobardia se apossou do solio.»

«N'isso pelo menos não foi consentidor meu pae. Mas tenho ouvido contar o caso por tão diversos modos, que não sei qual deva acreditar.»

«É certo que ao pintal-o, muitos lho têm dado a côr das proprias paixões; e por isso variam tanto as versões, que, acceitando-as, como acceitamos os quatro Evangelhos, não seriam conciliaveis, como estes o são. Eu me acosto, comtudo, áquella que nos dá Bermudo.»

«Ó quero ouvil-a, Guesto; pois que, só enganado, faltaria elle á verdade.»

«Reduzido a poucas palavras, eis como refere o-facto: Á morte de Silo, o rei mosarabe, foi Affonso eleito e alçado rei em Pravia por quantos ali tivessem voz, instigados a isso pela rainha Adosinda, como todos sabem. Ora bem: São passados poucos dias, chega Mauregato vindo de Cangas com sua mesnada, em que entravam os mais poderosos d'entre os advençicos, e tambem alguns optimates e capitães do reino, bem como antigos condes, proceres e primates da curia e paço de Froila, sabidos amigos de Vimarano; mas tudo, tudo em som de boa paz...»

«Entré elles não ia meu pae; estavamos n'esse tempo na nossa villa de S. Martinho de Quiroga.»

«Bem sei que o conde Froya não foi d'aquelles. Ora pois, acharam as portas fechadas. Fez logo Mauregato mensageiros a seu sobrinho, dizendo-lhe que a sua eleição não fôra legitima, por n'ella não ter tido voz senão pequena parte dos grandes da terra; mas que, merecendo a approvação d'elle e de seus amigos, viam confirmal-a com prestar-lhe formal serviço e obsequio. Trocaram-se os recados. A final, apesar dos conselhos da sagaz Adosinda, abriram-se as portas de ordem do moço-rei. Reunidos todos em palacio, os amigos do fornazinho, vencendo aos outros em numero, e apoiados do povo miúdo, também advenciça a mór parte d'ella, deram por nulla a eleição, alçando rei a Mauregato, e lançando mão d'aquelle que haviam já acceito e reconhecido! Acudiram outros parciais do fementido; iam a cegar o captivo esbulhado dos seus direitos, desistindo todavia do infernal proposito, perante as supplicas de Adosinda, e ajuramentado Affonso de nunca intentar soberania nas Asturias em vida do usurpador.»

«Meu pae não tomou parte em tão negra e feia traição —disse Ermesinda com insistencia.

«Não tomou; e oxalá pudesse eu dizer também que se lhe não acoustou, bandeando-se depois com o fornazinho! —respondeu Guesto, que, abstando-se a donzella de fazer qualquer commeto, proseguiu depois de uma breve pausa:—Esse odio que elle e outros trazem no peito, tamanho que até parece que votariam antes em Abderrahman, digo mal, no novo emir Hixem, do que no filho do trucidado, esse odio é effeito de abuso, que se desfaria como os vapores da madrugada sob o calor do sol, se conhecessem a indole e condição de Affonso. Mas não sabem, ou não querem acreditar, que se elle meditou jámais vingança, ha tempo que, por boas razões, afóra a natural inclinação, renunciou a esse triste privilegio. Tem aproveitado as lições de seu primo Bermudo.»

«Ai de mim!—disse Ermesinda com um suspiro,—quão dura é a nossa sorte, que nem a meu pae te permite confiar o muito que sabes do real foragido.»

O cavalleiro nada respondeu; apenas lhe franziu os labios um sorriso amargo. Parecia contemplar a scena que se lhe desenrolava diante dos olhos.

Era já noute. A lua estava na segunda quadra do crescente, como suspensa sobre as alturas por traz dos dous amantes, mas invisível para elles. O seu clarão, porém, dava ás aguas do Lor a apparencia de uma faixa prateada correndo em meandro através do valle para a esquerda. Na frente do terrado, a copa das arvores cerradas que vestiam a ladeira, estendia-se como uma alcaúfa resplandecente de luz movediça, com relevo de manchas mais ou menos carregadas; ao passo que se assignalava com admirável correcção o perfil irregular das cumiadas nuas e rochosas da serra Miranda, cujas massas negras se erguiam sobre o fundo azulado do céu.

«Que te sopram ora ao ouvido esses seres, inspiradores da melodia, de quem és tão valido? — disse Ermesinda a final. — Já que ao apartar-te de mim estás tão entregue a elles, dize-me pelo menos o que te confiam.»

«Os seres que te afiguram, não haixam até mim; sou quem ás vezes, chamado, tenho subido um pouco para elles. É só quando me affasto da realidade, para me perder ou esquecer nas regiões elevadas da phantasia, que sei conversar com elles. A toada que foi sempre o preludio das minhas tentativas, sem a qual me falta toda a inspiração; o canto que vinha não sei de onde, em som tão sumido que parecia cahir das estrellas, com cada nota porém tão clara e distincta como se sabbisse da propria voz minha; a musica intraduzível, que, ouvida a miudo, e que ainda no momento de a ouvir eu não poderia repetir, porque sem duvida não é para a voz humana, nunca a ouço senão quando vou esquecido d'este mundo. Então d'elle me desprende de todo, e dando vigor ao bater das minhas azas, chama-me para outras estancias onde só vivem amor e felicidade. Como querias tu que, ao pé de ti, no momento de me alongar do meu idolo, eu me olvidasse do negro horizonte que nos aperta de todos os lados? Para os infelizes, não ha inspiração, ha o desespero.»

«Mas eu sou feliz, pois tu estás ao pé de mim, Guesto. Quando estiveres longe, chorarei. Não heide porém desesperar, porque tenho fé em ti.»

«E tens rasão, anjo da minha vida! — exclamou o mancebo, tomando na sua a mão da donzella. — Serei cobar-

de, mostrando tu tanta fortaleza? Oh não! Para chegarmos ao paraíso devemos cortar as dores do purgatório. — Depois de um momento de silencio, proseguiu: — Vê, Ermesinda, não se te affigura symbolizado o nosso amor na harmonia que respira em tudo quanto agora nos cerca? Vê aquellas serras altaneiras que se levantam acolá como gigantes ameaçadores; se lá por cima não fosse o céu tão limpo de nuvens; se não fosse essa meiga claridade da lua, parecer-nos-hia medonho o vago, o confuso d'aquellas sombras informes, densas como o véo que encobre o nosso porvir. Mas n'esta hora mede-se-lhe a altura, definem-se-lhe os extremos, vê-se-lhe o termo; e o termo é o throno da Esperança.»

«Sejamos sempre fiéis a esse throno, meu amigo. Outrora, antes que estes olhos se puzessem em tí, quando na minha alma se despertavam anhelos, que não sabia definir, achava toda a variedade de impressões nas scenas que me offerecia a natureza. A alvorada dos rouxinões por baixo da janella, o trinar dos passarinhos no bosque onde me abrigava dos raios abrasadores do verão, a hora que mêdeia entre a luz e as trevas, o luar de uma noite calma como esta, o canto medonho dos castanhaes sacudidos pelo temporal, tudo me fallava ao coração uma linguagem differente. Uma bêta de luz que subitamente penetrasse a cerração, ou um aroma fluctuando no ar, causava-me um abalo, trazia-me uma recordação alegre de outra existencia esquecida, vaga, sem hexo, tão despreendida de tudo, e rapida como a estrella cadente. Tudo eram sensações que pareciam nascer de correspondencia e communhão entre o mundo externo e o mais intimo do meu ser. Depois que te vi, Guesto, tudo isso mudou. As vistas mais risonhas, os dias mais alegres não tinham já poder para me acordar da minha tristeza, estando tu ausente; nem a luta dos elementos em noite de inverno, turbava o meu regozijo, se por ventura estivesse ao meu lado. Á sensibilidade passageira, mudavel, indeterminada d'essa primeira época da minha vida, seguiu-se um estado d'alma que se firma n'um unico pensamento: Onde poderêi jámais encontrar inteira resposta ás commoções que se avivam em mim, ao vêr-te ou pensar em tí?»

«Nenhures, minha adorada amiga, a não ser no pulsar do meu coração, no ardor do meu affecto sem limites!»

N'este momento um remecher de folhas seccas soou entre a raniagem por traz dos dous amantes, que sobressaltados se levantaram. Mas comó o ruido durasse apenas um instante não fez maior impressão.

«O que será? — ponderou a donzella, agitada.

«Alguma ninhada no covil, talvez; não te assustes.»

«Partamos, Guesto; é tarde... é tempo de nos separar.»

«Ó quanto me custa!»

«Até quando? — perguntou ella com voz suffocada.

«Deus t'o dirá, que apraza!-o não sei. Ah! Ermesinda, se podesse pelo menos alentar a esperança que me acompanha sempre na tua presença; mas, ausente de ti, esvae-se como sonho.»

«Guarda o esmorecimento para quando ouvires que já não sou d'este mundo, ou que me vou unir a outro homem. Bem sabes que meu pae me não constrange a vontade...»

«Não t'a constrangerá, não te sugeará a um vinculo odeado, mas nunca consentirá n'aquelle a que te comprometteste. Nunca soffrerá que dês a mão a quem segue o bando de Affonso. E o mortal odio em que tinha meu pae, a quem Deus dê perdão, e que hoje vota ao filho, só por ser filho, não será empeço insuperavel á nossa felicidade emquanto elle viver? Ó proprio tempo, que com seus azos ainda a espaços me aviva a esperança perdida, não sei se nos devemos fiar d'elle; pois as vollas que dá ás cousas d'este mundo, quem as pôde prever? Acompanhamol-o pôrém no seu curso, tão seguros ás vezes como quem da ribeira contempla as aguas de um rio caudaloso, até que, tragados pela corrente traiçoeira, somos precipitados para o abysmo. E quem nos diz, Ermesinda, que á espera de dias mais felizes, os successos no seu correr veloz e imprevisto se não apossarão de ti, compellindo-te a quebrar a fé jurada...»

«Nunca! Assim o juro, e tomo Deus por testemunha. Pois, medes as forças de minha alma pelas do meu corpo? Mal me conheces, Guesto Ansures. Tudo é possível menos deslembrar-me do meu compromisso: ou serei tua ou de nin-

guem. Ainda que Froya Gutheres se tornasse duro commigo, e contra a promessa me quizesse arrastar aos pés do altar, sei de um asylo seguro: iria clausurar-me com as irmans de S. Miguel, onde tens achado tão amigavel albergamento.»

As ultimas palavras da donzella causarão menos estranheza, sabendo-se que se tratava de um convento duplex, para onde conduziremos o leitor opportunamente.

«Deus te abençoe, Ermesinda! Menti, menti como insensato! A lingua calunhiou o coração, que este nunca duvidou de ti, querida; nem perdeu nunca a esperança que ora n'elle trahorda. Sim, tenho fé no futuro. Creio, sim, que Affonso será restabelecido no throno. Creio que Froya Gutheres o verá então com olhos desvendados. Chegados ali, faltar-nos-ha apenas um passo para átingirmos o cimo da montanha, até hoje envolto em nevoeiros. Quem sabe? talvez o nosso porvir se hade agora preannunciar em Samanos!»

«Deus, o permitta!»

«Ha! ha! ha! — e a risada estridente, sahindo do bosque, reboou em echos prolongados pelas penedias e quebradas do monte. Era um rir que exprimia odio, raiva, triumpho.

Ermesinda estremeceu; o sangue se lhe gelou nas veias, e ella ficou immovel, fascinada por um terror subitaneo; ao passo que Guesto voltando-se com um movimento de sobresalto, poz a mão nos copos da espada.

«Fomos vigiados! Seremos trahidos! — exclamou a donzella.

«Só se lhe eu não arrancar a lingua! — respondeu Guesto, dando consigo na densa folhagem, e perdendo-o de vista Ermesinda. D'ahi a momentos ouviu a voz do mancebo, dizendo: — Se não és cobarde e espião, mostra-te!»

«Ha! ha! ha! — e resou de novo aquelle rir satânico, d'esta vez, porém, mais distante, e vindo de outro lado.

Ermesinda volveu os olhos para ali, e viu, á esquerda pela encosta abaixo, o vulto de um homem sobre um penhasco n'uma clareira que ali fazia a matta. Mal o tinha visto, desapareceu, galgando o que restava da aberta, e sumindo-se na espessura do bosque.

Ouvindo a segunda gargalhada, reconheceu Guesto a inutilidade de proseguir na busca, e voltou para junto da donzella.

«Vamo-nos já! — disse ella, tremendo-lhe a voz.

O joven foi soltar o cavallo, e seguiu Ermesinda, que se adiantou, descendo a encosta em sentido obliquo até entrar n'um caminho estreito.

«Maldita confiança! — disse Guesto. — Em má hora desprezei aquelle primeiro signal. . . Mas que novidade é esta? Não pôde ser que o conde suspeite? . . . que armasse espias sobre ti? . . . Se ao menos houvesse alcançado este com os olhos, já que o não pude com as mãos, fôra quiçá um clarão n'estas trevas.»

«Vi-o eu.»

«Que qualidade de homem representava? que traço vestia? que . . .»

«Não sei dizer; apenas lhe enxerguei o vulto. Ó Guesto em noute aziaga nós separamos! O futuro que ind'agora tão rico de promessas me parecia, se me antolha negro e lugubre. O nosso segredo será divulgado; meu pae. . . Deus me acuda! O conde saberá tudo! — e a donzella parou.

No sombrio do sitio, pois tão fechada era a rua que o luar ali não achava entrada, não pôde o mancebo ver a expressão da sua companheira; mas tocando-lhe o braço, sentiu como tremia.

«Não te atormentos d'antemão — disse elle, só para socego-la. — Se a realidade está ás vezes acima dos esforços da phantasia, esta, excitada pelo receio, costuma ir além d'aquella. Quem nos diz que o conde alcançará o que até hoje lhe havemos occultado? Pôde ser que quem nos esteve escutando, estivesse ali por acaso. . . algum servo fazendo caminho por atalhos. . . Ah, já sei! Deve de ser o aloucado de Subrego; costuma andar pelas serras de noute, segundo ouvi dizer ali. . . Está-me até parecendo que aquellas risadas eram mesmo de um orate.»

«Antes, de judeu que desse com thesouro, ou de inimigo antevendo segura a vingança, ou de demonio colbendo a alma seduzida! Guesto — proseguiu a donzella, apertando o braço ao cavalleiro, — não sabes de alguém que, se ou-

visse a confissão do nosso amor, soltaria uma risada semelhante a essa que ainda me está zunindo nos ouvidos, desafio e escarneo lançados ás nossas esperanças? Mas, a Deus graças! o filho de Gondemir está em Pravia, longe de nós.»

Tornando a caminhar, rodearam em breve a ilharga do monte, onde se abria o valle de Folgoso; e subindo, chegaram perto da aldêa, povoada então pela «família» do conde Froya, segundo a expressão do tempo para designar os servos collectivamente.

Iam dizer-se adeus, quando ouviram uma voz de mulher em lamentos, subindo do fundo da ribanceira onde corria o riacho. De envolta com aquella voz vinham outras mais grossas de homens que fallavam.

«Alguma pobre serva, quiçã, seguindo o marido ou irmão, que levam preso—sugeriu Ermesinda.

«E porque não será ella quem levam a castigo? — ponderou o mancebo. — Que importa o sexo nos mesquinbos? O talhe gracioso do corpo, as feições delicadas do rosto, aquelle gesto suave e seductor, aquelle espirito e tacto tão finos, de que Deus doou á mulher, e a tí, Ermesinda, mais que a nenhuma, tudo falta na mulher enxotada do campo em que Deus a collocou. E não será isso um protesto de que encontramos a vontade de Deus asservando os nossos semelhantes? E' o que ás vezes me tem lembrado, pensando n'estas cousas. Bem sei que os Livros Santos se não oppõem, assim como toleram outros males; mas n'elles tambem se lê: 'Se alguém leva em captiveiro, sem captiveiro irá', e os irmãos de Joseph o experimentaram nos descendentes.»

«Tu sempre tens idéas, meu Guesto, que se não ouvem aos outros! Tambem quem ha ahí que saiba, como tu, ler o que teem escripto os sabios do mundo, salvo os padres, que a isso são tidos e obrigados, e não ás armas, nas quaes todavia nenhum d'esses guerreiros feros e bravos sabem pôr o risco adiante de Guesto Ansués!»

Era tempo de se despedirem; e posto que não fosse a primeira vez, nunca foi com tão mal assombrados prognósticos.

Depois de perder a donzella de vista, o mancebo mon-

tou a cavallo; e, voltando com rosto no rio, tomou depois pela esquerda, descendo por um caminho até perto da embocadura do arrayo da Ribanceira, que atravessou, seguindo ávaute não longe da margem do Lor, e na direcção da sua corrente.

II

EM JORNADA

O ermitão, qde perto estava, lle accdiu.

BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça*.

Ermesinda, que ainda em teura idade perdêra a mãe, era filha de Froya Gutheres, neto de um nobre godo que acompanhára Pelagio na sua retirada para as Asturias.

Passou ella os primeiros annos em Cangas, então capital do reino, onde Froya exercia um cargo importante no paço e nos conselhos do rei Aurelio, com quem tinha valimento, e em prol de cuja eleição pugnára com ardor e efficacia.

Durante o reinado immediato, a inimizade da rainha Adosinda, mulher de Silo e irman do assassinado Froila, induziu, seffão obrigou o pae de Ermesinda a conservar-se arredado da córte, cujo assento o novo soberanó mudára para Pravia.

Recolheu para as suas terras, de que a maior parte se achava em Riba-Lor e nas margens ou visinhanças do rio Sil, nomeadamente no valle de Quiroga e no territorio de Lemus, onde, n'aquelle tempo, ainda existiam as ruinas de Dactonio, capital dos Lemavos, na mesma collina de fórmá quasi conica em que hoje se vê a villa de Monforte, cercada de uma extensa planicie. Em quanto esteve affastado dos negocios publicos, Froya vivia ora n'uma ora n'outra das localidades sujeitas ao seu senhorio privativo.

Quando Mauregato chegou ao solio, o antigo magnate da

curia de Aurelio obteve o governo de um condado da fronteira, abrangendo o territorio entre os rios Cabe, Sil e Valcarce e as serras de Cuperio (hoje Cebrero), e de Lózara, em cuja circumscripção se achavam as suas propriedades. Costumava passar a força do verão no castro de Folgoso; mas a maior parte do anno em Quiroga, onde, além da sua «villa» de S. Martinho, havia, a meia distancia entre os pequenos rios Quiroga e Soldon, no topo de um alto que domina o Sil—admiravelmente escolhido como ponto de vigia e defeza—uma das principaes torres de atalaya mandadas construir por Affonso I para defender as suas fronteiras meridionaes. Ali havia sempre guarnição, existindo um castello que ao depois tomou maiores dimensões, do qual se vêem ainda hoje as ruinas, que são do dominio particular do actual conde de S. Martin de Abajo. No momento dos incidentes que vamos narrar, Froya e sua filha estavam quasi em vespera de voltarem para Quiroga.

Era o quinto anno do seu governo. No verão antecedente, tinham ido, pae e filha, passar uma temporada no norte, permanecendo Ermesinda em Lugo com seu tio materno, o conde Tructesindo, que ali governava, em quanto Froya fazia uma visita á cõrte em Pravia.

Em Lugo tinha Guesto Ansures a sua morada. Ali se dedicava ao estudo, a que fõra animado pelo irmão de Aurelio, o diacono Bermudo, que tambem residia n'aquella cidade, e tinha tomado o mancebo em afeição.

Foi, pois, por tal ensejo que Guesto e Ermesinda se encontraram pela primeira vez; originando-se d'ahi mutua sympathia. Mas conscios da fatalidade que os separava, souberam encobrir os seus sentimentos ao conde Froya quando este voltou da cõrte. Antes porém do regresso para Quiroga comprometteram-se a esperar occasião favoravel para realisarem as suas esperanças; e a presença do príncipe-diacono, que os protegia, dando certa solemnidade ao acto, fizera com que se considerassem moralmente desposados.

No meiado de julho, isto é, tres mezes antes da data d'esta historia, Guesto viera passar dous a tres dias em companhia de seu amigo Vimaredo, prior do convento duplex de S. Miguel, sito em Subrego, na margem direita do

Lor, e distante uma legoa ao norte do castro de Folgoso, conseguindo avistar-se uma vez com a filha do conde. Chegára de novo a S. Miguel na ante-vespera da tarde em que o apresentámos ao leitor; e a entrevista dos dous amantes no eirado do Bustilho, era a segunda, desde a despedida que se haviam dado em Lugo.

Acompanhemos agora o guerreiro-poeta na sua viagem.

A meia hora de distancia do riacho da Ribanceira, chegou a um vão do Lor, um pouco abaixo da sua confluencia com o Lózara. Vadeado o rio, seguia este ainda por um pequeno espaço, começando então a subir uma encosta povoada de frondoso arvoredo. D'ahi a pouco passava não longe de um grupo de moradas pertencente a uma herdade, na ladeira que lhe ficava á esquerda. Pelo outro lado dominava o valle de Lózara, que, em breve, parecia um abysmo pelo empinado do terreno e o precipicio que orlava o caminho.

Não teria andado assim mais de um quarto de hora, quando de repente, ao dobrar um angulo ou cotovello da ladeira á esquerda, recuou o cavallo espantado, fitando as orelhas; e, pulando, foi dar comsigo á beira do precipicio. A situação era perigosa: recuasse o cavallo mais um passo, e a queda pelo despenhadeiro era inevitavel. Bastou um virar d'olhos para que Guesto se certificasse do facto, e soltando a redea, que no primeiro impulso apertára, enterrou os acicates, de uma só ponta, nas ilhargas do animal, que, movido pela dôr e talvez pelo instincto, venceu de um salto a distancia que o separava do outro lado.

Mal o cavalleiro se viu livre de um risco, eil-o mettido em outro. O ginete não se tinha bem firmado nos pés, quando uma mão possante travou d'elle pela brida, ao passo que dous homens armados de espadas, cahiram sobre Guesto, que apenas teve tempo de pegar na clava de ferro que lhe pendia ao arção da sella. Vibrando-a, fê-la cair com força sobre aquelle que segurava a brida, o qual se tinha abaixado. O homem foi á terra; mas o cavallo empidava-se n'um arranco de agonia, cahindo logo estripado em cima de quem o ferira.

Levado pela queda, e largando a clava, pôde o cavalleiro todavia suster-se, desembaraçado dos estribos; e pu-

xou da espada para defender-se dos golpes com que os dous aggressores o vinham carregando.

«Ah! teedores das estradas, que me quereis? — bradou elle.

«O que te queremos, homem dos cantares, no inferno o saberás já, ainda na falta do companheiro que cuidas ter para lá despachado — respondeu um dos dous.

«Conheces-me?»

«Defende-te, Gesto Anures!»

«Ah! E quem és tu? Que tens commigo?»

«Se não morreres de um lance, talvez t'o digamos.»

O calor que ia tomando o combate, suspendeu o dialogo.

Com quanto o mancebo conseguisse, depois de alguns minutos, pôr-se de vantagem no plano inclinado que fazia o caminho, dominando assim os salteadores, não durou muito a situação. Obrigado de novo a voltar de face, ia já cedendo terreno pelo declivio, e desconfiando do desfecho, pois que os seus adversarios eram robustos de corpo, e muito senhores de si no manejo da arma, quando assumou um vulto agigantado, coberto de um manto branco que lhe chegava até aos pés, o qual vibrando um cajado, avançava contra os aggressores.

Estes, vendo appareição tão repentina, a que as roupas alvas augmentavam o effeito mysterioso, foram tomados de um panico. Um deitou-se a fugir pela estrada abaixo; mas o outro, que parecia ser o objectivo immediato do que tomavam, talvez, por phantasma, só pôde, attenta a sua posição, desviar-se para o lado, a fim de evitar o golpe que vinha imminente.

Ouviu-se um grito de agonia; um só. Abateu-se o cajado com peso; mas a ponta foi ferir a borda do precipicio — aquelle contra quem fôra dirigido, tinha cahido pelo despenhadeiro!

O horror pareceu senhorear-se por um instante, tanto do cavalleiro como do homem do cajado. Acabar com os salteadores, fôra o proposito de ambos; mas esse genero de morte, em que o sacrificio se encobre dos olhos, produz um effeito mais profundo que a vista do cadaver envolto em sangue. Este pôde causar dó ou asco; aquelle enche-nos de assombro, é um como echo sahindo das trevas em

que se estorce a phantasia, e repercutindo das profundidades do mysterio.

Guesto e seu salvador, dominados por aquelle sentimento, pareciam paralyzados; mas durou este estado apenas um momento. O mysterioso personagem, approximando-se mais à beira do precipicio, fitou a vista nas suas profundezas; o silencio da morte reinava no abysmo.

«Deus se amercee de sua alma! — disse elle, persignando-se; e dando alguns passos para Guesto, perguntou-lhe: — Ficastes com feridas?»

«Sangoentas, não creio; mas feridas chans, haverá; pois d'alguns dos golpes sinto ainda o peso. Isto todavia nada vale ao pé da pena que tenho de que aquelle homem acabasse assim. Levou comsigo um segredo que desejava conhecer; e o que escapou já se não vê.»

«Esse está fóra do nosso alcance.»

«Não sei, na verdade, como vos hei de pagar tamanho serviço, valente e esforçado amigo; pois que a vida não tem preço.»

«Assim é para os que se pagam do mundo; mas se vos prestei algum serviço...»

«Algum serviço! — exclamou Guesto, interrompendo-o. — Bofê, na vossa chegada tão a ponto, em sitio tão escuso, e a taes horas, andou por certo o dedo de Deus.»

«A Elle pertence toda a boa obra, a Elle todo o louvor; não aos instrumentos de que se digna servir-se. Bem vejo, porém, que sois estranho a estes arredorés. Sabereis, pois, que a poucos passos da estrada, está o presbyterio de S. Cosme e S. Damião, fundado, em commemoração de um milagre, pelo senhor da herdade de Toisun, perto da qual passastes no começo da subida. Sou indigno ministro d'essa Casa de Deus; e ouvindo o revolto que por aqui andava, lancei mão do meu cajado, e aproximei-me. O que vi e ouvi bastou para me convencer de que sobre ser desigual o partido, era criminoso o intento do maior numero, e não hesitei entre usar do braço ou da palavra, conhecendo que esta de nada servia. O resto sabeis vós.»

«O que eu tomára saber agora, reverendo presbytero, é quem me armou a cilada, que certo veio de mão conhecida. Talvez seja ainda tempo.»

Passando a verificar o estado do homem posto fóra de combate, acharam-no cadaver, quer por effeito do golpe da clava, quer pelo peso do cavallo, que depois se abatera sobre elle.

As feições do morto eram-lhes estranhas; mas á vista do traje, conheceram que fóra da classe dos bucellarios; isto é, dos que a troco do patrocínio que recebiam de algum poderoso, se obrigavam a certos serviços, designadamente ao das armas. Esta instituição dos godos se conservára, como outras, nos primeiros tempos do novo reino, supposto que provavelmente mais ou menos modificada.

Na impossibilidade de continuar já a sua jornada, acceitou Gnesto a hospitalidade que lhe offereceu o ecclesiastico. Entrando pois na matta que cubria a ladeira, chegaram, em poucos minutos, a um espaço claro desbastado de arvoredo, no qual a lua dava em cheio.

Aqui, encostada a um penedo enorme, via-se uma pequena igreja. De largo mal teria trinta palmos, e de comprimento pouco mais. Era construida de barro e pedrapiçarra, que abunda n'esses sitios. Tomava-lhe toda a frente um alpendre, que, com telhado mais baixo que o do corpo do edificio, se apoiava em quatro columnas grossas e lisas, arredondadas na parte superior, mas sem capiteis em sentido rigoroso. As hobreiras da porta principal, aliás unica, conservavam o mesmo estylo, sendo porém de menos vulto que as columnas.

A um lado do templo, estava um carvalho giganteo. Ostentava aqui a natureza a sua força e exuberancia, a par da arte rude nas fórmãs e acanhada nas proporções, como que confessando a propria humildade sem visos da competencia a que mais tarde aspirou. Via-se do outro lado da arvore, e ainda arrimada ao penedo, uma pequena casa sobre o comprido, e de pouco fundo, com uma porta e duas frestas.

Tal era a igreja de Tolsun, e a morada do presbytero que a servia.

III

O PRESBYTERO DE TOLSUN

Podeismo o Habito lançar,
 que não venho contrafeito;
 porque se eu me mudar
 será para outro lugar
 algum tanto mais estreito.

AFONSO ALVERES, *Auto de S. Antonio.*

Depois de verificar que o mal recebido no conflicto com os salteadores não passava de contusões, como aliás suspeitára Guesto, que se alliviou da armadura, o primeiro cuidado do presbytero foi tirar de uma parteleira, o resto de um grande pão de avêa, algumas castanhas e maçans, um vaso de mel coado e limpo, e um pequeno odre, depositando tudo em cima de uma mesa de carvalho tosco, que, com tres escabellos e alguns utensis caseiros, compunha a mobilia do primeiro dos dous quartos em que era dividida a habitação.

«Trazeis fome, quiçá — disse elle; — peza-me não, ter cousa melhor para offerecêr-vos.»

«Não vos affijais por isso, reverendo padre; tinha pouca vontade de comer, mas a vista d'esta cœa m'a desperta.»

«Provae do vinho. Esse sim, vol-o asseguro bom, com quanto seja da terra.»

«É deveras optimo! Passaria bem por vinho de Spania.»

«Mandou-m'o Donani. . .»

«Donani? Ah, sim.»

«Donani Zalamsi, o presor. Mora d'aqui espaço de tres legoas, em sua villa de S. Pedro, cujo asceterio fundou. Nenhum homem n'estes sitios, tirando o conde Froya, é senhor de tantas villas, herdades, deganhas e alcherias,

sem fallar em senras, bustos e pacigos. Quanto a vinhas não tem competidor.»

«Por ali passei na vinda. Ouvi dizer que, tempos ha, viera de Spania com parentes seus e grande cateiva de servos.»

«Veiu dous ou tres annos depois de Froila ser alçado rei; e consentido d'elle, senão convidado — continuou o sacerdote. — Por signal que foi ao som da buzina e com a bandeira real despregada, e authorisado do conde de então, que tomou de presuria, aquem e alem Cabe, os montes e terras que jazem dês a serra Santa Barbara até a de Arrotea, onde havia villas antigas, abandonadas á primeira irrupção dos ismaelitas, e despresadas do bispo Odoario, quando, ha quasi cincoenta annos, restaurou diversos territorios dos condados. Donani povoou algumas villas com parentes do seu sangue, outras com libertos, mas a mór parte com gente de sua familia.»

«É homem poderoso, ao que parece.»

«Tanto que o conde Froya, que de boa vontade daria com elle d'averso, foge de o ter descontente.»

«Não lhe tem pois afeição o conde?»

«Não lh'a tem, não; supposto que ambos a tenham a Mauregato. Froya-Gutheres é homem assomado e escravo da soberba, como o são todos da sua raça... Todos não, pois tem uma filha que n'isto se lhe não parece; é um anjo de bondade, e mui compassiva das penas que vê nos humildes. Mas o pae vê com mãos olhos os homens vindos de Spania; não os mesquinhos, mas esses que por sangue ou riqueza querem emparelhar com os godos de Pelagio; e agora mais do que nunca, tendo os advendiços tanta prestancia na curia. Donani Zalamisi é filho lidimo de ismaelita; mas o pae era godo de sangue tão limpo como do mesmo Froya Gutheres.»

Não só as palavras, senão tambem o ar um tanto peregrino do presbytero, faziam certa impressão no seu hospede. Estava aquelle á beira dos annos em que os homens, pela maior parte, de boa vontade lhes fariam desconto de algarismos, em beneficio dos haveres. A sua estatura era muito acima da mediana, e não obstante cobrir-lhe a veste o corpo todo, ainda se via bastante das fórmias para ajni-

zar de quão membrudo, vigoroso e forte devia ser esse corpo.

O rosto, meio encuberto por um capuz, explicava de alguma sorte um tal ou qual resalbo de amargura que sobressahia nas ultimas phrases do sacerdote; porque Guesto reconheceu á primeira vista que não era de linhagem goda.

A fórma mais espherica do que oval da cabeça, as feições arredondadas, e a forte depressão entre o nariz e a testa, em que se via uma cicatriz, eram claros indícios do typo celtico; isto é, da raça que, a par da romana, e ás vezes mesclada com ella, predominava nos montes do norte ainda no tempo da invasão dos sarracenos, e que a grande migração, começada havia outenta annos, e indo sempre em augmento, dos godos do sul com seus servos, alguns da mesma raça goda, outros da romana, viera collocar n'uma situação menos vantajosa, adquirindo a casta guerreira o poder effectivo e a influencia local, onde d'antes só possuia supremacia nominal, a sombra sem a substancia.

Esse rosto, aliás bello pelas feições, era prematuramente enrugado, de uma pallidez excessiva, e de uma immobillidade, quanto á expressão, que acabava por incommodar quem o contemplava.

«Não sois amigo da nossa raça — disse o cavalleiro.

«O homem que acarinhou o meu fiel rafeiro, se no meu lar se torna contra mim, peor mil vezes é que o lobo da floresta: a este lhe fechamos a porta, ou lhe damos caça.»

«Sois injusto, venerando amigo.»

«Injusto! Está de vêr que recebestes de vossos paes lição diversa da que tive dos meus; mas a verdade é tão uma e tão estavel como Deus Senhor Nosso. O vôo da aguia não era mais livre, que livres eram as nossas vontades em tempo dos reis de Toledo; e os ventos rijos do monte, açoiando-nos as faces, não tinham poder para dissipar a alegria que os animava. Os homens do sul, fugindo aos moradores do deserto, pediram-nos agasalho. Recebemol-os como a irmãos, e ajudamol-os a rechassar aquelles que os vinham acoessando. Mas depois, tornando-se fortes em numero, tomaram para si o poder, excluindo-nos a nós. Quão pesado foi já em tempo de Froila, diz-vol-o o levantamento que houve então em Galliza, empresa em que, mal peccado,

succumbimos. Um ultimo esforço fizeram os de minha raça, ainda ha bem poucos annos; mais, não longe d'aqui, no monte Cuperio, deu-lhes Silo o derradeiro golpe. Já não somos o que fomos; como quereis vós que sejamos amigos de quem nos pizou á falsa fé?»

Conscio do bem fundado d'esse discurso, não replicou o cavalleiro, dizendo ao cabo de uma pausa:

«Testemunha da vossa força e esforço, estou que em vós tiveramos valente guerreiro, se a Igreja vos não houvera reclamado por seu. Não foi de certo por fugir ao serviço das armas que vos entregastes ao de Nosso Senhor.»

«Grande verdade dizeis, cavalleiro... Mas não fallemos em mim.»

«Dizei-me pelo menos como heide chamar o meu defensor?»

«Osoredo. É nome obscuro, desconhecido fóra da visinhança. O vosso...»

Interrompeu-se o presbytero.

«E porque não vos heide dizer meu nome? Chamam-me Guesto Ansuers.»

Levantou-se Osoredo. Notava-se-lhe maior brilhonos olhos; a mesma pallidez, porém, nas faces, e falta de commoção no semblante. Aperlou a mão ao cavalleiro; a do presbytero era fria como lousa sepulchral.

«Sois amigo do filho de Froila; em mim vedes outro—disse; e tornou ao seu assento.

«Conheceis-me!»

«Chegou-me o vosso nome até este recanto nas azas do louvor, unico rebate que dá preço á fama.»

«O costume dos homens é apregoarem muito alto os merecimentos alheios, quando deixam de encurtar-lh'os, ao que são mais inclinados—ponderou o mancebo com um sorriso.—Mas quem me havia de dizer que fosse de vós conhecido, não só de nome, senão tambem pelos sentimentos!»

«Não vos admireis d'isso; ninguém aqui me tem fallado em vós. Ha muitos annos que cortei pelos vinculos que me ligavam com o mundo, que se tem esquecido de mim, á excepção de um só homem: esse que me ensinou as letras, quando, deixando a vida secular, me resolvi entrar em or-

dens. Por vezes nos carteamos. N'uma ou outra carta tem-se referido a vós, e ás vossas rimas e cantares, remettedo-me alguma copia.»

«Somos pois amigos da mesma causa, Osoredo. A gratidão fez com que vos queria já; este novo liame dará constancia e efficacia ao meu affecto. Adivinho; fostes guerreiro antes de ser sacerdote.»

«Este servo de Deus, e vosso, cresceu de feito sob o peso da loriga, que só largou para se atirar aos degrãos do altar.»

«E combatestes ao lado de Froila...»

«Isso nunca! Votava-lhe odio mortal.»

«Que me dizeis!»

«Pois admira que odeasse aquelle que, não satisfeito com faltar a ira nos ismaelitas, inimigos communs, se tornou a meus irmãos de Galliza e Alava? Morreu todavia esse odio, ao apagarem-se as forças de minha alma. Mas não se apagaram de todo; sobreviveu um affecto, o unico: o amor que tenho ao filho do homem aborrecido. Uma unica esperanza mé fica abaixo da que conservo em Deus: é ver Affonso rei das Asturias.»

O cavalleiro fitou os olhos em Osoredo com ar d'espanto. Caracterisava-o porém a reserva, que de ordinario acompanha os espiritos meditativos e entregues a pensamentos de ordem elevada; ter-lhe-hia repugnado manifestar uma curiosidade vulgar ou indiscreta. Reprimiu portanto a exclamação que lhe roçava a ponta da lingua; e só disse, após uma pausa:

«Não me é dado comprehender o alcance do que acabaes de me dizer, Osoredo; mas bem vejo que o juizo tem maior poder em vós que a paixão. Reconhecestes que as virtudes do filho não só clamavam contra a transmissão do odio, senão que ainda vos mereciam amor. Assim lizessem outros!»

«Se a voz geral não mente, Affonso é modelo de todas as virtudes; e quando assim não fosse, desejára eu acreditar-o.»

«Ah! Não o conheceis, pois? — perguntou Guesto, subindo de ponto a sua surpresa.

«Vi-o no tempo da sua estadá no mosteiro de Samanos;

pois que vinha demorar-se uma ou outra vez aqui perto, em S. Miguel de Subrego.»

«E entrava nos doze annos quando d'ali se partiu para Pravia, chamado por Adosinda. Assim como o javali, antes de lhe crescerem as presas, faz acto de rasgar, assim no potro tambem se divisam já os signaes do guete perfeito — ponderou Guesto.

«E não raro os que do sangue se herdám — accrescentou Osoredo.

«Do pae tem Affonso o denodo; pouco mais.»

«Da mãe, comtudo, ficou-lhe muito; e *ella é da minha raça*. Oh, quanto se parecia com a mãe! — e a voz do presbytero tremia. Depois, fitando os olhos no chão, proseguiu mais baixo, com ar distraído: — com a mãe, quando a arrastaram captiva de Froila, o assolador da sua patria, e depois seu esposo.»

«Assim que, vistes Munia no tempo da sua maior belleza?»

«Ah! E quem o disse? — respondeu Osoredo, sobresaltado. — Mas em consciencia não tenho porque negal-o. Caiu-me a lança, como a muitos, ver a rainha Munia quando os annos lhe pezavam pouco, e a todos excedia em formosura.»

«Nunca tive essa fortuna — disse Guesto. — Mas vejo-a sempre em fantasia, como a vi certo dia, em tempo dos meus primeiros annos.»

«Folgaria de vol-o escutar.»

«Era uma tarde de verão. Estavamos assentados eu e o pio Alanagildo, meu mestre, sob a frondosa ramagem de um carvalho, na nossa herdade junto ao sitio de Pico de Regalados, entre Cávado e Lima, duas legoas ao norte de Braga. Aquelle bem, que nos vinha dos avoengos, é hoje perdido para nós, e Deus sabe se para sempre!»

«Sois, assim, no conto dos advendiços, Guesto Ansu- res?»

«Perdoai, que não sou. Isto é, no sentido que ora se dá a essa palavra. Não sou *mosarabe*; meus paes nunca pagaram o *kharadj*, nunca se sujeitaram á lei dos muslemanos. Pelos tempos da primeira invasão, meu avò, ainda novo, emigrou para o norte. Mais tarde, quando, graças ao valor

do grande Affonso, que elle acompanhou nas suas correias, os ismaelitas foram repellidos para alem do Douro, elle cobrou de novo o senhorio de Regalados. Depois da sua morte, voltaram os homens de Mafoma; mas, passado certo prazo, ficou o paiz outra vez limpo d'elles. Foi então que Ansur, meu pae, tomou assento por alguns annos em Regalados, onde nasci. Foi no primeiro anno de Aurelio que aquelle districto se tornou inhabitavel por quem não acceitasse o jugo dos invasores, que voltaram em grande força; e Ansur mudou então a sua residencia para Lugo, onde tinha, no condado Flammoso, e em Campo Furco no condado Naviense, algumas villas e herdades povoadas por seu pae no tempo da grande restauração feita pelo bispo Odoario e outros poderosos. Mas, como vos ia dizendo, o que sei da historia da nossa raça quando em Toledo senho-reava toda a península; o que sei das invasões dos guerreiros do Maghreb, e da migração dos nossos avós para as brenhas do norte, apprendi-o da bocca do bom Atanagildo. . . »

«Era filho da Igreja, por sem duvida?»

«Era padre de S. Pedro de Maximinos, quasi a unica igreja que ficára de pé em Braga. A elle tambem devo a primeira lição dos livros, nem live outro mestre enquanto viveu; pois que nos acompanhou a Lugo, e depois para Cangas, quando, no terceiro anno de Aurelio, meu pae foi chamado a tomar assento na curia. Mas vamos ao caso. N'esse dia, o santo homem contava-me, pela primeira vez, a historia da linda Munia; e não sei dizer-vos quanto me commovia a lição. Pintava-me de um modo tocante a captura da joven; e eu, mal vendo atravez das minhas lagrimas, tinha os olhos fitos no rosto venerando de Atanagildo, quando eis que aponta para o céu. Vi então uma aguia das maiores, batendo os ares com azas possantes, e segurando nas garras um cordeiro. 'Vê, meu filho, exclamou, ali tens o rei fero e cruel levando a pobre coitada!' Com o coração a pulsar, segui da vista o tyranno do empyreo, até vel-o baixar com a sua préa, lá mui longe nos pincaros da serra Gaviara. Tal foi a impressão d'aquella scena na minha imaginação infantil, que sempre se me tem afigurado Froila sob a fórma de uma aguia, e Munia a modo de innocente cordeiro, despedaçado por bico truculento e feroz.»

«Tendes duvida em repetir-me a historia de Munia, como vol-a contou Atanagildo?»

«Nenhuma, se vos sentis com paciencia para escutar o que muita vez haveis de ter ouvido.»

«Embora, contaí sempre. A historia muda de traje tão a miudo, que não raro a novidade se encontra nas mais velhas tradições. Bem se atira o picanço ao tronco morto, e lá por baixo da cortiça podre, acha vida em que cevar-se.»

Obtemperando pois aos desejos de Osoredo, Guesto começou, a sua narração:

«Quando Froila, no terceiro anno do seu governo, teve rebate de que os povos de Alava pretendiam negar a sua autoridade, sacudido da ira mandou appellidar os homens livres das Asturias e da Galliza; e acompanhado de numerosa hoste, representando umas poucas de tiufadias, muitos magnates, cavalleiros, e presores, entrou em som de guerra por aquelle territorio de Alava, que deixou regado de sangue e adubiado de cinzas; mas só depois de muito lidar e varia fortuna. O vento, porém, que sopra rijo, só abate o tronco forte que resiste; diante de si levanta e empurra a palhinha, a folha secca, a flor despreendida da sua haste. Assim, na dianteira dos guerreiros de Froila, se movia em saracote uma chusma, impellida para as penas da servidão; e n'ella só se viam os fracos e os timidos: crianças, velhos, donzellas sem apoio, em cujas faces as lagrimas de um amargor prematuro desbotavam o viço das cores. Os robustos e valentes, esses tinham succumbido. No numero d'aquelles que assim, arrastando os passos da desesperança, caminhavam para a cruz do captiveiro, achava-se Munia, donzella de dezoito primaveras, linda e gentil entre todas. Rosa colhida no chão ensopada em sangue, conservava a sua fragancia nativa; e Froila, apenas n'ella poz a vista, sentiu penetrar-lhe no coração de ferro a subtil emanação que de escrava a fez, sem querel-o, senhora de uma vontade até ali indomavel. Cabira Munia em poder dos invasores, depois da bem ferida batalha de Amurrio, sobre o rio Nervion, onde todos seguiam a voz do pae da donzella, homem principal da terra. N'aquelle combate perdera pae, irmãos e parentes. Chorava tambem a perda do seu desposado, mancebo de boa linhagem; faltando-lhe no-

licias suas julgava-o cahido em algum recontro. Montada em um ginete, sob a vista de Froila, não de envolta com os outros captivos, ia triste a donzella, desconsolada e entregue a sua dôr, quando de repente, ao atravessar a comitiva uma garganta funda e sombria, retumbou pelas angustias do sitio o bem conhecido grito de guerra dos homens de Alava, apparecendo ao mesmo tempo pelas penedias das encostas, um punhado de gente que com as armas alçadas, se precipitou sobre os guerreiros asturianos, que tomados de improvisio, foram postos em confusão. 'No cordeiro faz presa o lobo, mas o rafeiro vem-lh'o tirar!' exclamou o chefe do bando, vibrando a arma, e acercando-se para onde estava Munia, que, reconhecendo a voz e a figura do desposado, deu um grito de espanto e alegria, forcejando por escapar aos que a guardavam. Passado o primeiro abalo, Froila e seus capitães conseguiram repor alguma ordem nas suas fileiras, e apezar da estreiteza do sitio, tal foi o poder do numero, que os valentes e ousados assaltadores foram cahindo um após o outro, feridos de morte. 'Salvar-te-hei, Munia, ou a teus pés me verás morrer!' bradou o chefe abrindo caminho com a formidavel acha. Chegou junto da donzella, que já inclinava o corpo para elle, quando Froita, com os olhos em fogo, veio cortar o passo ao atrevido amante, clamando: 'Leve-te o demonio, pois o vieste affrontar!' O mancebo cahiu banhado em sangue; e com um grito sahido d'alma, perdeu os sentidos a desventurada Munia. Quando deu accordo de si, estava já longe do desfiladeiro malfadado. Que vos direi agora do que se seguiu? A flor arrancada por mão violenta, murchou; mas não perdeu o perfume; reverdeceu mesmo, tragando o doce orvalho das proprias lagrimas. Chegando a Cangas, el-rei esforçou-se para lhe ganhar a vontade, pois a queria fazer rainha. Mas ella recusou-se por muito tempo, até que conhecendo que el-rei resolvera fazer-a sua mulher ou sua. . . »

«As almas fortes, em taes lances, sabem cravar o punhal no peito! — exclamou Osoredo, interrompendo o cavalleiro subitamente, e mudando de postura; porque até ali, esculára immovel, com os cotovellos sobre a mesa, e a testa apoiada nas mãos.

«Por quem sois, pio Osoredo, quer-me parecer que não lhe houvéreis dado tal conselho, se Munia houvera posto o negocio em vosso juizo— respondeu Guesto, observando o padre, em cujas faces se via agora pela primeira vez um leve signal de rubor, e de animação.

«O vosso reparo é justo—replicou elle;— mal soa na bocca do sacerdote a expressão de sentimentos reprovados por Deus. Se Osoredo ás vezes se esquece de quem é, para se lembrar de quem foi, não se olvida todavia da penitencia. Prosegui, cavalleiro. Assim que, Munia, por não ser barregan, consentiu em ser esposa do matador de quantos lhe foram caros.»

«Mas triste foi o noivado; e na volta da igreja desmaiou a rainha. Correu voz que vira a sombra de seu primeiro noivo, e que mais duas vezes lhe appareceu. Foi tido por agouro sinistro; e de feito Froila morreu de má morte, passados poucos annos. Morto o esposo, Munia confiou o filhinho ao abbade e irmãos de Samanos, não por sua vontade, mas obrigada dos grandes que n'elle punham as suas esperanças. Recolheu-se ella ao convento que fundára em Amurrio, mas sem professar; e o mais certo é que não foi de moto próprio, mas constrangida dos nobres da curia, que a queriam ver longe do filho. Assim que dos dous partidos, soffreu prema a pobre mãe.»

«Accreditaes na visão da rainha, Guesto Ansures?— perguntou o presbytero, que com a cara meio occulta no capello, tinha reassumido a posição que abandonará momentaneamente.

«Não descreio, pois curvo-me ante o poder milagroso de Deus... direi mesmo, do amor. Sim do amor, aura divina que nos conduz até ao ádito dos gosos celestes! Aquelle que em si a recebe tem outra vista, outros sentidos que não têm os que vivem a vida vulgar. Sob esse influxo dilata-se-nos a alma a pouco e pouco, até que, emanando d'este nosso barro, como da flor emana o perfume, nos envolve o corpo n'um como fluido subtil; e desempedidos assim das péas da materia pesada e grosseira, vem-nos uma prelibação do céu que nunca se esquece...»

«Que nunca se esquece!— tal foi o echo que veio interromper o cavalleiro no meio do seu vôo ideal. Havia porém

na voz um reflexo tão vivo de magoa íntima, que, mau grado de Guesto, o impressionou profundamente.

«Que mal vos opprime, Osoredo?»

«Pois eu queixei-me de algum, filho de Ansur?»

«Ao coração diz menos a palavra que a inflexão da voz; a fronte na sua mudez pôde ser mais eloquente que os mesmos lamentos. Estes dão desconto ao padecer; a grande dôr é fragoa nas entranhas, e não acha lagrimas com que a apague.»

«Mas essa fragoa ou mata, ou por fim se extingue. Bem vedes que vivo,—disse Osoredo, descobrindo o rosto, tão pallido e impassível como d'antes; e proseguiu:—Se padeci no passado, hoje não é mais que o pesadelo da infancia de que se recorda o homem.»

«É todavia certo que ao passado vos prende mais que uma recordação vaga, pois anhelaes por ver enthronisar o filho de Froila.»

«E quem vos diz que este affecto não prende mais com o futuro do que com o passado? Se me quero esquecer do mundo, da Igreja de Christo me não esqueço. Mais outro rei como Aurelio, Silo e Mauregato, que seguindo as pisadas do idolatra Achab, tem levado seu povo pela estrada da propria perdição, e teremos a sê de Lugo convertida em aljama, e Pravia será assento de um wali dependente de Cordova. Para prevenir a ruina que nos ameaça, precisamos de outro grande Catholico, filho da espada, terror dos infieis. Ora, temol-o á mão; tambem se chama Affonso, mas nas suas veias corre o sangue de Alava.»

«Grande verdade dizeis, amigo. O opprobrio só terá seu fim quando os corvos e milhanos ruivos de Spania forem enxotados do ninho que construíram em Pravia; e quando os nobres falcões e açores sabirem da dormida a que dia e noute andam apegados. Mas, como dizeis, não temos outro caçador capaz de os matinar, afóra o real Affonso. Oh quando será chamado a isso!»

«Quiçá, mais cedo que se cuida, vejamos regressar a rola com ramo verde d'oliveira, para nos annunciar o fim d'este diluvio.»

«Que quereis dizer?»

«Não ouvistes fallar no estado de el-rei?»

«Tem-se dito que padece achaques de não sei quê; mas sem gravidade, ao parecer.»

«É porque ha quem queira occultar a verdade. Posso assegurar-vos que Deus, em attenção á impiedade de Mauregato, o feriu em suas entranhas, como fez a Joram, de uma enfermidade incuravel. Joram padeceu dous annos até que lhe sahiram as entranhas. Ora, ha cerca de dous annos que Mauregato está na prisão de Deus.»

«D'onde tendes vós novas tão certas?»

«Não vol-o disse já? Hoje recebi uma carta d'aquelle meu amigo. Vive nos montes de Liebana; mas está agora em Samanos, chegado de hontem.»

«Em Samanos! Elle é de Liebana, dizeis? Será por ventura o grande sabio e servo de Deus, Beato, abbade de S. Martinho?»

«Não é outro.»

«E dá-vos elle noticia de alguma novidade no mosteiro?»

«Diz que estão ali bastantes cavalleiros de diversas partes, tambem chegados de agora, e que se esperam outros. Mas não faz saber a que vem; só promette que antes de voltar para o norte virá passar uns dias aqui perto, em S. Miguel de Subrego, onde nos veremos.»

«Estou de caminho para Samanos, amigo presbytero, porque não haveis de vir tambem, para encontrar-vos mais cedo com Beato, e dar-me o gosto da vossa companhia?»

«Não vou aonde ha tantos desconhecidos. Deus não quer que os mortos tornem á vida antes do dia de juizo; e ha muito que sou morto para a sociedade — respondeu Osoredo com um leve sorriso, o primeiro que lhe via o seu hospede.

D'ahi a pouco dormia-se na hermidia de Tolsun; aproveitemos o ensejo para travar conhecimento com outros personagens.

IV

A NOIVA DO SERVO

Então se juntarão todos fervendo com gran sanha
com soberbosas palavras.

CRONICA DA CONQUISTA DO ALGARVE.

Na margem esquerda do Lor, a mesma em que se acha Folgoso, e a quatro kilometros d'esta aldèa, está assente a de Santa Eufemia, no meio de um grande e denso soute de castanheiros. Occupa, n'um dos já alludidos vãos em que por vezes se alarga o estreito valle, um recanto, muito acima da orela do rio, na encosta que se segue á do monte de Outra-Banda, e quasi de frente da de Tolsu, na margem direita.

No tempo, porém, da nossa historia, existia ali apenas um «villar» do senhorio de Froya Gathieres, povoado por uma familia de servos seus.

Um pouco antes da hora em que fomos encontrar Gaesto e Ermesinda no eirado do Bustilho, viam-se quatro pessoas á porta de uma pequena casa, apenas afastada da arribana e curral onde se recolhia uma manada de vaccas e ovelhas, entregue ao cuidado de dous zagaes.

Compunham o grupo dous individuos de cada sexo. As mulheres estavam assentadas n'uma grande pedra a um dos lados da porta, achando-se os homens do lado opposto. Um, já entrado em annos, tinha o chão por assento, e descansava os braços nos joelhos conchegados. O outro, que era alto, joven e robusto, estava em pé, arrimando se parte á parede, parte a um cajado que segurava no sobaco. Nas suas feições predominava o typo cellico, com mistura do romano. O traje de pelles ordinarias denunciava os dous como pertencentes á casta servil.

Das mulheres, uma era velha; ao passo que nos olhos e nas faces da sua companheira, brilhavam as côres e a viveza da primeira mocidade. Apesar do rustico do vestuário, a joven serva mostrava cara tão alegre e gentil, e tanta naturalidade no gesto, que parecia aos olhos de quem a contemplava, como a flor do bosque, inculta e silvestre, que bem increcia transplantada para o jardim; ou como a gazella, com toda a sua rudeza e esquivança, mas tambem com toda a sua graça nativa.

O sangue do Maghreb corria nas veias da moça; e em tanta abundancia que lhe pintava o rosto, a bem dizer, afeiçoando-o no molde berberesco. Os dous velhos apresentavam os mesmos caracteres, mas muito menos pronunciados, sendo modificados, no homem por signaes da gente romana, e, na mulher, pelas da raça goda.

«Ora cala-te, Sahema; não estejas a emperrar essa ton-tinha, nem encabeçar-lhe semrasões e rebeldias — disse aquelle que estava sentado.

«E que te monta, velho safado, a alforria que te promettem, com o villar, as vaccas, as ovelhas, os porcos e quanto aqui temos, se nossa filha se bañe linar de pura magoa? E Savarigo? Cuidas que é qualquer pegureiro? Não é elle alganame em Villa-mór? Não é servo del-rei? E a mais com o villar que teve o pae, servo como elle, mas com servos seus? Não é tudo d'elle hoje, como se fosse senhor bemdado? E que dizes do pomar que comprou com os soldos de prata que lhe vieram d'esse pae, junto com as olgas onde dá o melhor linho em Riba-Lor? Poder de Deus! não é riqueza bastante para nossa Mariame?»

«Isso é um sacco de castanhas a par do que pôde o conde para nós — replicou o velho com desdenho; e accrescentou: — Assim tu, Sahema, como eu, somos filhos de homens livres; a má sorte quiz que nossas mães fossem servas. Ora, havemos nós de desprezar esta aberta de pelo menos morreremos forros, e sobre isso ricos? Fôra dar em pequice!»

«Que nos dá de enriquecer á beira da cova, se não tivermos quem nos herde? se Deus para si levar esta, como nos levou os outros? — tornou Sahema.

«Ella não tem cara d'achacada; e mais, não se rejeita as-

sim o amor do Froya Gutheres. Elle não é homem que o soffra em gente tão somenos. Porque não havemos de lograr a boa sombra de quem pôde usar de força?»

«Assim faz, e irá fazendo, por haver tantos como tu, Zendo! — disse o mancebo, que, como se vê, era um dos alganames, ou por outra, principaes pastores da propriedade pertencente ao fisco na margem opposta. — Nós somos muitos; os poderosos são poucos; mas fracos e molles nos acharam sempre, e quanto mais amollece o barro, mais fundo entra a sapa ou enxada.»

«Dize-me isso a mim! — exclamou Zendo. — Vi-os tesos como pèrtigas, quando, em tempo de Aurelio, á voz de Sempronio (do sangue dos de Roma, como foi tambem minha mãe, que Deus tenha consigo), se ajuntaram para dar batalha aos senhores de terra. Mas de que lhes serviu o esforço? Os poderosos asinha os esmaguram; e deshi para cá mais se nos tem apertado a peça. É a vontade de Deus, Savarigo; e contra ella não ha força que valha.»

«Deixemo-nos d'isso, e vamos ao caso — disse a velha. — Segura lá a mesquinha pela mão, Zendo, e dize: ora, anda cá, Savarigo, toma esta por parceira; abraça-o, Mariame, que eu l'o dou por marido. Vamos! dize já, e acabemos com isto — e assim fallando, Sahema empurrava a filha para o velho servo.

«Se esta cotovia mato, tres me faltam para quatro — disse este com uma gargalhada, accrescentando com petulancia: — Digo-te, mulher, que é vender-nos ao demo de chofre. Queres que isto acabe? Pois assim o quero tambem. Ante-hontem disse-me o conde: Mariame é arisca e çafara; queria eu ganhar-lhe a vontade, mas já vou perdendo a paciencia. Amansa-m'a tu; pois voto a Deus que se d'aqui a dous dias até hora de nóa, m'a não trouxeres meiga e boa, usarei de outro modo. Ah! tens, filha, o porque do que te tenho dito e aconselhado. Como ateinaste, podemos ajuda hoje ter alguma novidade.»

«Oh Jesus; Senhor Nosso! — exclamou Mariame, cobrindo o rosto e deixando-se cahir sobre a pedra que lhe servira de banco.

«Oh Mariame! Mariame, minha rola! — e Sahema abraçava a filha — como escaparás á unha preta d'essa ave de

bico revolto, que tão alto, tão alto e possante, se ri dos humildes!»

«Não chores, mãe d'aquella que amo! — exclamou o servo do fisco em tom de confiança, e deitando uma olhada pelo trilho que ia perder-se na espessura da mata. — Eu já sabia d'isso. A aguia nem sempre consegue apegar na relê. Faze que tua filha seja minha, e eu a salvarei; assim o juro pela alma de tua mãe, que foi da mesma raça que esses godos suberbos, que hoje nos espezinham.»

Sahema acenou com a cabeça em ar de quem duvidava; ao passo que Zendo desatou-se a rir perante um compromisso tão extravagante.

«Acabarás com essas risadas? — bradou o mancebo. — Parecem urros de fera desalmada, mais que voz de pae com cara de homem. Pois tu pensas que não terei valor para defender minha mulher contra quantos m'a quizerem tomar, contra o mesmo conde da terra? Pensas que a entregarei, como tu queres entregar a filha? Não te queda no peito um sopro de amor por aquella que geraste?»

«É pelo muito que lhe tenho que a quero vêr senhora e feliz.»

«Senhora e feliz? Feliz seria a coitada, quando, cansada a paixão, Froya l'a tornasse a enxotar para casa?»

«Isso não, que muito a ama o conde. E dize-me cá; não devem os filhos fazer algo a bem dos paes? Pois com a sahida de Mariame, entra a fortuna por esta casa dentro.»

Era o cynismo que assim fallava, o cynismo inseparavel da servidão. Mas o amor é fogo que melhora, quando não purifica o ente deprimido; e os dous jovens servos estavam acima do nivel moral d'aquelle velho.

«Ó pæe, pæe, não digas isso! — exclamou Mariame, juntando as mãos em supplica: e proseguiu com carinho: — Ora vamos, paesinho, dá-nos a tua benção, que Savarigo bem sabe o que diz. Estará aqui já quem nos hade ajudar; nem o conde saberá ir contra o que elle fizer.»

«Quizera eu vêr esse poderoso.»

«Pois seja feita a tua vontade, que ahí vem alguém, e deve de ser elle; — o algame adiantou-se açodadamente pelo trilho, sumindo-se na mata.»

Passados alguns momentos, tornou a apparecer com outro homem.

«Zacoi-ibn-Belliti! E este é o vosso adjutorio? Tambem cuida a codorniz que se lhe não vê o corpo, quando esconde a cabeça nos torrões — e o caseiro-pastor soltou uma grande gargalhada.

O recém-chegado era baixo, magro, de compleixã odebil, e porte tímido e acanhado. Não passaria dos cincoenta annos, e já as rugas lhe encrespavam a pelle do rosto livido em que nem ameaço de barba se divisava, nem indício de haver sentido nunca o fio da navalha; a cara conservava nudeza mulheril. Vinha a cabeça descuberta, e quasi toda rapada, ficando apenas o circilio, ou circulo de cabello, que denunciava o estado ecclesiastico. Vestia uma tunica de lan grosseira e de côr acastanhada. Por baixo do braço trazia um codice em fôrma de missal.

«O que!—continuou o pae com desprezo—oppões-me esta pobre creatura ao poderoso Froya Gutheres, quando nem sequer o proprio Donani seu senhor, cujos rebanhos vencem em conto os troncos da floresta, se deixaria de tornar mais brando que frouxel, se visse a colera a luzir nos olhos do conde?»

«Zacoi é servo, sim; mas é presbytero, e a sua benção não liga menos perante Deus e a Igreja, que a do bispo de Lugo; e tanto basta para o nosso feito—respondeu o mancebo.

«A que me fallas tu em benção!—retorquiu Zendo com impaciencia.

«Vejo que vim cedo; está tudo por fazer—disse o recém-chegado, um dos padres ou monges do asceterio de S. Pedro, e servo do presor Donani Zalamisi.

«E que vieste fazer aqui, Zacoi?—perguntou o velho.

«Casar tua filha com Savarigo.»

«A estas horas? Aqui?»

«Não; na hermiça de Santa Eufemia de que tens a chave. Bem sei o risco que incorro, despresando o que nos é dado em preceito. Mas a urgencia... o perigo em que ella está... o muito que quero a Savarigo...»

«Ora volta para casa, padre, e não te mettas em feitos além das tuas forças.»

«É deveras o que tenho de melhor a fazer. Devia tudo estar prompto a estas horas, e obtido o teu consentimento. Mas estamos longe d'isso; nem vejo as testemunhas...»

«Estarão aqui já, Zalama, Alazate e Nezeron, de Villamor. Prometteram não faltar; só nos falta o prasme de Zendo—respondeu o alganame.

«Mas isto é dar passo em brejo ou tremedal!—bradou o pae, já zangado.—E o prasme do conde, pensas que o dará?»

«Bem n'o fiz ver a Savarigo, e a quantos azares se ia expôr—ponderou o padre-servo.—Foi meu parecer que primeiro se tentasse trazer o conde a melhor condição; conjurar o demonio da luxuria que o atormenta, e ver...»

«Tomára eu ver quem tem forças para assim domar o leão!»

«Não haja duvida. Nem el-rei, sequer, pôde descasar os que a Igreja ligou. Sou servo de el-rei; e não tem poder sobre mim o conde Froya.»

«Bem se importa com tal! Mostrar-te hia cedo se isso é estorvo para elle.»

«Ó Mariame, dêem-me que te chame minha mulher, e juro ao Sangue de Christo que o primeiro que pozer a mão em ti, amassará seu aveáo no inferno!—com isto Savarigo volteou o cajoado a ponto que fez sibilar os ares.

«E tu irás logo na cóla d'elles, como ramada atraz do vento—gritou o velho.

«Pae da minha vida! isso é de mais; não ateimes; venha o que vier quero casar com Savarigo. Não m'o defenderás, paesinho, não é assim?—disse Mariame, afagando-o.

«Vamos, meu velho — disse Sahema, —faze a vontade á pequena. Deixemos o mais a Deus, e a sua bemdita Mãe.»

«Aqui vêem os amigos! Assim tudo está aviado — exclamou o alganame com alvoroço.

De feito atravez do véo crepuscular que começára a cahir, lobrigaram vultos caminhando entre a ramagem.

«Eis que vêem! Resolve-te homem! — accrescentou o mancebo, esperançado pela hesitação que via no pae.

«Vós todos estaes n'um venceiho, e eu fóra á parte — respondeu elle. — Cumpra-se pois o vosso desejo, e guarde-nos Deus do que temo!»

Palavras não eram ditas, e os noivos a cabirem nos braços um do outro.

Os indivíduos, cuja chegada annunciara o vigilante e apaixonado Savarigo, adiantavam-se a passo largo, achando-se agora a obra de sessenta metros da choupana.

O noivo, entregue á sua alegria, nem um olhar sequer deitou para aquelles que eram, a seu ver, as testemunhas que se esperavam.

Mais attentos, porém, o pae, a mãe e o padre tiveram um sobresalto, quando, vendo quatro em lugar de tres homens, repararam no seu traje, e na espada curta que lhes pendia do talim.

«Valha-nos Santa Eufemia! — exclamou Zendo, pondo-se em pé de um salto.

O presbytero-servo, assustado, tinha ar de quem queria afastar-se sem saber por onde.

«Pela laçada do baraço, que em forte ponto chegamos! Aqui dão-se de barato os beijos e afagos! — disse, em voz grossa e brutal, aquelle que vinha na dianteira.

«Ranemiro, o sayão do conde! — exclamou Sahema. — Estamos perdidos!»

«Perdido estavas tu, velho falso e aleivoso, se o conde soubesse em que postura achei tua filha; e tu a soffrei-o. Sabes que venho por ella?»

«Ora socega, meu bom Ranemiro; podes leval-a a bom recado — respondeu Zendo com humildade.

«Vem pois, meu arminho. Vem sem receio, como quem, da condição de serva, é chamada a ser condessa — disse o sayão em tom de affectada meiguice, acrescentando com respeito ironico: — Senhora Mariame, haveis de ser dona de nós todos, e o vosso querer será lei em Castro Folgoso.»

«Tá, tá, sayão sandio, basta de parola; volta d'onde vieste, que a não levarás — disse Savarigo com despejo, pondo-se diante da moça, que, tremendo, se chegou á mãe, refugiando-se ambas para dentro de casa.

«E és tu quem n'ó hade tolher? — perguntou Ranemiro com escarneo, emquanto os seus companheiros se desata-ram em risadas.

«Eu mesmo; e assim o diria ao proprio conde, teu amo.»

«Ora súst! agarrem-me n'este volteiro de votos denodados, que também hade vir connosco.»

Avançaram todos; mas o caminho estava tomado. Zacoi, por um esforço supremo, colligira bastante valor para tentar os meios suaves.

«Oh! bom sayão, não faças mal ao cachopo, nem uses força com a mesquinha. Deixa-me fallar com elles. Vai em boa hora, e dize ao illustre conde que Mariame se irá pela manhã, fiando-se da sua misericordia...»

«Que fazes tu aqui, carcassa de vil relé? — bradou Ranemiro. — Vae pregar aos teus, já que, sendo servo, te deixam fingir de padre.»

«Sou servo por maldade dos homens, e porque Deus o quiz soffrer, do que me não queixo. Mas tão livre nasci como tu; e livre estava em Orense, ordenado presbytero de pouco tempo, quando os guerreiros do norte, sem a misericordia e justiça que eu achára nos encreos, vieram e levaram-me para a servidão com outros infelizes.»

«E bem fizeram elles, huha! Boa peça saltiste das mãos dos cães malditos. Vo! ainda trazes o cheiro d'elles. Arreda! — com isto Ranemiro deu-lhe tal empurrão que, perdendo o equilibrio, foi cahir a alguns passos d'ali.»

«É quem resa a missa do alcorão para o Donani — foi o commento de um da quadrilha.»

«É lhe absolve os peccados em nome de Mafoma -- acrescentou outro.»

«É desácatu ao bom Deus deixal-o vestir a vestimenta sagrada — ponderou um terceiro.»

«Tanto elle como o amo são ismaelitas embaçados — tornou o primeiro.»

«Ora, deixae lá esse pasto de enxofre, e desarranque-mos contra este matante! — bradou Ranemiro, interrompendo-os e adiantando-se.»

Savarigo, cuja cabeça vencia em altura a verga da porta, que defenia e escudava do corpo, vendo que a quadrilha vinha contra elle de assuada, entrou a jogar do cajado com tal violencia que a deteve a distancia.

«Perdeste o juizo, Savarigo? Como queres tu só resistir a tantos?»

O mancebo desdenhou responder a Zendo.

«Eia up! atassalhemos em dez mil bocados este muzle-mo brigoso — bradou o sayão cheio de colera, e puxando do terçado.

Os outros imitaram-lhe o exemplo, remettendo todos contra o desteinido servo, que, armado unicamente do pau, aliás comprido, rijo e calçado de ferro, tendo-os rechassado á primeira investida, recebem agora a segunda sem afracar.

Elles não tardaram em conhecer que estavam a braços com um adversario temivel, já pela dexteridade maravilhosa com que esgrimava a sua arma, que ao parecer chegava a toda a parte simultaneamente; já pela força esmagadora com que vinham acompanhados os golpes, dirigidos por pulso a um tempo vigoroso e flexivel.

Um dos terçados voou pelos ares, cahindo o homem que o vibrára.

«Trouxestes as armas embotadas, brutos desmazelados — gritou o sayão. — Dae de gume n'esse pau de ponta forjada no inferno. Eia! parti-m'o em dous!»

«E porque não o partes tu? Vae e vem que nem raios! — respondem um, gladiando com furor.

«Corta-me lá o robo do demo, que te açoita a cara em noute escura! — disse outro.

Até ali conseguira o alganame aparar todos os golpes que lhe eram dirigidos, á custa porém do cajado de que dependia a sua salvação. A peleja ia tomando incremento: ora se alargava, ora diminuia o espaço que separava o mancebo dos seus adversarios. Impellido por uma especie de frenesi, deu de repente algumas voltas ao bordão com tanta energia e velocidade, que Ranemiro e os seus recuaram em desordem, estrebuxando e indo de encontro uns com os outros. Arrojou-se então o servo contra elles com a furia do tigre, de cajado erguido. Ranemiro o viu a tempo para evitar o golpe. Desceu o pau, batendo no chão com força; mas, já cansado das espadas, fez-se em dous, ficando na mão de Savarigo apenas um troço, que de nada servia como defesa.

«Al fim! És nosso agora sem resgate — bradou o sayão atirando-se sobre elle.

O servo do fisco nem pensou em resistir. A desgraça

que lhe succedia fôra tão inesperada, com quanto devesse tel-a previsto, e as consequencias que envolvia se lhe apresentavam de relance em cores tão vivas, que foi como quêda em abysmo d'onde não visse sahida.

«Tende mão n'elle, em quanto me apodero da moça. Não o largueis, nem mais que fosse a vida dos vossos corpos.»

Dirigiu-se então para a cabana.

«Abri! ou deito a porta pela casa adentro — bradou, acompanhando as palavras de fortes ponta-pés.

Cedeu a porta, e o sayão, abaixando a cabeça, passou para o interior.

«Eis o que ganhaste com as tuas valentias — disse Zendo a Savarigo, que, estirado no chão, estava seguro pelos tres emissarios.

«Cauceira nos deu elle; mas a Froya dará as contas — disse um d'elles.

«Ob, se dará! Do castro não virá sem deixar as orelhas — afirmou outro.

«Ou quiçá lhe mande o conde saccar os olhos — ponderou o terceiro.

«Isso não, que é castigo para homem de condição...»

O colloquio foi interrompido de modo imprevisto. Os homens do conde sentiram-se de repente agarrados por mãos robustas, e atirados com força para o chão.

«Salva-te, homem! — disseram umas vozes conhecidas a que Savarigo se apressou de obedecer.

Zendo e o padre viram desaparecer tres vultos em companhia do mancebo.

Ao levantarem-se os do conde, soltaram muitas pragas, deitando a bom correr atraz dos fugitivos.

«Louvado seja Deus! — exclamou Zacoi. — Isto deve ser obra das testemunhas que aguardavamos.»

«E foi! Reconheci Zalama, Alazate e Nezeron — respondeu o velho. — Faço votos a Santa Eufemia para que escape; mas para onde irá que o não apanhem? Ainda que se amonte, cá ficam sempre os sabujos com que lhe darão caça.»

N'este momento appareceu Ranemiro, com a mão no braço de Mariame, que debalde resistia; ao passo que a

mão, agarrada ás sayas da filha, se esforçava em retel-a, ora chorando, ora, accessa em raiva, vomitando quantos vituperios lhe chegavam á ponta da lingua.

«Vais callar o bico, tarasca? Ou queres que t'o tape com...»

«Carrasco ensopado em sangue! Coração lavado na baba de Judas enforcado! Demonio enxotado do inferno, para ser parcioneiro do milhano negro lá cima...»

«Vê lá, velha carantonha excommungada, fallas no conde, teu amo — tornou Ranemiro.

«Que o diabo m'arrebente se isso me peza! Não te mandou elle arrancar-me a ultima parcella das entranhas? É officio novo que te deu. Não te bastava ganhar sayonizio? lançar pregões, açoiar, torturar os condemnados, e pôr-lhes o barão na garganta? porque has-de tambem levar paga de alcayote?»

«Zendo — bradou o sayão — se me não mandas parar a lingua d'esta palteira endemoninhada, juro que lh'a farei cortar. Lança mão d'ella, homem!»

Emquanto o velho forcejava por separal-a da filha, e socegar-lhe o animo, deu o outro pela falta dos companheiros e do captivo.

Mas quando ia indagar a causa d'isso, appareceram aquelles. Vinham cabisbaixos e esfaifados; mas desacompanhados de Savarigo.

«Que é feito do preso? Deixastel-o fugir? Ai de vós...»

«Acudiu-lhe gente; não os pôdemos alcançar — respondeu um d'elles.

«Foi como raio, que nos poz todos no chão de pancada, e o vento levou-os n'um abrir e fechar de olhos — accrescentou outro.

«Andou ali obra do demo...»

«Mão! Isso é parvoejar. Que contos são esses? D'onde vindes assim?»

Os homens entraram a narrar confusamente o que succedera, narrativa que só se tornou clara com o auxilio de Zendo.

«Oh! Deus se amercea dos fracos. Ao menos *elle* está salvo! — disse Mariame com alvoroço.

«Por esta noute, que lhe damos em esmola — respondeu

o sayão com riso brutal.—A mansilha de Froya Gutheres chega a toda a parte. A sogra arma-se em qualquer ramo. Boa caçada teremos com a luz do dia. Entrementes agarrarai-me n'esse noilibó; é massa do mesmo trigo, e algo saberá de tudo isto. Ao conde peitará os encoutos, se não fôr mais.»

Zacoi, que o desalmado designava com o dedo, deu-se à prisão sem dificuldade, poisque com medo não sabia de si; e momentos depois, só ficavam em Villar-Zendo o caseiro-pastor, a misera Sahema, e alguns criados rusticos, que, passada a borrasca, sabiram dos escondrijos d'onde a espreitavam.

O leitor já adivinhou, de certo, que os lamentos, subindo do fundo da ribanceira, ouvidos por Guesto e Ermesinda, partiram da joven serva roubada a seu noivo.

V

A AZENHA DE SUBREGO

Muitos estão desejanço
 Serem os povos juntados:
 Outros muitos avizados
 O estão arreceando.

 Ainda mais profetizando
 E declarando:
 Seus pequenos das manadas,
 Derrubar-lhe-bão as moradas
 Bem entradas,
 E assim o vai mostrando.
 Já o leão vai bramando,
 E desejanço
 Correr o porco selvagem,
 E toma-lo-ba na passagem;
 Assim o vni declarando.

BANDARRA, *Trovas*.

É sabido já que os libertadores de Savarigo foram as testemunhas esperadas em Villar-Zendo. Em logar de servirem para aquelle fim, vieram testemunhar o desbarato do noivo, chegando no momento em que este succumbia ao ataque dos emissarios do conde. Percebendo o estado das cousas, conservaram-se a certa distancia do theatro do conflicto, escondidos atraz de algumas arvores; até que ao vêrem desaparecer Ranemiro e descuidados os tres que custodeavam o prisioneiro, resolveram commetter um golpe de mão para salvar este ultimo.

Foi como explicaram o caso ao alganame, emquanto fugiam pela encosta abaixo, embrenhando-se na matta. Elle parou, ao perceber que já não eram seguidos. Estavam perto da margem do rio, um nada acima do vão que Guesto, um pouco mais tarde, havia de passar.

«Amigos, separemo-nos aqui — disse elle. — Grande serviço me tendes prestado; o meu coração sabe quanto vol-o agradece, e mal de mim se d'ahi vos viesse damno. Apresae-vos em regressar para casa. Eis acolá o vosso caminho; — e apontava para o vão do Lor, accrescentando: — Para Villa-mór não vou eu todavia.»

«E, bofé, não deves; serias peixe mettido em naceiro ou pesqueira. É lá primeiro que irão buscar-te, embora seja terra del-rei—ponderou um dos seus co-servos.

«Sei de um lugar para além do rio, onde estarás seguro, até que tudo fique composto—suggeriu outro.

«Não cureis em mim—tornou o alganame;—sei para onde ir. Fica também na outra banda; mas não do vosso lado. Adeus, amigos!»

Sem mais detença partiu rio acima. Arfava-lhe o peito sob a pressão dos sentimentos que n'elle se agitavam. Ia acommettido de um odio, de uma sede de vingança tal que, cegando-se-lhe a razão, obedecia agora a um como instincto, ou antes ao impulso nascido de certa recordação vaga, mas subitamente luminosa: uma d'essas idéas que de um jacto se soltam, em dadas circumstancias, de algum recan-tô obscuro da memoria, cerrado ha muito pela mão do desprezo. Veremos já em que se fundava, e aonde o conduzia esse impulso.

Testemunha do rapto da propria noiva, que debalde defendêra com valor de herôe, rapto que se realisára no momento em que sua alma trasbordava de alegria, soffrêra Sava-rigo a maior affronta que se pôde impôr a um homem, e que só a impotencia deixa impune. Era servo, e portanto obrigado, pela lei e pelos costumes, a curtir em silencio as dôres, os trabalhos, as affrontas, o desprezo. O brio e a honra eram sentimentos que se lhe não consentiam, e que, por se alimentarem no exemplo, lhe eram deficit estranhos. Mas ferido no amor, cuja faisca penetra onde quer, cuja labareda transmuda e acrisola os affectos, tinham brotado n'esse ente humilde as paixões latentes de uma alma a quem a natureza dera energia e força de voniade, que a servidão porém havia encolhido, abatido, e por fim sepultado sob o monturo em que se espoja.

Já não era o servo humilde e soffredor dos dias passa-

dos; mas o leão esfaimado em busca de prèa, o touro aguilhoado de mil farpas.

Era já noite fechada quando vadeon o riacho da ribanceira perto da sua embocadura. Depois de subir a ladeira, foi costeando o Bustilho atravez do bosque, por um caminho sinuoso que ficava acima do rio cincoenta ou cem metros, segundo os accidentes do terreno. Passado este ponto, torna-se o valle mui estreito, configutando duas escarpas tão abruptas que por ellas se desliza a onda do Lor como entre paredes.

Pouco mais de uma hora depois de se separar dos companheiros, chegou o servo a uma ponte que dava passagem para a margem direita, onde o rio faz praia, começando o valle a tomar maior amplitude.

Do outro lado, a cinco ou seis minutos de distancia, mette-se a encosta pelas terras adentro, abrindo-se em um vasto semi-circulo. O caminho fazia cotovello para a esquerda, e Savarigo foi por elle subindo a ladeira, ao longo de uma torrente que ora se despehava, ora corria entre penedos, assombrada de arvoredos secular que lhe crescia no leito e pelas bordas.

Attingida certa altura, o caminho fazia curva para a direita, atravessando um figueiral, e depois, em nivel plano, um souto de carvalhos e castanheiros. D'aqui, a um quarto de hora do figueiral, avistavam-se, pela ladeira acima, algumas cabanas, telheiros e curraes. Passando adiante por baixo da basta ramagem de castanheiros colossaes, e ao som de uma cascata a que se vinha approximando, achou-se o alcaname, após outro quarto de hora, a obra de vinte ou trinta passos de uma azenha, ou moinho movido a agua, como eram todos n'aquelle tempo, sendo desconhecido o moinho de vento antes do seculo xii. Era dominada por uma ilharga rochosa do monte, que se erguia quasi a prumo, onde fazia salto um arroyo, que, depois de cahir sobre a roda, cortava atravez do caminho, para continuar o curso pela ladeira até o Lor.

O servo do fisco via de repente um vulto negro, que vinha para elle de rastos em silencio ominoso. Recuou aquelle, sobresaltado; mas recobrando logo o accordo, gritou:

«Hou lá, Alpe! Não me conheces?»

O vulto mudou immediatamente de postura. Era um rafeiro de tamanho descommunal. Dando uns ganidos que se prolongaram no mysterio da noite com certo effeito diatonico e musical, atirou-se contra Savarigo, não com a violencia da sanha, mas da alegria, lambendo-lhe as mãos e retouçando-se em volta d'elle, até chegarem ambos á porta, que estava meio aberta.

O alganame entrou sem bater. A luz duvidosa que penetrava no interior, via-se o centro occupado pelas pedras da mó, com o calha e moega sobrepostas. A um canto, divisava-se uma fôrma humana, que, ao parecer despertada do somno, acabava de se erguer a meio corpo, encostando-se n'um dos cotovellos.

«Moacha, que me acordaste! Quem vem ahí? — perguntou uma voz.

«Um que tu mal has de conhecer, Octavio.»

«Savarigo! A que vens tu?»

A tão simples pergunta, ficou mudo e perturbado o servo de Villa-mór, como quem, arrebatado a um acto, sentindo-se, no momento de o praticar, abandonado da força que até ali actuára n'elle, cabe em si, sem já poder explica-lo.

«Que me queres, Savarigo, vindo a deshoras de tão longe? Tiraste-me de um sonho real: estava eu no Pico Passaro com a abbadessa, o prior e o conde, que me acarinhavam e chamavam seu melhor amigo. A aguia, na querença com os filhos, garganteava como rouxinol, e eu dançava para divertir os amos, que me regalavam a falar de manjares tirados do regaço. Não dormem esta noite em Villa-mór?»

«Não venho da villa, nem sei bem o porque vim, senão que, como vejo, foi loucura — respondeu o alganame com desprezo.

«Nem sempre falta razão á loucura. Dize sempre porque vieste acordar o aloucado de Subrego?»

«Vim arrastado por uma força occulta. Foi anjo? Foi demónio? Não sei. Vi e ouvi cousas que não saberia repetir. Cousas que te havia escutado; scenas de outros dias em que figuraste, Octavio. Não eras já o parvo, o aloucado; não erás, como agora pareces, o mais vil dos servos de

S. Miguel. Na tua voz, no teu gesto, no teu semblante, vi-nha, com as tuas sandices, um não sei quê que deixava, de relance, toda a verdade a descoberto. Foi um raio despedido das nuvens, rasgando a escuridão de noute tenebrosa, e alumando toda a desordem e pavor de furiosa tempestado.»

«Ah! E só viestes aqui para dizer como sonhastes com-migo? É muito afan sem proveito.»

«Não; na minha desgraça, acolhi-me para ti; mas...»

«Em que desgraça me fallas tu?»

«Talvez não saibas que amo a filha de Zendo?»

«Sei que o conde a quer por barregan; do que ella, já se vê, se deve sentir mui ufana; e, bofê, tem razão. É claro que não quer saber de ti, nem d'isso deves ter queixume.»

«Irta, viesse eu ter com creatura tão pifia ou sandia! Mas sempre direi que te enganas de ponto em ponto.»

«Porque? Gosta de ti?»

«Tanto gosta que estaríamos já casados, se... Mas, oh raiva!... Serei vingado sem ti!»

«Ha, ha, ha! Amor... furor! Um é tão cego como o outro. Pensas que Froya anda mal? O bico do terço, deu-lh'o Deus; e o pombo é préa legitima. Que mais queres? Que podes? Vae! Dá por perdida a linda Mariame, e procura outra que leve menos os olhos de quem põde tudo.»

«Que o demonio afite em ti os olhos ruivos, e te abra-se e consuma essa lingua, que lambe a mão a quem te açouta, perro de casta vil! Foi lembrança de tresloucado vir ao pé do aloucado!»

Savarigo atirou comsigo fóra da azenha, e desapareceu.

O moleiro levantou-se. Com um passo vingou a porta; mais alguns o fizeram emparelhar com o servo furioso.

«Detem-te, homem, não sejas tu o louco — disse aquelle em voz baixa, travando-lhe do braço. — O rei da malicia tem seus homens de criação matreiros e cadimos; tambem os tem duros e pobres de espirito. A Deus tambem lhe não faltam obreiros. Assim t'o dirão meus senhores, os pios irmãos, as santas irmans acolá na ereita — e apontou para a mole negra de um teso dominando o rio, e coroado

de muralhas, onde da parte do norte faziam extremidade o caminho e a ladeira de Subrego.

«O zurrar do onagro — continuou o moleiro — quebra o silencio das mattas: mal sabe o pobresinho que lhe cubiçam as carnes os magnates e presores. Mas já ouviste sibilar a serpe sem que tivesse o veneno prompto a lançar? Ora, dize-me, Savarigo, tua noiva ainda está em casa do pae?»

«Roubaram-n'a, homem; não percebeste? No momento em que nos iam dar a benção.»

«Chegou! Chegou! — disse o moleiro n'um tom singular, e como que fallando consigo; depois accrescentou com empenho: — Ó vem, Savarigo; quero ouvir-te contar o roubo da noiva.»

«Octavio — respondeu o alganame, deixando-se ir com o outro, — ou trazes o juizo em farrapos, ou teus mais profundeza que a noute que nos cerca. Como queres que te entenda?»

«Já viste o Lor d'inverno a gelar no fundo, correndo manso, claro e desempedido por cima?»

«É tu, já viste boi cabano de pontas para o ar? Já viste o sangue a coalhar por dentro da ferida? — retorquiu o servo do fisco com uma gargalhada.

«Era só dizer-te que cada cousa tem seu alto e baixo, seu começo e fim. Responde então a isto: já viste buceta cheia de pedras finas, que de si se abrisse a quem n'ella quer pôr a mão?»

«Já viste comida que por si se cozesse para homem que tenha fome?»

«Ha uma; e só uma que eu saiba, diga-se a verdade.»

«Tomára m'a ensinasse.»

«O leite, que se coze nos peitos de nossas mães. Mas basta; e fica tu sabendo que quem quer pôr vista nas joias da buceta, hade primeiro apprender a levantar a tampa, ou ganhar a confiança de quem tem a chave. Ora, assenta-te aqui e conta-me o caso.»

Tomaram assento na mó.

«Alpe! — bradou o moleiro, chamando para si o cão, ao qual fez um signal que este pareceu entender, sahindo logo para fóra.

«Meu rafeiro, que vence o galgo em corrida, e é tão depressa ventor como sabujo, tambem se atira sem dar da voz, como estaca qual perdigueiro, mas com latidos de romper os montes. Nem alma viva se acercará d'aqui a cinquenta passos em redor, sem que sejamos prevenidos por esse esculca. Portemos fallar sem medo.»

O tom do moleiro era outro; o homem parecia transformado.

Savarigo, que nunca d'antes o vira assim, passou a referir de ponto a ponto o successo do rapto de Mariame, dando á sua narrativa a côr, a vida, a paixão que só sabe exprimir quem se acha dominado por um sentimento unico, no qual todos os outros se absorvem. N'elle foi a vingança.

Octavio escutou em silencio. Finda a narrativa perguntou:

«Porque não acceitaste a guarida que te offereceram inda agora os teus amigos, em vez de a procurar aqui?»

«Pois não percebeste o que te disse ha pouco? Certo que não vim buscar defesa em ti; tinha-a melhor, indo um pouco mais longe, e acolhendo-me aos passaes de S. Miguel. Mas já agora posso dar-te conta mais fiel do que me levou ao pé de ti. Tu que te meças de modo tão estranho; tu que sabes rir e sandejar quando outros choram e praguejam; tu que tens tripas para bemdizer aquelles, que teus parceiros tem sobeja razão de amaldiçoar; tu, Octavio, tens-me feito scismar alguma vez. Ora te mettia na conta em que és tido, ora me parecia que não eras liso e sincero, que escondias um segredo. Eram todavia nuvens que depressa se desfaziam, e então de mim me ria. Já ouviste aos pregadores na igreja, contar a historia d'aquelle rei dos Livros Santos, e dos signaes que lhe appareceram na parede durante o festim; e como um santo homem veiu pôr-lhe aquillo ás claras. Pois bem, esta noute, tanto que me vi perdido, perdida aquella que amo, foi como se de repente o céu se abrisse, mostrando-me claro o que d'antes não percebia. A minha queda foi a falla do propheta. Sim, n'esse momento, avivaram-se-me na memoria scenas do passado. Viam-te estes olhos tão certo como agora. Ouvia-te as palavras, rijas como o vento d'aguião; e dizias com a zombaria nos labios, mas com os olhos lavados em

sangue: Vingança, vingança! Erguei-vos, ó servos! Esmagai os vossos tyrannos! Ah! tens, Octavio, o que vi e ouvi; o que me trouxe aqui em delirio, para bradar: Responde ao teu chamamento! Vingança! Morte aos tyrannos! Vingança! vingança! Se foi abuso, e tu és o sandeu que uns escarnecem, outros temem, talvez me venhas a trahir. Embora! Hoje só tenho medo de uma cousa, perder a minha vingança.»

Os olhos do moleiro scintillaram na semi-escuridão que reinava n'aquella humilde morada. Esteve um momento silencioso, depois disse:

«De ti qualquer se póde fiar. Foste eleito para aquilatar as pedras que encerra a buceta, e fazel-as render as ganancias. Hontem á noute, nas horas mortas, foi-me annunciando o roubó da noiva; mas não sabia qual. Agora tudo está claro. Terás a tua vingança. Que farias tu por ella, Savarigo?»

«O que faria? Se me fôra dado trepar ás nuvens, e na queda esmagar a Froya Gullheres, reduzil-o a menos que o grão sob a galga do teu moinho, fal-o-bia á custa da mesma vida. Dêem-me vingança breve e segura, que de al não enro eu.»

«Hé, hé!—disse o moleiro com uma risadinha, e como que fallando consigo—O amor é fogo acceso, que já calcinou muito muro de soberba torre; forja que já derreteu muita cota de malha de altivo guerreiro! Em que consentirias tu, Savarigo, se te abonassem desagravo, e talvez sobre isso a restituição de tua noiva tão inteira como l'a roubaram?»

«Oh Santos do Paraizo! pois de tanto serias capaz? Adorar-te hia como... como a Deus! — e o apaixonado manco estreitou nos braços o servo de S. Miguel.

«E obdecer-me-hias em tudo, desprezando ameaças, ferro, fogo, morte?—suggeriu mais que perguntou este ultimo com um gesto imperativo.

«Seria teu servo, mas servo amigo, devotado, cego, para bem ou para mal. Se não basta, dize... Mas adeus! Isso é um sonho! Já não ha poder que salve a Mariame; nem feitiço, nem a mesma Leodaka tem força para tantó. A estas horas está... Oh! dize, dize embora; como pensavas tu salvar-a?»

«A paixão do conde por tua noiva, parece que pede mais algo que a posse do corpo; pois não é de hoje nem d'hontem que ella lhe entrou em graça. Se tem andado com os appetites da carne sopeados pelo coração, é porque este quer brandura mais que força. Assim será pombo primeiro que seja fêra. Haja geito que o seja por dous dias, ou tres, e quasi te prometto a cachopa como a queres ter.»

«D'isso não me fio eu. Froya já usou de força; como havemos de duvidar de que n'isso se atei-me, vendo a coitada ao pé de si dia e nou-te, entregue á sua mercê?»

«Ouve, Savarigo, vou levar-te para valhaouto, onde, ficando perto da tua Mariame, estarás a cem legoas dos teus perseguidores; e para que os cães te não cáliam na pingada se aqui viessem, iremos um bom pedaço pela madre do rio. Primeiro tornarás commigo a Villar-Zendo, onde porém não quero ser visto. Tu dirás a Sahema que vá sem demora ao castro, e que, allegando ao conde que vem aconselhar a filha para que se lhe renda...»

«Que dizes? Juro...»

«Socega, e ouve! Não percamos tempo, pois n'estas poucas horas mal cabe o que tenho entre mãos. Froya, vendo na mãe adjutorio, lhe dará facil entrada. Sahema dirá então á filha que ha quem apparelhe os meios para a tirar d'essa prisão; mas que para ganhar tempo, hade fingir, pedindo folga para trazer o coração ás condições que o conde deseja. Abi tens o meio que imaginei. Bem vês que com elle o damno não cresce.»

«E tens certeza de que por estes dias poderás soccorrel-a?»

«Se eu fosse como este moinho e seu chão, com maior certeza poderia responder-te.»

«Não cáhio n'isso.»

«Bem sabes—proseguiu o moleiro—que nem um nem outro pede ou conhece servidão: d'esta não lhe vem as aguas, ao moinho, por perto que as tem, e proprias; e o chão não conhece as 'sesicas'...»

«Já se' vê; pois ambos são de teus amos, que portanto têm em si mesmos esse direito, de pôr aqui outro moinho quando este cahir.»

«A mim, malpeccado, só me cabe trabalhar em chão

alheio, sem direitos todavia que m'o sugentem; se cahir, ninguém me levanta, ou toma meu logar; e mais, tenbo de pedir as forças a estranhos, e trazel-as de longe, mas a furto e por subterraneos.»

«Percebo; precisavas ter em ti mesmo as forças para tua empreza, qualquer que seja, e seres senhor da terra em que ella se hade pôr por obra.»

«Acertaste; e por isso só posso dizer-te que se a uva vingar, encubar-se-ha o vinho. Trata-se de outra cousa maior que não só do resgate de tua noiva. Com tanto que se abale bem aquelle negocio, deve o teu ter boa parança. Melhor conheces ora o aloucado de Subrego.»

«Oh, porque não o conheci mais cedo! Porque não te adivinheil!»

«Pouco se me fundia ser adivinhado de muitos; sim, muito, de poucos e prestantes, para encaminbarem a empreza nas trevas do silencio; e por isso espalhados, não como a luz, pois todo o homem vê d'onde parte, mas como semente lançada á terra. Assim de cada grão nasceram muitos, que não conhecem a mão que o atirou lá fóra. Tu, Savarigo, entraste no conto dos acordados. Chegou o tempo para nos pormos á obra; deve ser rapida, subitanea como a queda da aguia, quando, descendo pelos ares com as azas fechadas, aferra na prisão descuidada. Tudo está aparelhado; é acendalha que esperava só a faisca. D'entre a pedra e o ferro tem rebentado mais de uma, que en podia, mas não quiz aproveitar, e por boas razões. Hontem contudo tive aviso; acceito esta que nos trazes.»

«Ao ouvir-te, Octavio, sinto sangue de gigante a correr-me pelas veias! Bem podes levantar de boa mente a tampa da buceta em que teus fechado o teu segredo.»

«Não é logar, nem chegou a hora. Cedo saberás o que ainda é mysterio para outros mais adiantados do que tu. A caminho! Tenho muito terreno que vingar até a madrugada; a caminho pois!»

O aloucado de Subrego sahio da azenha, seguido de Savarigo. Alpe tambem acudiu á voz do amo, que acompanhou na sua excursão nocturna.

VI

O CONDE FROYA GUTHERES

Que quereis a esta chorosa?

.....
 Porque me quereis vós ver
 Diante vosso poder,

.....
 Que com pequenas quadrilhas
 Venceis quem quereis vencer?

GIL VICENTE, *Exhortação da Guerra.*

Vamos encontrar Mariame n'um quarto da torre quadrada, ou d'atalaya. Vestia um trajo que a transformava a ponto de deixal-a em grande parte corrigida da rusticidade que contrahira no lar paterno, fazendo-lhe sobresahir a gentileza natural, como se esta reivindicasse os foros de que a educação lhe privára. Era semelhante ao vestido em que apresentámos a filha do conde, salvo que as presilhas corriam tambem atravessadas pela frente desde o pescoço até os pés, ao passo que outras dividiam as mangas em tufos, do hombro ao punho.

A joven serva estava de joelhos; as supplicas que dirigia a Deus vinham entrecortadas de soluços, e a expressão do rosto, bem como o gesto do corpo denunciavam o medo que está de sobreaviso.

A camara, alumada por uma lampada suspensa do lecto, era de pequenas dimensões e com paredes de alvenaria, em parte cobertas de tecidos de lan e seda. Uma alcatifa escondia o lageado, senão que em redor ficava uma borda estreita a descoberto. N'uma meza havia um pichel e diversos objectos de prata. O resto da mobilia reduzia-se a algumas cadeiras e um leito. Más aos aparelhos d'este, nada faltava do que se poderia exigir n'uma cama moderna.

O enxergão de molas não se tinha ainda inventado, sem duvida; mas ali estava o «almadraque», com duas «cocedras» sobrepostas, talvez bem molles, porque a lan d'então seria tão boa como de hoje. Para repouso da cabeça, havia um comprido «alifase», sobre o qual jaziam dous «plumazos». Uma rica «almucella» de lan, com vario matiz, cubria a cama; e dobrada sobre o extremo, pela parte da cabeceira, apparecia a larga orla do «mantel» de linho finissimo, ou «sabana».

O desaferralhar da porta vein despertar a filha de Sahe-ma das suas orações, cortando-a de novos terrores. Os quícios chiaram, e no limiar assomou um vulto de homem.

Attingira a idade em que a experiencia costuma acamar as illusões, contrahindo a expansão dos sentimentos, ao passo que o egoismo começa ou seu processo de concentração.

Trazia uma vestia de lan branca sem mangas, ajustada no pescoço, com aberta pelos lados desde o sobaco até á cintura; e uma saya da mesma fazenda, a qual lhe chegava abaixo dos joelhos, apertando-a uma cinta, cujos extremos franjados cabiam da ilbarga direita. Cubriam-lhe os braços umas mangas justas de lan vermelha, fazendo parte da camisa ou camisola; e vestia meias compridas, ou calças justas da mesma côr, calçando horzeguins azues de alamar. Na cabeça via-se-lhe uma gorra redonda, cahindo-lhe sobre os hombros o cabello comprido.

De estatura elevada, e membros mais vigorosos e bem formados do que elegantes, o recém-chegado ostentava um rosto cuja regularidade de feições parecia alterada nas suas linhas, pelos effeitos de uma vida agreste. O olhar era duro, a expressão da bocca imperiosa, e o porte altivo; mas o aspecto no seu todo tinha pouco de aulicano, antes uma aspreza que se roçava com o inculto.

Ao segurar os olhos na fôrma debruçada da serva, a expressão rispida é soberba que lhe era habitual, converteu-se n'um sorriso que deu ao seu semblante um ar de benevolencia.

«Amercea-te de mim, nobre conde ! — disse ella com voz tomada de susto.

«Por Deus, Mariame, não te afflijas assim. Cuidas ver

ganchoso javali que te vem acutilar com as presas? Ou usso cabelludo, que te quer suffocar n'um abraço de ferro?... Estás esplendida n'essas tuas sayas novas! Como te agradam?»

«Tem dó d'esta mesquinha!»

«Ergue-te, minha flôr. Bem sabes que amor, e não ira, me chama ao pé de ti. Na tua mão está tirar-me a alma do luto em que cahiu, e sabires tu a mais feliz de quantas donas ha em Galliza.»

«Assim m'ò tens dilo já — respondeu Mariame, poudo-se em pé, obrigada a isso pelo conde. — Mas certo que maior ventura terias em quem te ignala no sangue, que não em pobre serva affeita só a respeitar-te e temer-te. Ah! poderoso conde, que posso contra a tua vontade, se não souber dobrar-a pela compaixão?»

«Mariame, attenta bem no compasso da minha generosidade, e vê quanto rejeitas com esse desdem. Mais para te ver alegre, que por preço do teu corpo, vou dar alforria a teus paes; e sobre isso, doar-lhes o villar em que tu nasceste, com todos os seus pertences. Quanto a ti, não meço nem medirei os meus dons; e porém fazes de esquiua, de sacudida, e tens má conta commigo!»

Assentando-se, chegou-a ao pé de si, tremendo ella transida de medo; e proseguiu:

«Não te recebo á face da Igreja, nem tu o esperas, Mariame; mas serás minha mulher sem os ritos, que são escusados; e ter-me-has sempre entregue de mui boa mente á tua vontade.»

«Senhor conde, a serva não tem vontade, nem sabe al que obedecer.»

«É o que espero de ti, amada; al não peço eu. E ora vê quanto te hade mudar a sorte. De pobre giesta rasteira pisada por todos, converter-te-has em rosa altaneira, brilhante e soberba! Idolo meu, e companheira de Ermesinda, quem se não pagará de um sorriso teu? Á cêa farás aos hospêdes as horas da mesa...»

«Senhor conde, morreria de medo e vergonha; sou boa só para servir.»

«Serei teu mestre; e posta ao meu lado, far-te-has senhora da primeira assentada. E mais te digo, caçada ne-

nhuma sahirá do portal, sem que vás montada em mussello, que já tenho prompto para ti, de pello curto, lúsidio e bem azevichado; e, tão certo é aos signaes que não ha seu igual no condado; com ser vivo e alegre, é mui docil e fiel. Verás!»

«Senhor conde, não sei cavalgar.»

«Pois eu te ensinarei, querida. Na mão levarás gavião de Aroche ou d'Ubrique; e será dos de sanco mais curto e grosso, ventas mais abertas, azas mais compridas e bem tiradas...»

«Senhor conde, não sei caçar.»

«Não faz estorvo, minha rola, havendo bom citreiro. O mais tomo eu a minha conta para que sabias gentil caçadora; e se receias as unhas do gavião, terás esmerilhão girifalte ou nibri, de boa relê, e dos mais estimados para a mão mimosa...»

«Senhor conde, tenho as mãos duras.»

«Eu tambem, anjinho; assim não gritarás com dôr, quando, esquecido, t'as apertar com força — disse o maguate, rindo, e apossando-se da mão da serva. — Bem vês que, tirando as benções, serás esposa de Froya Gutheres em tudo e por tudo.»

«Isso não quer a Igreja, senhor conde.»

«Deixa lá a Igreja, que eu te prometto seguir-lhe as pisadas. Estás convencida, minha alma?»

«Ah! senhor, o passarinho que nasceu no bosque, só pôde cantar ali; na gaiola, por muito rica que seja, perde a voz e a graça; entristece e morre.»

«Mas em se antansando, se lhe abre a porta. Vieste aqui obrigada, avesinha; dá-me tu uma promessa de amor, e em vez, de presa, serás dona d'esta casa.»

«Ah! nobre conde, tem dó da amofinada! — disse Mariame, voltando a cahir de joelhos.»

«É dizer que me não queres amar? — tornou Froya com rudeza, franzindo as sobrancelhas.»

«Não n'ó perguntes. És senhor de todo o meu acatamento; amo-te com a mesura e humildade que cumpre á serva.»

«Mas guardas o coração para outro, de casta vil como tu! Esse carminim, que te ora incendêa as faces, denuncia-

va-te, se eu não fosse já senhor do teu segredo. Assim que tenho por competidor um servo ignobil, um tal Savarigo? E, pelas tripas de Satanaz, tu dás-lhe a preferencial?»

A coitada tremia como folha sob a lufada.

«Mulher d'elle, não podes ser seni meu prazimento; isso não darei nunca. Seria mais fácil fazer de ti traspasse a Judas o trahidor! Ha mais, aquelle cão atreveu-se a arreganhar os dentes... a morder nos meus. Tem tu por seguro que se hade arrepender. Será escarmento aos da sua laia; e bem o precisam, pois têm andado revoltosos ha tempo para cá.»

«Cáhia sobre mim o castigo, que fui causa do feito; mas perdoa, meu senhor, perdoa a loucura de Savarigo! — exclamou Mariame, aterrada.

«A loucura hade sahir-lhe cara!»

«Ahi senhor conde, perdoa-lhe d'esta vez, e eu te prometto que terño n'elle servo submisso, e bom ensinador dos demais.»

«E promettes que te ensinará tambem a submissão, querida? — suggeriu Froya, passando-lhe de repente a colera, e sorrindo-se para Mariame. — Dize-me, serás tu a unica rebelde ao meu desejo?... És tão linda assim, com esse teu ar! Dá-me segurança quanto a ti, e pede o que quizeres em obsequio de Savarigo... Ah! resistes sempre? Então dá-o por perdido.»

«Abusa pois do teu poder, tyranno! — clamou a serva, pondo-se em pé, com o rosto afogueado, e escapando ao abraço que vinha imminente, imprimindo-lhe o desespero uma energia momentanea. — Amo, sim, amo a Savarigo. Amal-o-hei sempre. Perdão vendido não n'o quer elle; e eu não quero o odio de Savarigo.»

«Na verdade, és atrevida! Não provoques quem pode dispor de ti. Não me pertences já?»

«És meu senhor, e como tal te respeito. Pertenço á terra em que nasci, e essa terra é tua. Mas não tens senhorio do meu corpo.»

«E quem ha ahi que me impeça provar-te o contrario? — perguntou Froya em tom de mofa.

«O senhor de nós todos, Deus poderoso! — respondeu ella erguendo a dextra, mas perdida já a confiança em si.

«Pelos ossos de S. Martinho! elegeste um defensor com quem homem nenhum poderá medir-se, se vier em teu auxilio... Ora vamos ao caso. Esse geito referteiro não é da tua condição. Quiz usar contigo de carinhoso; colher-te como a flôr mimosa sem murchar-te, pois ao toque de mão cruel vae-se o aroma, o viço e a graça. Queria o teu sorriso, não a tua maldição encuberta em longos carpidos... Se não podes amar-me, minha perola — e o coude levado de paixão, tomou-a pela cintura, — desenruga-me pelo menos essa fronte, aviva-me esse rosto gentil com olhos garridos, enlaça-me o collo n'um doce abraço, e toca-me com esses labios deliciosos... Ah! não te confranjas assim, Mariame... Não escondas a cara... Heide dar-te um beijo — e quiz obrigal-a a assentar-se-lhe no joelho.

«Oh, isto é infame, Froya Gutheres!... Aqui do conde!... Quem me acode! Accorede! accorede! — clamou a serva, com esforços desesperados para se arrancar dos braços do magnate, que se fazia já brutal.

«Por quem chamas assim com voz de caritel, se aqui tens o proprio conde da terra? Quem ousaria roubar-te ao amor de Froya Gutheres? — responden este, levantando-se com ella nos braços robustos como se nem peso sentísse, e dando duas passadas pelo quarto.

«Santa Virgem bendita, valei-me!»

A este brado supremo respondeu um bater na porta.

«Pelas tripas de Satanaz, quem se atreve! — e a voz de Froya era um bramido de rachar o tecto.

«Oh! senhor coude, não praza que vos agasteis commigo... — dizia alguém de fóra.

«Ranemiro! Oh villão, serás pasto do inferno...»

«Venho obrigado do cavalleiro Ekaredo Gondemires. Traz aviso de Pravia de alta importancia...»

«Ekaredo Gondemires! Chegado de Pravia? — e o conde dizendo isto comsigo, largou a sua presa, que se refugiou a um canto do quarto. — Que novas serão estas, de peso tamanho que d'ellas se quer alliviar sem descanço ou demora?»

Quando Froya abriu a porta, ia já moderado o furor que o commettera; mas o sayão receioso, hesitou um momento antes de entrar, cobrando animo porém ao vér que

o amor não fazia caso d'elle, e dirigia a palavra a Mariame.

«Filha — dizia o magnatê em voz um tanto animadora e benigna, — cuida bem no que me ouviste, e tem mais juizo. Por esta noute dorme em paz; prometto que ninguem te virá incommodar.»

Retirou-se o conde, seguido do seu satellite.

.....
A uma hora mais adiantada da noute, acordou Mariame sobresaltada. Deu um grito de terror ao ver a porta que se abria; mas o susto desfez-se em alvoroço, ao apertal-a nos braços a mãe.

VII

O DILEMMA

Porque os matrimonios devom a sseer livres e os
que ssom per prema nom ham boa cima...

REI D. AFFONSO II, *Estabelecimentos*.

No entretanto estava Ermesinda nos seus aposentos.

Reclinava-se, á moda das mulheres arabes, moda que já ia prevalecendo no reino do norte, n'umas almofadas grandes, postas no chão contra a parede que corria fronteira a uma janella. Ao longo d'este assento macio e commodo, estendia-se uma rica e ampla alcatifa, producto da industria cordoveza, sobre a qual estava em cocoras uma mulher joven, mas não devendo nada á belleza, por cujo traço e postura se conhecia ser de uma esfera inferior. Era de feito collaça de Ermesinda, a quem tinha sempre acompanhado, e de cuja confiança gosava.

Não havia luz accesa; mas pela janella aberta entrava um reflexo de luz brando e melancholico, que, diffundindo-se pela sala, permittia que, sem grande esforço, se distinguissem os objectos, e vagamente as feições das pessoas.

O aspecto da donzella denunciava tristeza d'alma e agitação de espirito.

«Por mais que digas, Astrildi, não posso livrar-me d'estas preocupações. São prenuncios de alguma grande desgraça, e desenganô de minha alma!—dizia ella, continuando a conversa.

«Ah! senhora minha, com quantas fantasias te deixas espantar! Quando entraste, todo o teu cuidado era ver chegar o conde, informado do que passaste com o cavalleiro. Agora, estás perdida de receios pelo filho de Ansur. Deixa esses medos, senhora, que elle chegará a salvo ao seu destino. Que queres lhe succeda?»

«Não sei, filha; mas agora senti um estremecimento, uma commoção tão forte, que... Santo Deus, a voz do Guesto!... tão fraca, tão fraca... parece de quem fenece...»

«Socega! É tua imaginação...»

«Que vejo!—exclamou Ermesinda com olhar fito no chão.

«Não te deixes levar assim de abantesmas!»

«Não vês?—perguntou a donzella assustada apontando com o dedo.

«Se vejo? O quê?»

«Sangue!»

«Sangue?... Engano, minha rica senhora. São os chapins vermelhos d'este maldito agareno pintado na alfombra; e a alvura do zorame põe-t'os mais na vista—disse a collaça que, engatinhando, se havia approximado do logar indicado.

«Foi sangue. Vi-o com estes olhos, encharcando-se e crescendo como quando cahê em terra gotejando de ferida aberta. Mas a terrá já o bebeu... Oh Guesto! Meu bem, estarás em risco?... Estarás ferido?... Estarás já... Oh!—e soluçando, a filha do conde, que se tinha erguido a meio, tornou a cahir sobre os coxins.

Fez Astrildi quanto pôde para pacificar sua ama; mas o choro em que se resolvera a crise, contribuiu não pouco para isso. Passou-se comtudo algum tempo antes que Ermesinda recuperasse uma tal ou qual tranquillidade.

Vendo-a sempre triste e pensativa, lembrou-se a collaça, para distrabil-a, de entoar uma xacara doudejante de alegria; mas a sua ama fez-lhe signal desapprovador.

«Cala-te, Astrildi; essa loada faz descompasso nos meus espiritos. As lagrimas podem atalhar o rir; mas a alegria não tem virtude para enxugar-as, nem para sarar a alma opprimida. Já que, porém, estás a isso disposta, podes cantar-me a morte de Goda, a coitada.»

«Ai Jesus! isso é metter caveira em mão de moribundo. Por Deus! não quêiras agora ouvir aquelle soláo tão triste de Guesto Ansures.»

«Quero, todavia; vae tu por diante.»

A collaça obedeceu. Era o caso: Dous cavalleiros cortejavam a mesma donzeila, que, para salvar a vida áquelle a quem se havia promettido, casou com o outro. Approveitando um ensejo, forcejou o primeiro por induzi-la a fugir, e não o conseguindo, matou-a. Rematava a canção com a chegada, annos depois, de umromeiro que foi ajoelhar-se junto á sepultura da victima; e com as palavras:

«Oh, perdna, santa martyr!

Intercede tu por mim.»

«Perdoar-te, vil algoz?

Não! .. segue para teu fim.»

«Ai de mim, coitados ambos!—disse Ermesinda—se, malpeccado! eu casasse, obrigada, com outro homem, o que certo não hade de ser, mostrar-se-hia Guesto assim duro commigo?»

«Oh! Senhora, se elle nos conta historia tão mofina, não é porque seu coração seja capaz d'isso.»

«Nem a mim me parece; mas d'isto estou certa, que se viesse por tal guisa constricto á beira do meu tumulo a pedir perdão, não seria eu quem lh'o negasse.»

«Bofé! senhora, eu cá diria como Goda, a trucidada: Apaget ruim verdugo; de mim não terás perdão. Anathe-ma, maranatha! Vae pagar a tua pena aos infernos em companhia de Judas o tredor! Que vivo a terra te absorva como a Dathan e Abiron, maldito excommungado!»

Ermesinda não replicou, nem pareceu ouvir as temiveis imprecções eventuaes da sua collaça: Serenando-se sob a benigna influencia do canto, operava-se agora n'ella certo retrahimento, certo segregar-se d'alma, filho não só do nenhum desejo, mas da difficuldade experimentada ás ve-

zes em communicarem-se a outrem os pensamentos, o complexo das sensações e imagens que no intimo se produzem. São combinações estranhas de elementos conhecidos; impressões familiares, mas nunca realisadas na vida positiva; se não a troços e com grandes quebras. Parecia languidez da alma, mas não o era de veras; e se porventura ha momentos em que, no espirito desimpedido, na alma enlevada, se avivam recordações extramundanas, vagas, indefinidas, mas radiantes, perfumadas, delectosas, repassadas de melodia, estava Ermesinda n'um d'esses momentos.

De repente ouviram-se passos de fóra.

A filha do conde despertou do seu esquecimento momentaneo.

Alguem parou; pareceu hesitar, e por fim bateu á porta.

«Santos do Paraiso, eis o conde que vem!—exclamou a donzella, aterrada.

Astrildi foi abrir; e um homem teve-se immovel no limiar.

«Misericordia! É elle—disse a collaça em meia voz, correndo para sua ama.

«Meu pae? Bem n'ó dizia o coração assustado.»

«Já não ha que duvidar, foi elle quem vos esteve escutando—continuou Astrildi, baixinho.

«Quem? meu pae!»

«Pois eu disse tal? Aqui tens Ekaredo Gondemires.»

«Ekaredo Gondemires!—repetiu a donzella com assombro.

Não foi sem motivo que se impressionou. Quando n'aquella noite alludira ao filho de Gondemir, associando a sua imagem com o incidente que tanto a assustára, longe estava de suppôr possivel o que instinctivamente lhe viera ao espirito. Vendo pois agora o homem que julgava estar tão distante, conheceu logo que tinha diante de si o espião da encosta do Bastilho, persuadindo-se em continente que estaria já revelado a seu pae, o que ella tinha tanto empenho em lhe occultar.

«Ekaredo Gondemires!—repetiu Ermesinda.

«Elle mesmo, senhora, para vos servir—respondeu o

recemchegado em tom lhano e polido, approximando-se com uma reverencia cortezan.

Ekaredo mostrava ter a idade de Guesto, mais ou menos. A tez era morena, os olhos pretos, e os cabellos compridos da mesma côr. De estatura mediana, formas bem proporcionadas, ar desembaraçado e continencia agradável, a primeira impressão que produzia lhe era favoravel.

«Vem saudar a perolá d'estes perfumados valles — continuou o mancebo, — a flôr mais aromatica de toda a Galliza, desde o mar até ás ribeiras do Sil. Não lhe soffria o coração deixar de vir pedir novas suas, primeiro que as fosse saber do conde seu pae.»

«Ah! Ainda não o vistes? — perguntou a donzella, respirando mais livremente.

«Para quem havia de ser o meu primeiro pensamento senão para vós, em quem o tenho sempre posto?»

«Á fê! cavalleiro, que não vos suppunha tão perto de nós; cuidava estivesseis em Pravia.»

«Não são seis dias acabados que sahi d'ali com recado de el-rei para meu pae, que ora governa em Lugo, e para o vosso. Mas devo prevenir-vos, senhora, de que trago outro negocio, para mim de grande empenho, que propor a Froya Gultheres.»

«É porque me prevenis d'isso?»

«Por vos dizer respeito.»

«E vem a ser?»

«Que, authorisado por meu pae, lhe vou pedir a mão de sua filha, se para isso me derdes licença.»

«Ides pedir a minha mão! — exclamou a donzella pasmada. — Grande novidade, cavalleiro! Pois não sabeis que estou firme em me não casar?»

«Ah! senhora, as palavras nem sempre dizem com a vontade; e se vos apraz, dir-vos-hei quem ha sabido abalar essa vossa firmeza — respondeu Ekaredo com leve ironia:

«Fallemos sem rebuço; pois já que não tivestes pejo em fazer de escuta, não o deveis ter em confessional.»

«Não ha para que eu tenha pejo do que fiz, bella Ermesinda; como ides ver agora. Vinha eu subindo para Folgo-so, atraz dos meus pensamentos, que, mais desimpedidos

que o corpo, já ao pé de vós estavam, quando, deitando a vista pela ladeira acima, divisei uma fôrma esbelta, correndo com pé ligeiro, e desaparecendo na espessura do bosque, em menos de um credo. Mas conheceram-vos logo estes olhos, e descavalgar do ginete indo-me no vosso encalço, foi tudo um: pois muito anhelava ver-me ao pé do anjo dos meus sonhos. Entrando na matta, e não vos vendo, estive, depois de um pedaço, para chamar o doce nome que estes montes repetem a miudo na voz do povo que pelos valles vos abençoa a cada hora do dia; mas n'esse momento aos meus ouvidos chegou um som de vózes que me chamou para a parte d'onde vinha. Então, vi aquella que me era mais cara que os olhos com que a mirava, vi-a assentada n'aquella solidão junto de um homem. Prestei ouvidos; o que não deveis de estranhar, senão maravilhar-vos de como me spube conter ao ouvir a pratica que mantivestes com Guesto Ansures.»

Cada membro do discurso proferiu-se com emphase e pausa intencional, com um socego no gesto, uma suavidade na voz, um sorriso na bocca, que incommodaram a donzella, augmentando-lhe a perturbação.

Seguiu-se um momento de silencio.

«E que uso pensaes fazer do que descobristes?—perguntou ella a final, com voz atada.

«A vós pertence resolver se me hei-de calar, como só se calam os mortos, ou se o coude deve ser participante commigo d'esta grande novidade. Do filho de Ansur nunca pôde ser esposa a filha de Froya Gutheres; tamanho é o desaviamento que mais facil fôra ás agoas do Valcarce unirem-se ás do Navia. Mas não ignoraes, Ermesinda, quanto se pagaria vosso pae do nosso enlace.»

«Nunca! Nunca consentirei em ser vossa mulher—exclamou a donzella com subita energia.

«Não engeiteis com esse desdem o amor de quem por vós é capaz de tudo... Por ti daria a vida, Ermesinda—e Ekaredo n'um accesso de paixão, atirou-se aos pés da donzella.—Por ti me venderia á damnção eterna... sim, por uma hora da tua companhia...»

«Não blasphemeis, sobre enfouquecer!—disse ella, interrompendo-o.

«Tem compaixão d'este teu servo; dá-me uma só palavra d'esperança.»

«Erguei-vos, cavalleiro; e não me peçais o que não posso nem quero dar. Já renunciei á minha esperança; deveis renunciar á vossa.»

«Antes renunciar á vida! Oh! acceta a minha devoção e como teu esposo me matarei para te trazer sempre contente e feliz.»

«Nem que fosseis poderoso para me rodear das delicias que dizem brotar do mesmo ladrilho no alcaçar de Cordova!—respondeu Ermesinda, sem tomar folego, repellindo o mancebo com um gesto nervoso.

Ekaredo levantou-se impetuosamente. Estava fullo.

«Olhai por vós!—bradou;—e senão por vós, então por aquelle que se intrepoz entre mim e a mulher que amo. Tremei por elle!»

«Não esperéis amolgar a minha vontade com feros e ameaças, já que o não podestes com promessas fagueiras. Se o penedo á beira-mar não sente os carinhos do estio leve e brando, tambem se ri do bater desesperado das ondas em furor. Se revelais a meu pae o que sabeis, sustentarei como poder o peso da sua colera. Quanto ao nobre filho de Ansur, de quem, por ciumes ides dar voz, que mal lhe podereis fazer? Elle fia-se do braço esforçado, não de pé leve e olho fino.»

«Está-me parecendo — replicou o mancebo, já mais senhor de si, com quanto ferido do sarcasmo, — que se Froya Gulheres suspeitasse sequer de que o homem que amais se chama Guesto Ansures, e que esse vosso idolo caminha para Samanos a ver-se com amigos e parciaes de Alfonso, com o fim evidente de armarem alevosia a el-rei, quiçá contra a mesma vida d'elle; quor-me parecer que o nobre Froya, assim por ser pae vosso, como por seu cargo, e movido por lealdade, saberia ordenar as cousas de maneira que ficassem colhidos ás mãos esses trahidores.»

«A alevosia é obra do vosso imaginar. O filho de Ansur nunca será quinhoeiro em acto feio e torpe. Digo mais, Alfonso é incapaz de romper o juramento com que se ligou em Pravia, — assim fallou Ermesinda; mas surgiam-lhe no intimo novos terrores por causa de Guesto. Até ali,

preoccupada pela idéa de se lhe ter descoberto o segredo do coração, perdera de vista que tal descoberta envolvia a do destino do trovador.

«Embora! — tornou Ekaredo ironicamente. — Quando virdes Guesto em poder de vosso pae, dizei-lhe isso mesmo, que vos attenderá sem duvida.»

«Oh, não vos creio tão cruel! — exclamou Ermesinda, sumnamente agitada, torcendo os dedos, e dando alguns passos por um e outro lado. — Não, não liaveis pôr por obra a vossa ameaça.»

«Affaste o Deus! Nem faz mister appellar a tão alta potencia. Basta um concerto entre nós.»

«Obrar assim, não seria de nobre cavalleiro, como sois.»

«Quero continuar a sel-o por amor de vós. Um accordo o affiançará.»

«Cedei aos meus rogos, e eu vos prometto uma amizade tão inteira e comprida quanto a vida que Deus me der.»

«Amisadel! Pois a flôr mimosa hade crescer-me ao pé luzida e fresca, e eu sem poder colhel-a, nem sorver-lhe a fragrançia? Antes não a vêr nunca! Amor só com amor se paga.»

«O amor não se pôde partir.»

«É recordar-me que o vosso está n'outra parte, Oh! pezar de minha alma, sinto-a revolta com mil aborrecimentos! . . . Mas não exijo de vós um milagre. Visse eu uma restia de sol a sahir das nuvens de desamor que mostrais, e socegava para sempre o molim dos odios que me revolvem no peito. Sede minha, e serei até amigo de quem arisca fazer de mim o que não quizera.»

«É condição que não pôde ser.»

«Já que assim o quereis, tornar-me-hei a elle; e . . .»

«Ahl não falleis em vingança. Concedei-me a graça que imploro, e nunca mais porei vista em Guesto Ausures, eu vol-o prometto.»

«Da vossa promessa me fio; e mais por ser escusada; não estareis exposta a quebral-a, acreditai.»

«Não tendes coração para compadecer as angustias de uma desditosa? — disse ella, interpretando as palavras como nova ameaça de tudo revelar; e dobrou-se diante d'elle. — Oh, Ekaredo! . . .»

«Em pé, senhora! — respondeu elle, interrompendo-a e obrigando-a a levantar-se. — Quando estive ind'agora aos vossos pés, repellistes-me com desprezo. Eu quero dar-me por vencido. Já não peço o vosso amor; o meu é tão inteiro, e confia tanto em si, que lhe quero dar por auxilio o tempo, para vos trazer a outros sentimentos; só peço que sejaes minha mulher.»

«Estaes illudido. O vinculo acceito por prema não se vira nunca em liame de afeição.»

«Quero pôr esse vosso preceito à prova; seja meu o risco.»

«A amizade sem outro compromisso, a terieis segura e para sempre.»

«Amizade, sim; mas abençoada pela Igreja.»

«Jurei nunca pertencer a outro que não fosse Guesto.»

«Haveis renunciado a elle.»

«Renunciei; mas não ha poder que me obrigue a quebrar o juramento.»

«Se estais firme no vosso proposito, assim me haveis de ver tambem: Tremei pelo objecto do vosso amor, e do meu odio!»

«Ekaredo Gondemires, sois um infame! Ide pois por diante com a vossa obra, digna de um demonio.»

«Serei demonio e infame, porque assim o quizestes, podendo ser modelo de virtude inspirado de vós. Bem vos preveei de que por vós era capaz de tudo.»

«Vileza foi em mim, abaixar-me a rogar e implorar quem mostra tanta vilania; pois homem inclinado á virtude, como pretendeis, não é nunca vil e covarde.»

«Ah! sou covarde? — bradou Ekaredo tocado no vivo por esse epitheto ouvido da bocca de quem amava; e dirigindo-se arrebatadamente para a porta, accrescentou: — Isso é que se não perdôa!»

Mas Astrildi tinha-lhe atravessado o caminho, lançando-se de joelhos.

«Oh! nobre cavalleiro. — disse ella — não cureis d'essas palavras só filhas do desespero. Quem deveras traz o coração rendido, estremece muito sobre quem ama, para lhe não querer todo o bem. Pois haveis de soltar o vendaval sobre a tenra flor que vosso peito queria agasalhar? Oh! isto não pôde ser; não é de quem sois.»

«Pois tu atreves-te a tanto? Cala-te, serva! Não te mettas no que te não toca — respondeu Ekaredo desabridamente, arredando de si a collaça.

O incidente veiu, porém, dar outro curso aos impulsos da filha do conde. A indignação que por fim se tinha aposado d'ella, constituiria uma reacção dos sentimentos que lhe eram naturaes; antipathicos a quanto fosse baixa. Mas vendo de novo imminente a crise, mostrou-se antes de tudo malher.

Na mulher impera o coração. A mulher que ama de-veras é a creatura mais sublime sahida das mãos do Omnipotente, pelo menos em quanto lhe dure esse estado; e o homem que a trahe, é o ente mais vil e abjecto da criação. Só na mulher se realisa o desinteresse absoluto; só ella se purifica da ultima parcella do egoismo, para identificar-se completamente no objecto amado. N'essas condições, os seus impulsos não tem limites; a subjectividade é suprema, e o crime, até, pôde-se-lhe afigurar virtude. Mas Deus, que esquadrinha tudo com juizo inteiro, sabe quantas vezes são irresponsaveis as condemnadas do homem.

Ermesinda não estava, porém, em trance tão melindroso e afflictivo; apenas dissimulou.

«Filho de Gondemir! — disse ella com voz fraca, deixando-se cahir nas almofadas.— Dae-me pelo menos algum tempo para meditar na vossa proposta!»

«Pedis tempo? Não o é ainda, pois, para desesperar — respondeu elle, já do outro lado do limiar; e regressou com presteza e alvoroço.

Depois, parando de repente, com ar pensativo, fallou consigo: — Cuidado! cuidado! Ella quer folga para d'ahi tirar seu proveito. . . para que o lobo no redil se não possa já colher. . . Embora! mais um dia nada faz ao caso; Guesto não sahirá tão cedo de Samanos, *se por acaso lá chegar.*»

Ergueu então a voz, dizendo:

«Eu não quero ficar de quebra comvosco, Ermesinda. Esse primeiro raio de esperança que me enviaes, vem desenfadar-me da minha tristeza. Aceito o agouro; e dou-vos todo o dia de amanha para lançar o vosso juizo sobre o caso. No dia seguinte, entre horas de terça e sexta, virei saber o que tiverdes determinado.»

Ermesinda pediu um prazo maior, mas sem o conseguir; e com a sofreguidão de naufraga, a nobre donzella, no aperto em que se via, atirou-se a essas poucas horas tão parcamente medidas, como se n'ellas esperasse encontrar, não um allivio passageiro, mas um evento prompto e decisivo ás difficuldades que a rodeavam.

VIII

O MOSARABE

Pois não vemos que toda a juventude christã, de aspecto grave, no discurso fluente, distincta pelo vestir e pelo gesto, eminente na erudição e eloquência gentilica, se entrega com avidez ao estudo e leitura dos livros arabes? . . .

ALVARO DE CORDOVA, *Indiculus Luminosus*.

O interior dos paços do castro conservava ainda as formas, e em grande parte a architectura da epoca da sua construcção romana. Assim ao vestibulo seguia-se um pateo quadrilateral cujos lados maiores corriam de norte a sul, ornado de columnatas e galerias cubertas. Depois passava-se a uma peça comprida, que, do seu destino primitivo de cartorio (*tablinum*), se reduzira a simples passagem para o peristylio, que, sendo mais espaçoso que o pateo, tinha o seu maior comprimento em sentido transversal a este. Nas quatro galerias do peristylio havia portas que davam para diversas salas e aposentos interiores do edificio. Os que Ermesinda occupava estavam do lado occidental, dando-lhes serventia uma sala, que em tempos passados fora provavelmente *triclinium*, ou casa de jantar.

Ao despedir-se da donzella, dirigiu-se Ekaredo para o pateo, que, dos dous lados principaes, tambem tinha algumas portas, por uma das quaes se entrava no que, pelo as-

pecto dos que ali estavam, parecia ser sala de guarda e de gente de serviço.

Dando a conhecer que precisava fallar com o conde, respondeu-lhe Ranemiro, oppondo duvidas. É escusado repetir o pequeno debate que se levantou, porque o leitor já sabe que o sayão se prestou a final a levar o recado, sendo aliás o unico que se atreveu a isso. Em quanto este ia seu caminho, o filho de Gondemir, acompanhado de um dos servidores, o mesmo que á sua chegada, lhe ensinára os aposentos de sua ama, tornou a atravessar o pátio e o peristyllo até a galeria do norte, d'onde entrou para um salão, á espera de Froya Gutheres, ou da sua resposta.

Ekaredo era por sangue, godo sem mescla. Seu pae pertencia a uma d'aquellas familias nobres que se haviam conservado no paiz natal, sujeitas ao dominio dos conquistadores arabes, e no goso dos privilegios que estes lhes concediam a preço do tributo e da submissão politica, privilegios que lhes davam jus a uma especie de autonomia civil, religiosa e domestica. Originado da culta Cordova, cursára Gondemir as escolas, que, á parte ás dos sarracenos, eram regidas por christãos e geralmente por ecclesiasticos. Isso não obstante, e apesar dos privilegios, o contacto com os orientaes, e os casamentos mixtos que se foram tornando frequentes algum tempo depois da invasão musulmana, tinham produzido o seu effeito, fazendo com que os christãos adoptassem a pouco e pouco alguns dos costumes, muito da cultura, e até a lingua da raça dominante. D'ahi lhes viera a designação de *mosarabes*, ou «imitadores dos arabes,» applicavel a todas as classes e a todas as raças christans sujeitas; não só ás familias sem mistura do sangue sarraceno, como tambem ás que a tivessem.

Tendo Ekaredo nascido em Cordova, pôde ainda aproveitar as vantagens locais de disciplina e educação, até que as circumstancias, que não fazem ao nosso proposito particularisar, induziram seu pae a emigrar, estabelecendo-se no reino das Asturias, havia quinze annos, por ensejo da acclamação do rei Silo, que o protegeu confiando-lhe um governo que envolvia a dignidade de conde. Mas o ultimo grão na fortuna e influencia de Gondemir, coincidira com a usurpação de Mauregato, na qual tivera parte, valendo-

lhe isto o favor do príncipe e um lugar na sua curia, de que era um dos principaes magnates.

Foi por occasião da visita de Froya Gutheres á sede do governo, no anno antecedente, que este se achou em frequente contacto com o valido-mosarabe, chegando mesmo, por motivos politicos de mutua conveniencia, a serem cordialissimas as relações que travaram de parte a parte, a despeito das prevenções de Froya contra os mosarabes em geral, das classes elevadas. No seu regresso, acompanhara-o Ekaredo até Lugo, onde este viu e se apaixonou de Ermesinda. De boa vontade teria Froya consentido n'um casamento; mas a ambição do magnate, que conhecia as vantagens de semelhante alliança, tinha cedido perante os protestos de antipathia e aversão da filha, que, talvez pelo contraste, exercia um certo influxo no genio rude e iucivil de seu progenitor, cuja afeição por ella participava do respeito que instinctivamente se tribula á superioridade moral.

As passadas de Ekaredo pelo salão tagedado, indicavam certa impaciencia; e ás vezes sahia para o peristyljo a vér se havia signal de novidade, recolhendo depois para continuar o passeio. Um leve arrular-se das feições, aliás symmetricas, dava-lhe um modo de sorriso habitual, que não raro sem sentido e vago, tinha as mais das vezes o que quer que fosse de desdenhoso e mesmo de insultante. Isso junto com a expressão inquieta e inconstante dos olhos, e a tendencia que pareciam ter para cahir de esguelha, ou talvez melhor, para se não fixarem bem nos objectos, faria surgir alguma perplexidade na mente de quem o visse, para ajuizar se, no natural d'esse homem, sobresahia a levandade ou o refolho. Mas a nós, que o conhecemos já um pouco, não nos faltam elementos para formar um juizo mais seguro.

Appareceu finalmente o pae de Ermesinda.

« Bem vindo sejas, Ekaredo Gondemires, supposto que por amor das tuas pressas, me vês um tanto aborrecido... Então que novas são essas? — disse elle em tom brusco, mas com sorriso amigavel.

« Ora hem sinto, conde Froya, que calhasse assim, e chegar eu tão fóra de horas. Mas cábia a culpa no meu

alazão. Vim talvez despertar-te do somno?—respondeu o outro com modos polidos e desembaraço airoso.

«De um sonho, pôde ser—e Froya soltou uma risada. —Trabalhava eu por fazer á mão a uma serva que não está mui chã ao serviço... Mas, bofê, estou mudando de parecer, e quiçá fôsse melhor assiu... Ora, sus, conta lá, que me arreventa por todo o corpo o desejo de saber... Espera, não hade ser assim em pé.»

Froya conduziu o seu hospede a uma cadeira grande e pesada, de encosto arredondado e assento orlado em curva; ao passo que, chegando para si uma cadeira rasa, se assentou ao pé do joven mosarabe.

«Não pergunto por tua filha, conde, porque já a fui saudar; e bem podes imaginar a minha alegria ao vel-a tão bem disposta de saude, e bella como sempre.»

«Como te recebeu?—perguntou Froya, mostrando algum interesse.

«Como a defunto, ou ausente não esperado, que é tudo um.»

«Não admira que ella se admirasse; mas depois?»

«Foi flor mimosa, com espinhos; encolheu-se, mas ferindo. Á despedida, porém, encantou-me qual perfumada rosa que se desabotoa.»

«Deveras? Vamos, Ekaredo, isso já não foi pouco. Nas mulherês, o desamor que se amansa, é fortaleza que consente em praticar de rendimento; e olha que muitas vezes vem a dar em paixão, que é tanto mais estavel, quanto foi demorada em declarar-se... Mas quero ouvir-te as novas. Como deixaste el-rei?»

«Na prisão de Deus.»

«Deus o tire d'ella cêdo, e o mantenha.»

«Houvesse tal esperança! Não n'a tem a curia; e o luto anda nas previsões de todos. Mas isto é segredo.»

«Então é cousa séria d'esta vez?»

«Tão seria que com ella prende, senão sahio d'ella o negocio que me levou a Lugo e me traz aqui...»

«E teu pae? Está ali contente? Está por sua vontade?»

«Porque não?»

«Não se afastou; pois, do paço, a isso obrigado, ou por desavença com a curia?»

«Obrigado? No sentido que lhe dás, não foi. Meu pae está tão alto no conceito dos da curia, como esteve sempre — respondeu o mosarabe com certa ufania. — Mas de veras não podias adivinhar o que ainda não te revelei. Previno-te, porém, de que é de toda a puridade!»

«A toupeira não jaz mais escondida na terra que um segredo no peito de Froya Gutheres...»

«Ninguem duvida de ti, amigo conde; e sobre isso tens parte no negocio. Ora, Gondemir passou para Lugo por dous motivos: um, com o fim de vigiar...»

«Vigiar! Eu tinha teu pae por homem de feito, e mais avisado. Largar o leme em Pravia para fazer de vigia em Lugo, passar de mordomo a servente, isso não fazia eu.»

«Nem foi como imaginas. Escuta, conde. Ha pouco constou na curia que Affonso desaparecera de Amurrio; e sendo Lugo o niuho da mór parte dos seus acostados, sobre ser assento ordinario de Bermudo, cuidou-se logo que seria esse o seu destino...»

«Ah! Já vejo o porque da desfeita.»

«Por Deus! Ouve até o fim: ha urgencia, como verás. Coincidiu com essa noticia a doença de Mauregato. Não ignoras o proposito que ha em Pravia, de fazer acclamar a seu filho Hermenegildo nos principaes pontos do reino, sem arriscar uma eleição; não ignoras que d'isso estão alguns encarregados logo que fallecer el-rei.»

«Aqui tenho o segredo bem fechado — protestou Froya com forte pancada no peito.

«Assentou, pois, a curia que era chegado o tempo... Peço-te, amigo, que te não agastes. Viu pois a urgencia de pôr em Lugo homem mais da sua confiança que o conde Tructesindo...»

«Meu cunhado não merecia tal affronta!»

«Não houve idea de affronta; por isso o passaram para Mendumeto. Parece que tu ignoras a estreita amizade que travou com Bermudo; e que, segundo anda moente e corrente, Tructesindo se ha tornado mais brando...»

«É mentira! Foi calumnia! Seu odio a Affonso corre parelho ao meu.»

«Assim o creio, agora; pois tu o affirmas. Mas Tructesindo não estava no segredo; e por cautela, que ora vejo

foi sem razão, não lh'o quizeram confiar. Assentou-se pois que fosse para Lugo um dos homens da curia, que tivesse maior privança e autoridade. . . »

«É teu pae foi o escolhido.»

«Quiz fugir ao encargo, mas cedeu ás instancias; e assim foi de certo modo obrigado, como disseste. A commissão que trouxe é ardua, apesar de vir acompanhado, afóra a gente de guarnição na cidade. Tem de vigiar o diacono, sem comtudo entender com elle, nem molestal-o; e tanto que tiver rebate da curia, acclamar a Hermenigildo. Entrementes hade de estar de sobreaviso com respeito a Affonso, lançando mão de todo o estratagemas para o haver ás mãos. Como vês, não é d'invejar a tarefa. Para bem cumprir-a hade homem ter olhos de camaleão, que vejam de todos os lados a um tempo; boas ouças de curuja e azas de sêda do morcego, para de longe ouvir e sentir; sobre-isso pernas de pulga, com que se atire aos rebates—mas guarde-as do vello!»

«Grandes novidades são essas, Ekaredo!»

«Mas vamos ao ponto—continuou este.—No dia em que sahi de Pravia, e foi por isso mesmo, chegou aviso confirmando a suspeita de que Affonso vem caminho de Lugo, acompanhado de Theudas e de um tal Ariulfo, que se julga ser nem mais nem menos que a mãe. . . »

«A rainha Munia?»

«Munia, disfarçada em homem. Vais ver. A pista do filho, que se havia perdido, tornaram a dar com ella em Leão, devido isso, como parece, á demora que os fugitivos houveram de ter ali, por haver adoecido o chamado Ariulfo. Soube-se, por uma rascoa da casa, que o doente não era homem, senão mulher. Ora, que mulher podia ser, que pedisse rebuço, senão a viuva de Froila? e mais, que representava homem novo; digamos mulher de meia idade.»

«De feito, Munia não passa dos quarenta e sete. Mas porque vem? Se é com vista em revoltar a terra, parece que melhor teria ajudado o filho, deixando-se ficar em Amurrio. Tambem pôde ser que o intento partisse d'ella.»

«É fardel que trazem, e para nós promessa de melhor parança.»

«Foi máo saberem d'isso tão tarde na curia, e peior achar Affonso amigos em Leão.»

«Não ha mal d'onde não sábia bem. Aquella passagem por Leão, tirou toda a duvida quanto ao destino que elles vem levando; e pelas providencias que a curia passou a tomar, mui esperta será a raposa, se não fôr colhida ás mãos. Mas pede o negocio que se não metta tempo em meio. O conde Sesnando, que governa no Naviense, está já de prevenção, faltando só que tu o estejas igualmente.»

«Dize lá, e fiem-se de mim.»

«Do Vierzo—continuou Ekaredo— tem Affonso só uma sahida, e tres caminhos para Lugo. Se tomar pelo porto de Pedrafita, como jornada mais curta, se bem que de piso mais difficil e escabroso, afóra não ser mui bem servida de barcas de passagem nos portos dos rios, ali encontrará um troço da gente de Sesnando, com ordem de proseguir até Villa Franca; em quanto o proprio conde, com o resto dos seus, está de atalaya na torre romana, que é de passagem forçada a Lugo. Mas se não obstante a grande volta, eleger a estrada romana, por mais suave e por ter pontes a miudo, ou se vier pelo caminho dos montes, via de Dragante e Corrales, pertence a ti, conde Froya, frustrar-lhe o passo, pondo força em diversos pontos, segundo te parecer mais aguisado; pois conheces a terra melhor que nós outros.»

«Quantos vem com Affonso? — perguntou o conde, meditando.

«O que se sabe é que entrou em Leão acompanhado só dos dous que te disse, Theudas e o falso Ariulfo. Mas depois vieram outros seis, que se suspeita serem acostados seus, que o precederam na sahida da cidade, talvez para se lhe reunirem depois.»

«São tão poucos, que não bate ali cuidado.»

«Mas é possivel que de caminho se lhe ajuntem outros; e a urgencia pede que ao proprio tempo tomes a dianteira.»

«Por sem duvida; e vou já dispôr as cousas. Mando um aviso a Astarico Osoris, para que leve uma partida da sua gente á serra Golada, que, para o que temos que fazer, é o melhor ponto da estrada romana; assim poderá Astarico

partir, pela madrugada, da torre de Quiroga. No entanto eu me irei caminho de Dragante ainda esta noite.»

«Tu, não; pôde a tua presença aqui tornar-se precisa.»

«Porque?»

«Porque entre Lugo e o castro, o acaso me deparou umas notícias, que me fazem suspeitar que não é para Lugo que marcha Affonso.»

«Não é para Lugo? Ainda ha pouco disseste...»

«O lugar que suspeito fica mais cerca d'aqui.»

«Agora sáhes com isso? Que sitio é?»

«Por ora não posso responder sem quebra de minha palavra.»

«A quem e porque deste tua palavra?»

«Ainda menos o poderei revelar.»

«Pelos ossos de S. Martinho!... Não me faças perder a paciencia! Que mysteriós são esses? Deve os haver entre nós em semelhante lance?»

«Isso nada tem que ver com o que mais urge. Quer vá com rosto em Lugo, quer no sitio que imagino, Affonso terá de seguir por um dos tres caminhos; e por ora só se trata de lhe cortar o passo. Quanto ao que chamas mysterio, enviei sobre isso homens da minha escolta; aguardo o resultado, e se a suspeita se confirmasse, iriamos tratar do feito. Por isso deves ficar com parte da tua gente.»

«A essa luz que me queres dar, não vejo mais claro.»

«Perdoa-me! e tens razão; na mente distrahida quedam por vezes as parcellas que dão a claridade. Pensava n'isto: que se pela ventura Affonso se escoasse por entre aquelles que o aguardam, digamós na estrada de Pedrafita, poderia amanhã ou no dia seguinte acolher-se ao sitio que hoje não posso nomear; e estando tu aqui, a ti só caberia a gloria de o agarrar. Estás satisfeito?»

«Oh se estou! Se me affianças isso, Ekaredo, eu te perdoo o mais, e ainda me terei por teu devedor.»

«Eu t'o affianço, conde, com tanto que os fugitivos se acoutem ali. Sabel-o-hemos breve; é ter só um nada de paciencia. E se elles viessem pela estrada de baixo, ou pelos montes, os teus te darão conta do que cumpre.»

«Vou já despachar d'aqui o meu tenente Sigulfo Gundesindes— disse o conde; e adiantou-se para a porta, quando,

parando de repente, accrescentou:—Eu não esperava um barato da fortuna como este que me ora cabe em casa; e por mofina ando mal provido de gente! Com estas pazes dêmos em desleixo; no castro, o presidio não passa de quarenta. . . »

«Pois, sob emenda, ficas com quinze homens, e vá o resto com o teu tenente. Trago commigo alguns bucellarios; assim teremos força d'abastança para o que possa sobrevir.»

«Estamos avindos; será dito e feito! Agora vão dar-te de cear, meu amigo; e se te aprouver, podes ir dormir depois.»

«Acceito o convite; estou abauando com fome, e boas quinze leguas andei hoje.»

Em seguida o conde e seu hospede sahiram do salão.

IX

O PRESOR

— Pois para que he o villão ?

— Todos nós vimos d'Adão.

.....
— Dom villão, comigo irás

.....
— Nós somos vida das gentes,
E morte de nossas vidas;
A tyranos—pacientes,
Que a uohas e a dentes
Nos tem as almas roídas.

.....
Na igreja bradão com elle,
Porqu'assoviou a hum cão;
E logo excommunhão na pelle.
O fidalgo maçar nelle,
Atá o mais triste ração.
Se não levam torta a mão
Não lhe acham nenhum direito.
Muito attribulados são!
Cada hum pella o villão
Por seu geito

Git. VICENTE, *Auto da Barca do Purgatorio.*

Deixámos a Guesto na morada do presbytero, onde pernitou. Ao amanhecer do dia seguinte, foram ambos á herdade de Tolsun, onde, por influencia de Osoredo, o trovador fez compra de um cavallo, continuando depois a sua jornada. Ia muito distrahido. Quando não pensava em Ermesioda, revolvia na mente a aventura da vespera, cujo mysterio forcejava por descortinar, sem comtudo lhe occorrer explicação plausivel. Lembrou-lhe apenas que o espião da ladeira do Bustilho, seria o author ou mandante do assalto. Mas quem era esse homem? Com que fim attentára á sua vida? Não achava resposta.

O caminho abria-se na serra pela orla da encosta, subindo sempre por mais de uma legoa, até chegar um pouco abaixo das cumiadas, cujo ponto mais saliente é Penha Redonda; mas, vingadas essas alturas, seguia n'um nível plano, com largura de poucos palmos, e bastantes voltas, torneando as saliencias d'essas cumiadas.

À direita, era magnifico o panorama de montes e valles, qual mar encapellado, precipitando-se as ilhargas da serra na baixa onde corria o Lózara, que apresentava um abysmo profundo, e ameaçador para o caminhante se lhe faltasse o pé. Atravessando depois um planalto em direcção N. O., começou Guesto a descida, tendo d'ahi a espaço diante dos olhos o florido valle do Cabe, conhecido hoje como terra ou paiz dos Incios. Tendo uma extensão de duas leguas ou mais, é de fórma triangular com o canto agudo a S. O., constituindo o rio Cabe, pelo menos em parte, a base, ou lado sul do triangulo.

Lançando a vista por esta extensa baixa, aliás muito accidentada, viu Guesto que predominavam ali os indícios da vida pastoril, achando-se dispersos pelos mattos de pastagem, rebanhos e manadas de todas as especies de gado. De espaço a espaço appareciam todavia terras arroteadas, e um ou outro grupo de casaria, que conheceu serem as «villas» das familias servis, ali estabelecidas pelo senhorio; e as terras e pastos adjacentes a algumas d'essas villas, eram cercados de vallado.

Uma das feições da paisagem, era o basto arvoredado que, em logares, mórmente nos extremos, eram verdadeiras mattas fechadas. Outro caracteristico do sitio, consistia nas ruinas de edificios e fortificações antigas, espalhadas por grupos, testemunhas mudas mas eloquentes de uma civilisação que em epoca mais ou menos remota, viera beneficiar a localidade. De feito, o ferro que ali abunda, fôra por muito tempo explorado no periodo da dominação romana.

Não longe do angulo S. O., ao sopé do Alto de Santa Barbara, havia um vasto terreno fechado com vallado em todo o sen circuito, no qual de envolta com mattas, pastagens, e terras lavradas se viam hortas e pomares.

Fôra da cerca, na margem esquerda do rio, cuja cor-

rente é para o S. O., apparecia sobre uma pequena emi-nencia, não longe de um cumulo de derruidos edificios romanos, uma igrejinha de paredes lisas com duas janellas de lado e porta para o occidente, sendo em arco tanto esta como aquellas; o telhado porém era disposto em angulo obtuso. Em logar de abside ou hemicyclo, havia a leste um annexo quadrilateral, e entre este e o corpo principal, uma pequena torre com remate pyramidal de quatro faces. Em logar de vidro, que não estava ainda em uso, as ja-nellas eram guarnecidas de laminas arrendilhadas de mar-more, reduzido a grande delgadeza. A par da igreja estava o «asceterio.» morada dos monges ou padres, de construc-ção singela e tendo um só andar ao rez do chão.

Na raiz do outeiro, e á borda d'agoa, via-se um moinho. Um pouco acima d'elle, junto a um penedo, descobriam-se as armações da nassa de um naceiro, e ainda mais acima, a intervallos, as de algumas pesqueiras.

Do outro lado do Cabe, o terreno ia em subida, ora gra-dual ora ingreme; e no alto d'esta estava a casa principal, espaçosa, mas sem andar superior. No declivio entre ella e o rio, espalhava-se o «assentamento,» constando de abe-goarias, curraes, adegas, etc. Perto d'aqui, ora agrupadas, ora dispersas, reconheciam-se as moradas da «familia», ou por outra, dos servos; não dos que, colonisados, adquiriam por isso maior liberdade, senão dos que o senhor commum, de todos, tinha junto de si para occorrer ao amanho do bem que elle proprio habitava.

Não longe de Penha Redonda, onde nasce, o Cabe tinha aqui pouca largura, e vadeação facil na quadra do outom-no. A estrada, na margem esquerda, passando pelo moi-nho, seguia para além do extremo S. O. do valle, onde, vadeado o rio, tomava para o norte, perdendo-se de vista nas ladeiras que se apresentavam d'aquella banda.

Perto do moinho, porém na margem direita e dentro do vallado, havia uma mó de gente composta pela maior parte de homens, vestidos de fato montesinho, de pelles de ca-bra ou de carneiro, deterioradas pelo uso e pela falta de limpeza. Apesar dos assomos do inverno, traziam geral-mente nós os braços e as pernas. Tinham o cabello rapado; mas o rosto inculto, com barba curta e esqualida, dava-

lhes um aspecto de fereza que, talvez, nem em todos correspondesse ao caracter.

Um d'elles, porém, homem de seus sessenta annos, distinguia-se pelo traje de lan que vestia, tendo nos hombros um manto de pelle de cordeiro; e pelo seu porte, que denunciava authoridade.

«Assim que estás resolvido a separar o pae e a filha!— disse um d'aquelles, a cujo braço se agarrava uma joven de vinte annos. — Vais apartar de ti um servo fiel, que de Spania contigo veiu de boa mente, fiado nas tuas promessas. Dos que te acompanharam, Donani, ainda vivem alguns para testemunharem do que digo. Que nos prometteste com juramento? Na terra dos agarenos eramos teus de corpo; podias vender-nos a teu talante, como o gado dos curraes; mas não eras poderoso para nos conduzir para o norte, obrigados. Viemos todavia na fé de que se nos acabava aquella oppressão, e que teriamos senhos chãos, de que te pagariamos o quinhão do senhorio, e o devido serviço. Somos da terra, e não teus. Vende Villa-Caio se isso te dá na vontade, pois é tua; mas não podes tirar-me d'ella.»

«Dizer que não tenho cumprido poder para isso ou para aquillo, é sandice; pois como senhor d'isto tudo, e de vós todos, posso o que muito bem quizer; e tomára ver o homem que m'o hade impedir — respondeu o presor Donani com serenidade, mas proferindo as ultimas palavras com desafio ironico na voz; e continuou: — O que devias dizer, Caio, é que em mim tiveste sempre amo bom, amigo, e tolerante; e que d'isso tens saudades, vendo que sou obrigado a desfazer-me de ti. Mas pedir-te a vontade nadas contra a vèa d'agoa, é loucura; pois hasde ir, em que seja algemado.»

«Lembra-te tu da avença que fizeste com os servos que a seu proprio prazimento te acompanharam — replicou Caio, homem que inculcava ter a mesma idade que o presor, e no qual, pelas linhas do rosto, se conhecia predominar a descendencia romana.

«Ês teimoso e velhaco — tornou o amo, começando a alterar-se. — A que vem essas recordações? Já te disse que fazendo de ti traspasso, não obedeço á vontade minha,

mas ao voto que fiz. Quanto ao mais, tua filha não te ficará tão longe que a não possas ver a miudo. Mal chega a duas leguas.»

«Ó Donani, bom Donani! — exclamou a joven, deitando-se-lhe aos pés, — não dês no desterro com o servo que tiveste sempre em tanta estimação. Ou, se não ha demover-te d'isso, desterra-me tambem. O estranho tem a mão dura do esqueleto, o olhar frio como vento d'aguilão; far-me-ha coalhar o sangue nas veias, hade gelar-me de medo. Mais quero isso com o pae ao pé de mim, que ficar aqui no ninho agasalhado, d'onde o enxotaram para sempre. Direi adeus a estes valles que me viram crescer e folgar; irei pela derradeira vez regar de pranto o tumulo de minha mãe ali no almocavar, e cobril-o de flores. Que o ultimo beijo d'estes ares amigos me apaguem para sempre o sorriso dos labios; mas eu me quero ir com meu pae — e a serva soluçava.

«Não te afflijas, Leodaka! — disse Donani, acarinhando com a mão a cabeça da supplicante. — De ti não me separo por nada n'este mundo; podesse eu dizer tanto a teu pae! Bem sei que as mesmas vinhas hão de chorar por elle, e que o sumo da uva terá sabor de lagrimas.»

«Então, pelo*hento nome de S. Pedro! insiste com os irmãos para que te desobriguem do voto. São bons e tementes a Deus; attenderão aos teus rogos — replicou Leodaka levantando-se esperançada.

«Não pôde ser! Cuidas que heide pôr-me a alma em ventura? E basta de palavra! Vamos! — proseguiu o presor, dirigindo-se aos servos circumstantes. — Levae-me lá o Caio a bom recado, que eu vos irei seguindo.»

«Não irá sem mim; só se me deceparas as mãos! — bradou Leodaka, aferrando com os braços no do pae, em quanto os outros servos, murmurando, pareciam vacillar, e que algumas mulheres ali presentes intercediam com supplicas em favor da companheira.

«Não te heide decepar as mãos, tontinha, mas farei com que elle se desapegue de ti — e com isto o presor agastado, começou a dar no servo com um pau que tinha na mão, no meio dos gritos das mulheres e do choro de creanças.

«Basta! Não o mates por minha causa — exclamou a ser-

va, desligando-se: e, recuando alguns passos, accrescentou, com o rosto incendiado:— Assim que hoje abriste as azas á tyrannia! Nunca antes te vi bater em meu pae! Porque o vaes perder, tens-n'o em conta de besta alheia! Partirá, e cá ficarei; porque nada posso contra isso; mas fica certo de que é damno para ti. Se a teus olhos valia algo, sem preço me acharás agora. Levarei o gado para o busto, irei cavar na seara; com as mãos, com os pés farei o que mandares. Mas o que em mim tinhas como cousa muito prima, perdeste-o para sempre.»

N'esta conjunctura a chegada de Guesto chamou a attenção de todos,

«Mantenha-vos Deus, amigo! Vejo que andaes de briga com vossos servos — disse elle apertando as redeas ao cavallo.

«Benza-vos o mesmo Deus, cavalleiro! — respondeu Donani — e sêde bem vindos! Entrae pela casa lá em cima, se quereis descanso e refresco. mentes eu sujeite esta corja de amotinados á miua obediencia.»

«Nobre cavalleiro, por quanta devoção tens a tua mãe, ou á sua memoria, intercede por nós, que me querem levar o pae. Eu te imploro! — disse Leodaka, cahindo de joelhos, e unindo as mãos em supplica.

Guesto affirmou os olhos na serva, maravilhado da formosura e gentilisa que ostentava em circumstancias que lhes quadravam tão mal.

A tez morena era fina e lisa. Os olhos grandes e pretos, guarnecidos de pestanas mui compridas e macias como velludo, reflectiam um mixto de sentimentos discordes: sob um ar de recolhimento, senão de frieza, parecia lavrar um fogo encuberto e secreto; a par de força e energia, manifestavam-se fraqueza e ternura. A vehemencia da paixão que ali relampagueava por momentos, parecia capaz de demudar-se em ascetica resignação, nunca em maldade.

Os cabellos negros e lustrosos cahiam lhe pelas faces e pelos hombros, em ricas e hastas madeixas. Vestia um roupão curto, ou jaqueta, de lan azul, com mangas; e uma sayá que lhe chegava abaixo dos joelhos, a qual bem como as meias eram de côr vermelha. No pescoço acima da jaqueta, sabia a orla de linho alvo do «kemiso»,

ou camisa, como hoje diríamos. Com quanto não fosse mui fino o material do fato, notava-se-lhe um accio, e tambem na pessoa da joven serva, que fazia vivo contraste com o ar nojento da maior parte dos seus companheiros de servidão, mostrando que provavelmente a poupavam aos trabalhos duros accommodados á gente da sua esfera.

«O que posso fazer por ti? Não tenho poder sobre quem me parece ser teu amo; mas se ha justiça no que pedes, farei um esforço para trazel-o a maior brandura por amor de tanta lindeza — respondeu Guesto, que proseguia, dirigindo-se ao senhor da terra: — Sei que estamos na villa de S. Pedro, e quiçá tenha ora a fortuna de fallar com o honrado presor Donani Zalamisi?»

«Para vos servir, cavalleiro.»

«Ora estimo isso, ainda que fosse só para dizer-vos quanto o meu paladar se confessa vosso devedor. A noute passada provei vinho do vosso fabrico. Boas vinhas tendes, honrado Donani.»

«Não as ha melhor entre Sárria e Sil, nem que fosse em Valdeorras.»

«Assim o creio. A fé! que tal vinho raro se bebe; e para se ter na galleta ao sacrificio.»

A expressão que tomou o rosto do presor, foi indício de quanto Guesto ia subindo no seu conceito.

«Pois tão bom paladar tendes, cavalleiro, não haveis de passar por S. Pedro sem matardes a sede na fonte mesma. Vinde! — e Donani adiantou-se para condpzir seu hospede á pousada, ou talvez á adega, que ficava mais perto.

Guesto foi-o seguindo um pedaço; então parou.

«Perdoae-me, honrado presor; porque sois duro com aquella vossa ancilla, tão gentil?»

«Estaes enganado, cavalleiro; nunca serva foi tratada com maior mimo, nem que fosse filha do meu sangue.»

«É uma rara creatura, e não parece da sua condição.»

«Leodaka é filha de Caio, que vedes ali, homem de minha familia. Elle casou com uma agarena chamada Selima, que, com outros despojos, me coubera em partilha, no ultimo fossado para que nos appellidou el-rei Froila. Era Selima de rara sciencia na virtude das hervas; e grandes curas fez no seu tempo. Morreu, vão andando dous annos;

mas deixou a filha bem ensinada nos segredos da sua arte. Todavia a maravilha de Leodaca não acaba aqui. Não tinha ainda quinze annos, e já fazia abalo em todos pelos seus modos peregrinos, e pelo poder que exercia em quantos a cercavam, nos da sua casta sobre tudo. D'ahi tenho tirado grande proveito; e ella tem achado em mim todo o carinho.»

«D'onde lhe vem tanto credito?»

«Se é amor que os outros lhe têm, ou medo, não sei; mas, dando-se caso para isso, amansa-me um servo com um virar d'olhos. As vezes desaparece de Villa-Caio, pois ali mora com o pae, e ninguem sabe por onde anda; mas a mim não me dá isso cuidado.»

«Pois, já que lhe deixastes adquirir tanto peso no animo de vossa familia, não vedes que contrariando-a agora, pôde d'ahi resultar damno para vós?»

«Terei cuidado n'isso. O certo é que ando tão contrariado como ella; mas que remedio tenho, se prometti a Deus fazer de Caio traspasso aos irmãos de Samanos?»

«Aos irmãos de Samanos!»

«Aos mesmos, como ides ver. Caio trouxe consigo de Spania grande arte no trato da vinha, e-mais ainda no fabrico do vinho...»

«Ahi por isso é que o tendes tão superior.»

«É como dizeis. As vinhas não se veem d'aqui. Este chão é bom, mas não presta para ellas. Estão rio-abaixo, na encosta atraz da serra, na villa que comprei com sua familia, por bons talentos d'ouro, aos herdeiros de Ermiario, irmão do bispo Odoario. Mandei-a fechar com vallado, e fazer d'ella plantada, pondo-lhe o nome Caio; pois para ali o mandei com sua mulher e filhos, sem me importar com os protestos da familia posta por Ermiario quando elle povoou o sitio; lá a deixei ficar todavia, mas sujeita a Caio. O caso é que para vinhas não ha outro chão n'estes contornos que se lhe possa comparar; nem outro servo como Caio em toda a Galtiza, com tanto geito para d'ellas haver ganhadia e todo o proveito.»

«Bem; mas qual a rasão do traspasso?—perguntou o trovador, vendo que o homem se espraivava, perdendo de vista o ponto essencial.

«Ahi estamos. Ha tempo o abbade Argerico, que mais de uma vez mostrára desejo de que eu lhe cedesse este meu servo, do que me não dava por achado, lembrou-se um dia de me mandar propôr que lh'o passasse por escambo, recebendo d'elle um cavallo roudão e alfaraz, com seu sellim, e com frejo de prata, mais um manto lobeno, e assor treinado em perdiz. Em muito, pois, o estimava elle! se bem que eu tivesse o preço por somenos... Pois se eu o não queria vender por nenhum preço! Recusei; não por isso, mas allegando não estar na minha mão tirar Caio da sua villa; e que vender esta, seria pôr senhorio estranho das arcas e mamoas para dentro. O bom do abbade não tornou a insistir. Mas d'ali a tempo adoece-me uma filha, que esteve á morte com um apostema. Lembrado de que seria colera do Céu, pedi aos irmãos orassem por ella; e na minha tribulação fiz voto, se a filha guarecesse, de lhes ceder o pae de Leodaca, pois esta nada pôde com suas hervas. Foram ouvidas as preces d'aquelles pios servos do Senhor; e, á vista do milagre, toca-me agora cumprir com o meu voto. Mas já que vou perdêr o servo que estimava mais, apraz-me fazer d'elle donadio aos irmãos, que assim ficarei escoimado diante Deus, e com melhor cabida e terçaria no mosteiro. Bem vedes, cavalleiro, de quantas premas ando cercado n'este negocio.»

«Nenhuma sahida lhe vejo, nem cura lhe sinto. Foi ajuste em que a consciencia é parte, e não se lhe pôde dar rebusco... Mas aguardai, que me vem ora uma idéa! Deixai em paz o vosso servo até que do mosteiro o mandem buscar.»

«Já preveni de que o levava hoje mesmo.»

«Embora! Esteja por minha conta.»

«Tendes poder em Samanos?»

«Nenhum; mas perante Argerico tenho algum logar e amizade. Ora, se elle se accommodasse com que vós lhe emprestasseis o Caio alguma vez, para ensinar a arte em que é tão avantajado, não terieis duvida n'isso?»

«Não teria, certo; mas sem o geito que só Deus dá, não ha ensinança que valha, por signal que nem os mesmos filhos de Caio igualam ao pae em seu mister. Irá todavia a Samanos quando o abbade fôr servido, e quantas vezes

mandar. Se d'ahi me viesse estorvo, é melhor que perdel-o de todo. Mas o voto?»

«D'isso podem absolver-vos.»

«Se tauto conseguirdes, cavalleiro, ter-me-heis sempre por muito vosso obrigado.»

«Está pois assentado; e se d'aqui a dous dias, não receberdes recado de Argerico, podeis estar seguro que sereis desobrigado da vossa promessa. E agora, mantenha-vos Deus, honrado Donani; devo, sem mais demora, seguir para Samanos.»

«Vinde, primeiro, provar do vinho.»

«Fica para a volta; não percaes tempo em socegar aquella gente.»

Para junto d'ella voltaram os dous, dizendo o presor:

«Caio, podes ir-te em boa hora; não partirás hoje, nem amanha; talvez nunca. E se assim houver de ser, Leodaka, devel-o-has a este bom cavalleiro que vae pedir por nós.»

«Oh gentil cavalleiro!—disse ella, ajoelhando perto do trovador,—a tua imagem entrou no coração da pobre serva para nunca mais sabir, para nunca se apagar. Viva ella cem annos; gaste se este corpo, enruguem-se estas faces, assim como seccam e se enrespam as folhas do outomno, que aqui—pondo a mão no peito—a conservará fresca e viva até a vida de sempre. Quem escuta e attende, como tu, os lamentos de humildes e captivos, deve de ser anjo disfarçado em homem.»

Os olhos humedecidos que a serva fitava no seu defensor, eram eloquentes de ternura e carinho; ao passo que a gentilisa natural do gesto e da postura, dava realce ás formas voluptuosas de um corpo que parecia de fada ligeira e graciosa.

«Quem se não apiedára de tão linda creatura!—respondeu o mancebo, animando-a com um sorriso, e abaixando-se para lhe tocar nas madeixas com mão leve e afagadora.—Tem fê, Leodaka, e Deus te conserve assim sempre bella!»

Fazendo um signal de despedida a Donani, Guesto deu de esporas ao cavallo; e atravessando o rio, seguiu a galope até tornar a vadeal-o mais abaixo. D'ali a minutos perdeu-se de vista com as voltas que fazia o caminho na subida dos outeiros.

Então o presor foi de passo vagaroso em direcção de sua casa, em quanto o ajuntamento de servos começou a dispersar-se.

Alguns se demoravam ainda, quando de repente viram um cão em acto de passar o rio.

«Eis o aloucado de Subrego que se vem chegando!— exclamou um d'elles.

De feito, o cão era Alpe; e atraz d'elle, vindo pelo mesmo caminho tomado por Guesto em sentido opposto, appareceu o nosso conhecido, Octavio, que, passados alguns minutos, chegou junto do grupo.

O homem era de estatura baixa, mas munido de membros robustos. Parecia ter quarenta annos de idade. O semblante era duro e severo, mas não repulsivo; pelo contrario, chamava a attenção pelo muito que se afastava do commum, o que ás vezes opera com a força e virtude do magnetismo. Pelo meio da testa larga, subia uma veia grossa, que, bifurcando-se, ia perder-se no cabello preto, basto e curto. O nariz aquilino era proeminente, e largo no dorso. A bocca era regular; os labios finos e apertados, ao passo que os olhos de côr castanha, muito encovados, brilhavam n'uma luz duvidosa debaixo da sombra de espessas sobrancelhas. Por pouco seductora que fosse a expressão d'esse rosto largo, a physiouomia não era d'aquellas que se somem facilmente na turba.

«A que vens tu tão cedo, homem das sandices?—disse alguém em voz de galhofa, ao passo que outros acolhiam o moleiro com dicheos e gestos zombeteiros.

Caio, porém, e mais um ou outro, não tomaram parte n'estas manifestações pouco lisongeiras, se bem que destituídas de malevolencia.

O moleiro correspondeu com uma pequena risada parva, seguida de uns esgares que lhe afearam o rosto, provocando gargalhadas, e disse:

«Gastei a noute na serra; venho do monte Agudo, e estou de passo para Subrego.»

«E que foste tu fazer ali?—perguntou outro do grupo.

«Ver as benções do sol cahir no Pico Passaro; mas recebeu-as Penha Redonda.»

«Hui! o Pico casou com a Penha, e, rogado, acudiste á boda; mas foste parar muito longe.»

«Tu é que o dizes, amigo, não lhe dei esse rumo—repliquou o moleiro, rindo-se.—Verdade é que amanha heide madrugar na Penha. E olha, se queres ver mais claro, pôde ser que breve vejamos o sol parado de noute no topo de muitos altos que não chegam tão alto como Monte Agudo ou Penha Redonda...»

«Oh! samicas, veremos o sol de noute?»

«Assim o espero, o sol feito muitos, e cada um d'esses sóes fará das trevas claridade; e teremos noute-dia, como já se viu dia-noute—treplicou o de Subrego, com allusão a certo eclipse do sol que ficára na lembrança do povo, e concluiu: — É como sonhei no cimo do Agudo.»

«Dormiste com a cara á lua—ponderou um dos servos.

«Hade-nos contar como ella se lhe veiu poisar na ponta do nariz—acrescentou outro.

«Não vinha mal, a penca é grande—suggeriu Octavio, esfregando aquella feição do rosto. — Mas não acabei; oíçam! Vi os cabeços, e são muitos, em que as parcellas do sol hãode assomar. Devem morrer, mas antes que deitem o ultimo fogacho, apontará outro sol, que nunca mais se hade pôr. Lembrai-vos do que vos digo boje.»

«Assim, seria trabalho sem o descanso que nos vem de Deus, salvo o de sempre. Obrigado!»

«Descanço!—exclamou outro do grupo. — Para isso estaríamos á mercê d'esses que nos desancam, e nos vendem. . . Ó Octavio! devias ter chegado mais cedo; algem t'ò havia de agradecer, que só por um triz escapou.»

«Que nova ha?—perguntou o moleiro.—Alguem praguejou do amo? Fez roubo na horta? Levou pauladas, heim?»

«E levou; levou.»

«Pois não praguejasse, não roubasse! Para quem se quer divertir, ha devezas em que dá mais grão, e menos monda.»

«Pergunta ao Caio como gostou da festa.»

O pae de Leodaka contou então o que acabára de succeder.

«Não achas que a historia teve máo desfecho?—inquiriu aquelle que iniciára o assumpto, e depois, approximando-

se de Caio com gestos de escarneo e um ar de arremedo theatral, disse, olhando porém para Octavio:— Ó Caio! ó servo! és um verme, uma formiga! Nosso Senhor estampou em tí o ferrete da ignominia; fulminou-te com a sua maldição. E para que se hade queixar o pequeno verme, de que o pisam, se o boi, o cavallo, a par d'elle tão gigantes, levam canga ou ceirões, com açoutes ou golpes de aguilhada?... Uma voz me assopra ao ouvido; muita cousa diz que não vejo, nem percebo. Escutemol-a. Servo, as dores são a tua partilha; o gozo não te é estranho. Assim é de teu amo... Em tóca se encova o coelho; mais valente é a lebre que dorme sob o orvalho e as estrellas. Borrefo nasce o servo; o amo, vestido das pennas. A cada homem, a cada bicho o para que Deus o fadou! Deus sabe o qué faz...»

«Sim, Deus sabe o que faz!—bradou Octavio com voz rija e olhar sinistro, que sobresaltaram a quasi todos os seus ouvintes. — Deus faz-se na volta que lhe parece: Há obras suas fóra do alcance da vista do corpo, e, quem a não tiver do espirito, escusa vel-as ou conhecel-as até chegar o tempo... Mas adeus! Aqui quero descansar, se m'o não negardes; e seja o signal deixarem-me em paz, e a sós com Caio.»

Com isto foi assentar-se a pequena distancia, debaixo de uma arvore.

«Valha-me Deus, como vem fero, hoje! Nunca assim o vi, nem cuidei ver!—exclamou o homem que d'elle escarnecêra.

Este, e os demais retiraram-se, admirados da subita mudança operada no moleiro.

A joven esperou o pae, que, após alguns minutos de conversa com o servo de Subrigo, se afastou, dirigindo-se para as abegoarias. Ella o ia seguindo, quando ouviu que a chamava Octavio.

«Não te vás, Leodaka. Vem aqui sentar-te a par de mim.»

Mostrando-se pouco disposta a isso, ella afastava-se com passo acelerado; mas por fim obedeceu ao signal que lhe fez o pae, e ao novo pedido do outro.

«Estive ora em Villa-Caio—disse este.—Soube de teu

irmão Marco que de madrugada foram chamar o pae da parte de Donani, sem que me podesse dizer porque; mas que tu o tinhas acompanhado. Cá vim, pois, só para fallar com ambos.»

«Que me queres, Octavio? Bem vejo que trazes novidade, pela do teu modo ind'agora.»

«Hasde acolher-te ao monte.»

«Para que? quando? — perguntou a joven com tedio.

«Esta noute.»

«Oh, isso é que não pôde ser! Á lua nova ali estivemos.»

«Eu não.»

«Não admira; se nunca lá vais!»

«Mas d'esta vez irei. E hade ser hoje.»

«Porque? Que temos de novo? Não m'ò disseste ainda.»

«Ali o saberás.»

«Queres dar cabo de mim? Apenas se me acho refeita do afan da outra noute! — disse Leodaka com aborrecimento.

«A fraquesa do teu corpo acha compensação nas forças de tua alma.»

«De minha alma! Porque não dizes, do poder occulto que se apossa d'ella? Mal sabes tu quanto, ao cahir em mim, aborreço a sujeição que padeço.»

«Por ella escapas a outra sujeição peor, qual a de nós outros. E, dize-me, filha, o respeito, o amor em que és tida por nossos irmãos, é cousa para se ter em pouco? Não te sentes orgulhosa e feliz, não te sentes rainha, quando, na serra, á hora em que dormem os poderosos, te achas no meio dos nossos, que em foro de supplicantes põem os olhos e a esperança em ti, escutando a tua palavra consoladora, soccorrendo-se á tua arte, para acharem remedio ou lenitivo aos seus males? Dize-me, Leodaka, se fóra da liberdade e do amor ha ventura, não a alcanças tu n'essa hora?»

«Pergunta á aguia o que vê no sol, o esplendor e segredos que descobre, quando, voando pelo espaço, fita os olhos n'elle; pois não te posso eu contar tampouco o que sinto em mim n'aquellas horas. Sou outra que não agora. Avivam-se-me as forças d'alma, que sem peso, sobe ligeira como a chamma da fogueira em que arde o canhamo, as

feveras do açafão, ou o visco do carvalho que aspiro. Tredobra-se-me a vista, e vejo taes cousas... tão claro!... tão claro!... Depois voltam as trevas e vem o enojo... Quem me dá a força? D'onde vem a fê que se tem em mim?»

Não eram perguntas formaes; mas pensamentos que comsigo praticava. O seu companheiro respondeu todavia:

«E porque és inspirada, filha; é porque és instrumento escolhido para allivio dos que padecem; é porque a virtude dos teus remedios tem muitas testemunhas; é porque quando o teu espirito se eleva a alturas defesas aos outros, revelas uma esperança no futuro. Em summa, tal é a vontade de...»

«Do demonio — disse ella, tremêdo.

«Dizia Deus; mas se nos acode só o outro, venha elle! Se bem me sabem as uvas, e frescas, deite a vinha as raizes até ao fogo dos infernos, se quizer!»

«Para onde me tens tu levado, Octavio! — disse a joven em voz sumida, cubrindo-se-lhe o rosto de pallidez.

«Seja a culpa dos nossos fados. Opprimidos pelos seahores de terra, com mão e pé mais duros dês que se mallogrou a revolta em dias de Aurelio; sobreolhados por aquelles que se chamam servos de Deus; desassistidos do mesmo Deus, que maravilha se nos acolhemos ao abrigo de outrôs poderes mais benignos?»

A cabeça da serva pendia-lhe sobre o peito; e, com tristeza e abatimento, soltou um suspiro profundo, como quem resignada consente no que se diz.

«Saberás — proseguiu o moleiro — que esta noute é para mais longe; não vamos a Penha Redonda, mas a Pico Passaro, no Seixo da Cruz.»

«Estou muito quebrada; seja para outra noute — respondeu ella com fastio de enfadada.

«Não insistas mais, Leodaka; o caso não soffre demora. Mas que te não peze; pequena será a canceira para ti, e se Deus quizer não voltarás a S. Pedro.»

«Que queres dizer?»

«Só digo por ora, dêem-me chamariz, que muitos passaro virão; e verás como cantam commigo.»

«Em que pensas, Octavio! Que pretende fazer o aloucado de Subrego?»

«Sobre isso nem chus nem bus! Socega, filha! Estando madura a maçon, colhe-se antes que apodreça. Com teu pae já me entendi para as cousas de cá.»

Houve uma pausa, e a expressão habitualmente dura do moleiro, quando lhe não dava a alegria dos ineptos, resolveu-se n'um sorriso brando e n'um olhar de ternura que produziram no seu aspecto metamorphose tão inesperada, que parecia outro homem. Assim os cabeços asperos e desnudados se tornam em outeiros risonhos e aprasiveis, ao revestirem-se de relva e de frondoso arvoredor.

Nunca succedera a Octavio proferir uma só palavra á filha de Selima, tendente a revelar-lhe a paixão que ardia no intimo; mas não era a primeira vez que ella o via assim transformado, nem deixou agora de reparar no modo peregrino por que a mirava.

«Está bom, Octavio; será feita a tua vontade — disse ella com frieza, levantando-se.

Nenhum gesto fez o moleiro para retel-a; apenas replicou, pondo-se tambem de pé:

«Confio pois em ti, Leodaka. Logo nos veremos!»

Esta, fazendo um signal de assentimento, retirou-se; e o moleiro de S. Miguel, depois de contemplar por alguns momentos o andar da formosa serva, voltou-se, e atravessando o rio, tomou para a esquerda, seguido do rafeiro.

X

O AMONTADO

E olhando, viu vir um grande osso.

BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça*.

As faldas occidentaes de Pico Passaro até Valle-Escuro, cahem com pendor mui abrupto, tornando-se este ao depois menos ingreme, com descanço e quebra de algumas pequenas planuras, vallezinhos ou baixas, das quaes as tres maiores são, de cima para baixo, a Fonte dos Cervos, o Seixo, e a Cavana. Ficam na segunda zona de cima, se dividissimos essa amplissima encosta em seis partes iguaes.

O Seixo differe dos outros dous sitios não só por lhes levar vantagem na área, mas sobre tudo pela sua configuração, semelhando bastante um telhado angular invertido, com quêda mais suave em um dos lados, que, n'este caso, fica da parte do Abezul, ao longo de cujas raizes corre em declivio este vallezinho de thalweg bem marcado. O seu extremo inferior acaba n'uma especie de aterro natural, de superficie tambem concava, mas em nivel mais elevado, e assento sobre o alcantil do Susfurado, a que nos referimos no capitulo I. Perto do outro extremo, e do lado opposto ás abas do Abezul, corre, em quasi metade do comprimento, um como paredão da rocha viva, com altura que varia de oito a dez metros.

No tempo de que tratamos, notava-se no meio da baixa, à beira do thalweg, uma pedra de seis palmos de comprimento, por tres de largo, e um de alto; mas sem a lisura de uma lage, sobreposta á qual havia uma cruz, tambem de pedra, e de fabrico tosco.

D'ahi viera o nome popular que se dava ao sitio: Seixo da Cruz.

Vamos encontrar Savarigo assentado sobre aquelle paredão de rochedos, quasi ao fechar do mesmo dia em que se passaram os incidentes que narrámos em ultimo logar. Perdera já o disco do sol o brilho radiante de ouro burnido, e, encolhendo os raios, cubria-se de um manto afogueiado que difludia um clarão multicolor pelos confins do seu proximo occaso.

O servo do fisco tinha o rosto voltado para o poente, como que observando aquelle disco amortecido, que parecia dependurar-se sobre a cumieira da serra Miranda, linha do horizonte, d'onde vinha reflectir-se na copa do basto arvoredo que fechava a garganta de Folgoso. Ou, talvez, se dirigisse o pensamento, não só a vista, do apaixonado mancebo, para a assomada da torre grande, que, sendo invisivel o proprio castro, carcere de sua Mariame, apparecia, um pouco mais á direita, por cima da boscaçeni que vestia uma correnteza de comoros atravessando a ladeira, perto da sua base, desde a serra de Ferreirós até á Ribanceira. Assim se explicaria o suspiro que de quando em quando lhe sahia do peito, e a acerba expressão de dôr e de enfado que lhe assombrava o rosto.

Estando assim absorpto n'este meditar desinquieta de homem atrabilario, ouviu de repente, por traz de si, um ruido desusado que lhe fez voltar a cabeça. Qual não foi o seu espanto vendo, a obra de cincoenta passos, um grande urso que, tendo trepado pelos rochedos, vinha direito a elle!

Com quanto trouxesse na cinta uma faca, e na mão um varapau, não lhe veio á mente fazer rusto á fera; pois que, dando um virar d'olhos ao redor de si, deitou a correr para uma das arvores que lhe ficavam mais perto.

O urso, soltando então uns bramidos medouhos, lançou-se com impeto atraz do servo empavorido. Este, todavia, com o instincto, a intelligencia experiente, o conhecimento pratico, ou o quer que seja, possuido por aquelles cuja vida é uma lide constante com a natureza inculta e as suas asperidades, em vez de baixar pelo paredão para depois trepar á arvore, atirou-se sem vacillar ao espaço que se abria diante de si; e com olho tão certo, ou com tanta fortuna, que as mãos foram apertar um dos ramos grossos.

Içar o corpo suspenso até achar assento, foi obra de um instante para o servo robusto; que só então, esbaforido e affrontado, se arriscou a attentar no inimigo. Viu com assombro quão perto estivera de lhe cahir sob as unhas; pois que o bruto estava já á beira do paredão, dobrado sobre si, com mãos e pés conchegados, parecendo no acto de saltar.

Mas não chegou a pô-lo em pratica; e deveras é mais facil errar a intelligencia do que o instincto, cujo governo, na sua estreiteza, é mais certo e acertado. Bem o previra o alganame, que, vendo-se fóra de perigo, deu descanço ao receio que o assaltára.

O urso andava de um lado para outro, ora medindo com olhos que esfogavam a ira, o fundo e largo vão entre elle e a árvore, ora pondo-os com furor impotente no abrigado mancebo. Depois, assentando-se, passou-lhe a sanha; agitava as mãos, sacudia a cabeça, abria a bocca, com modos de philosopho resignado, mais que de cegueira brutal; tanto assim que Savarigo lhe acenava com a mão e os pés em tom de gracejo, dirigindo-lhe palavras de entremez.

Este episodio durou por um pequeno espaço, até que a fera, levantando-se de subito, com dous urros que se prolongaram pelas quebradas circumvisinhas, deu volta sobre si, descendo por onde subira; e attingindo o chão, caminhou contra a arvore com passo accelerado.

Conhecendo os habitos d'estes animaes, o servo amontado previu o conflicto que ia começar entre elle e o urso obstinado, que o não largava. De feito, este, chegando ao pé do tronco, que teria cerca de cinco palmos de diametro, apertou-o com os braços possantes, servindo-se dos pés como apoio; e começou a subir por elle com uma facilidade e confiança de mão agouro.

Mas no semblante de Savarigo nenhum signal se via de perturbação. O progresso que fazia o inimigo n'este assalto á escala vista, se nos é permittida a expressão em caso tal, não lhe consentia demora em preparar-se para o momento decisivo; e, correndo sobre mãos e pés pelo ramo em que estava, até tocar no tronco, trepou por este ligeiro qual gineta, e poz pé n'um ramo duas ordens mais acima.

Tomando então a faca entre os dentes, desatou a cinta de pelle ou couro crú, comprida de tres voltas afóra o nó e seus extremos, e seguroou um d'estes pelo meio do ramo. Isto feito, desceu pela cinta para aquelle que lhe ficava immediatamente de baixo, onde tomou assento, com o extremo inferior da mesma preso nas duas mãos.

A este tempo dava o urso com a cabeça no ramo que sustinha a Savarigo; e 'este mal tomára a sua posição, quando se viu frente a frente com o bruto feroz.

Mas sob o peso desusado, entrou o ramo a dar balanços duvidosos, e o urso prudente, a moderar o impeto que trazia. O amontado recuou um pedaço; o inimigo deu alguns passos para a frente, tão de vagar, porém, que parecia tomar o peso a cada um. Tornou o servo a recuar, parando onde o ramo se bifurcava e perdia muito da sua grossura. Este já vergava como um arco. O urso hesitou; olhou para baixo com ar desconfiado; depois encarou a prêa que lhe ficava tanto sob a unha, e por fim, soltando uns grunhidos sonoros, adiantou-se dous passos... mais um o punha ao alcance do noivo de Mariame. Mas este, que até ali conservára um silencio sepulchral, dando agora um brado de desafio, afastou-se por um dos garfos ou esgalhos a que chegára. Ouviu-se um estalido, ao passo que se sentia o ramo dar de si. O urso acobardado de veras, fez acto de recuar. Já não era tempo: o estalido repetiu-se com estrondo... o ramo partiu, e a fera foi precipitada a mais de quinze metros de alto; em quanto Savarigo se balançava no ar, suspenso á cinta.

Subir por esta, e descer pela arvore abaixo, foi para elle um esforço de prompta e facil execução.

O animal jazia no chão pedregoso, agitando-se com dôr, e desfazendo-se em urros que esta lhe arrancava. Ficára tão maltratado da quêda, e tão fóra de poder erguer-se, que ao alganame foi tarefa corrente acabal-o de todo, enterrando-lhe a faca no peito.

Examinando então com interesse o corpo do vencido, começou a operação de lhe cortar as mãos e tirar-lhe a pelle:

«Ah! ha! — dizia elle jocosamente, trabalhando no emtanto com a faca — ha! ha! amigo usso, tu cuidavas pôr-

me a unha em cima, e dar-me um d'esses teus amoráveis affagos de suffocar a gente, heim? Ora te vou eu decepar as mãos, não para o senhor da terra, que d'esta vez lh'as não pagarei; mas ao fogo as assarei; e com molho de mel as comerei; e d'aqui a tres noutes contadas, na tua pelle dormirei.»

«Não, Savarigo, dormirás em melhor cama — lhe respondeu uma voz, ao passo que no hombro lhe cahia o peso de mão desconhecida.

Voltou a cabeça, e achou-se em presença de Octavio.

XI

SEMPRONIO

Quão fatic he ao corpo a repultura;
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aós nossos,
Réceberão de todo o illustre os ossos.
Cantões, Lusitadas.

Doas horas mais tarde, aquelle ermo estava povoado de muitos homens da classe servil, armados de diversos instrumentos caseiros ou de lavoura, adaptados não só ao trabalho senão tambem a servirem de arma. Tendo chegado em grupos separados, acompanhado cada grupo de um guia, formavam agora um ajuntamento desordenado em frente e por baixo do paredão de rocha, d'onde Savarigo lhes dirigia a palavra.

«E assim foi—disse, concluindo o seu discurso—que na mesma hora em que o servo de Deus ia deitar-nos as benções nupciaes, me foi a noiva arrebatada por Ranemiro o sayão, o cadieiro desalmado, feito alcofa, para a levar de barregan a Froya Gutheres!»

Assim como no meio de uma procella, ao suspender-se

momentaneamente o sibilar do vento, arrebatam os tufões com nova furia, parecendo soar a um tempo de todos os lados do horisonte, assim prorompeu n'uma tempestade de imprecações aquella reunião de servos alvoroçados pela narrativa do desposado de Mariame.

«Por quanto tempo havemos nós de soffrer taes mazellas e ultrajes?—exclamou elle, animado pelo acolhimento sympathico do auditorio.—Não se fartam os poderosos de nos atassalhar as costas com o zorrague, nem de levar em quiobão o que bem lhes appraz, nem de nos separar do torrão natal, e dos filhos, para nos venderem, como hoje ia acontecendo a Caio, segundo ouviste; querem ainda roubar-nos as mulheres e as noivas, para d'ellas usarem a seu gosto, nem que fossemos gado das suas arribanas! Servos! seremos mais fracos e cobardes que a perdiz, que se atira á cara do cão quando se lhe chegue á ninhada? Não! Façamos um arranco como ella! Sejamos ossos e javardos que até á morte defendem os filhos! Façamo-nos enxame, como as abelhas quando a lesma lhes invade a colmea d'onde ella nunca torna a sahir. Ali a matam, ali a guardam, e todavia não apodrece, embalsamada em mel. Matemos, matemos os tyrannos! Mas que lhes apodreçam os corpos, ou sejam pasto dos abutres! Vingança, ó servos, vingança e alforria!»

O brado foi correspondido por uma grande parte da assembléa; mas alguns dos servos deram mostras de desapproval o. O mais conspicuo d'estes era homem de estatura quasi agigantada, que se achava junto do paredão, por baixo do orador, e disse para este:

«Tem paciencia, homem, e não ceifes os pães em chão alheio. Quem aprazou esta noute, foi a filha de Selima; ella sabe porque, e d'ella só o queremos nós saber. Aguarde-mos que venha; não hade tardar.»

«Tens rasão, Gonzarri—respondeu o servo do fisco, submissamente.—Não me pertence propôr, sómente se-guir. Na filha de Selima está o nosso remedio.»

«Leodaka! Leodaka!—clamaram alguns.

«Venha o nosso adjutorio!»

«Quanto tarda essa rola do Senhor!»

«Andorinha dos opprimidos!»

«Nossa, nossa é; e não d'arribação.»

«Ali está!»

«Aqui nos vem o anjo!»

No dorso dos rochedos assomou o vulto esbelto da serva de S. Pedro, que por instantes se teve immovel. Os raios da lua, cabindo-lhe em cheio no rosto, communicavam á tez uma pallidez suave; e se não fosse a profunda tristeza que do semblante ressumbrava, em vez do risinho aspecto proprio a um mensageiro celeste, ter-se-hia podido imaginar a realisação do que annunciára o ultimo exclamador.

Um mysterioso recolhimento se apoderou dos servos; uma só voz se animou a quebrar o silencio que se fizera repentinamente. Disse Savarigo:

«Ó tu, que sabes chegar com a vista ás cousas encober-tas; tu, que com o licor das plantas fechas as feridas, moves a vontade alheia, adoças ou embraveces o coração dos homens; tu, de quem não fogem as aves, porque a tua paciencia sabe domal-as, e arrancar-lhes os segredos; tu, que dispões de um poder que Deus negou aos mesmos seus ministros; tu, a escolhida do anjo bom, accode-nos! Na minha desgraça peço-te auxilio!»

«Na nevoa occulta-se a estrella — respondeu Leodaka. — Quando da nuvem cahe o pranto dos anjos, não canta o passaro. O vento d'outomno estremece as folhas, que choram e morrem. No somno não vêem os olhos, nem ha concerto nos ouvidos, nem se percebem os perfumes, nem ha sabor na lingua, nem sentem as carnes; pois o espirito le-vou consigo a vida para mais junto de Deus, e manda ao corpo o sonho para que não morra, nem tenha fome. Estou ora como a serpe quando o chão branqueja com os frocos; gelada, entorpecida, com a vista morta. Assim o quer a mão invisivel que me dá alento, e hoje me opprime. Em mim não ha salvamento para a noiva.»

«Ó filha de Selima, pois assim nos deixas em hora de tama-nho apuro! Não tens beberagem que adormeça a Froya Gu-theres, ou lhe faça mudar a vontade?—perguntou uma voz.

«Não ha beberagem que abunde em caso como este. Es-perava achar em Leodaka melhor adjutorio ou conselho — protestou Savarigo.

«Para vos dar conselho aprazei esta noute; pois que para

mais não tenho cabida nem força, como já vos disse. De longe ouve o cão no escampado; no agro do monte enfraquece-se-lhe o ouvido. Nas ourelas da floresta vivem as feras e as cobras; os rebanhos de onagros e de veados; o que mata, o que foge. Nas suas profundezas está o silencio, a solidão; pois tudo lhes tem medo. Ali estou eu no mais espesso d'ella, e nada ouço; e bem sabeis que só ouvindo e ouvida, vós achareis em mim remedio. Hoje, em outro jaz o vosso adjutorio »

«Que homem ou mulher, mais pôde que tu? — perguntou alguem.

«Um homem conhecido de vós todos, que todavia o não conhecem. A espera d'este dia, fez como a raposa, que se esconde, engana, e faz errar a pista. Mas se ella obra por mal, e natural inclinação; n'elle foi lanço de artificio, não malicia, ensinado por bem... ensinado por aquelle que ainda vive na lembrança dos servos, e cujo nome as mães repetem aos filhos.»

«Sempronio! Sempronio!»

«Elle mesmo.»

«Vive ainda, ou morreu segundo querem alguns?»

«Isso vos dirá aquelle que o teve por ensinador, e lhe conhece o segredo.»

«Nomêa-o! Nomêa-o! — ouviu-se de diversos lados.

«Basta que vos diga onde o achareis.»

«Dize! Dize!»

«Acolá — respondeu a joven, apontando para o interior do Seixo, — ao pé da cruz está quem, se lhe derdes credito, pôde e quer ser-vos adjutorio. Quando o virdes, não desconfieis; lembrae-vos do que me ouvistes. Muito homem que mette espanto, é lançaluz, que vista ao sol é pobre verme. Agora vereis o verme feilo homem de preço, que vos dará luz de noute e de dia. Attentae bem no que elle vos disser. Adeus, irmãos, fiusa e bom animo!»

Leodaka desapareceu pelo outro lado do paredão.

Guiada por Gonzarri, a turba foi-se cosendo com os rochedos até chegar ao seu extremo superior, então, rodeando-os, seguiu para baixo.

«O moleiro de Subrego! — exclamou um dos servos da dianteira.

«O aloucado! O que nós vimos encontrar! — accrescentou outro.

Ouviram-se uns latidos sbrdos e colericos. Octavio encostava-se á lage, tendo ao seu lado Alpe, sobre cujo dorso descansava o braço direito.

«Não pôde ser d'elle que nos fallou Leodaka — disse um terceiro com desprezo.

Vendo a chusma, o rafeiro fez acto de se atirar contra ella.

«Quieto, Alpe! — bradou o moleiro, agarrando-o pelo chaço.

«Está ao pé da cruz, como disse; mas se não ha engano, ella nos engana — ponderou alguém.

«Leodaka não sóe enganar; isso é dos fracos. Este é que é o nosso homem — disse Gonzarri, apontando para o moleiro. — Podeis dar somno ás vossas duvidas. Amigos, é noute; mas chegou a hora em que haveis de vêr mais claro. Não ha sol; mas tereis luz. Se lhe prestaes ouvidos, este homem que passa por adoudado, que não é nem foi nunca, dará de si tão boas contas que nenhum de vós se irá d'aqui sem lhe querer o bem, e ter n'elle a fiosa que nos deve merecer e nos merece já a alguns.»

«Isso é verdade — affirmou um que estava ao pé.

«O que diz Gonzarri, digo eu! . . . E eu! . . . E eu! — diversas vozes se ouviram assim, successivamente.

«Pois que falle! Que falle!»

Significado assim o concenso da turba, Octavio poz-se em pé, e disse:

«Compauheiros, irmãos pelo vinculo da desgraça, os modos que me haveis estranhado, muitos com desprezo, alguns talvez com odio, foram capa que tomei para me occultar dos poderosos, e pôr-me ao abrigo da traição dos tibios e frouxos. Bem o sabem alguns de vós, como vêdes. É tempo de me descobrir a todos, porque só fortes temos cá, apostados a não soffrer por mais tempo a oppressão. Assim o creio; foi o ajustado com os que deram comvosco até aqui. Ha tempo que nossos irmãos se agitam sob as lufadas da tyrannia, como as franças do pinhal açoiadas do vento. Ellas só sabem dobrar; mas sejamos nós unidos qual pinhal em um só corpo, e mais não havemos

de, como elle, inclinar as cervices. Sabeis como Caio, de S. Pedro, ia sendo feito boi de feira, arrancando-se-lhe primeiro a filha, a vossa Leodakã, o anjo do servio!...

Uma explosão de imprecações interrompeu o orador.

«Ouvistes como a noiva, em presença do mesmo padre, foi levada de arrebate, e atirada qual egoa nova, para a coudelaria do castro...»

«Vingança! vingança! — bradou Savarigo, apoiado por nova manifestação da parte da chusma, se bem que menos vigorosa e espontanea que a antecedente.

«Em que villa, villar, herdado, alheria ou deganha por esta terra fóra se não ouvem pragas e maldições, soluços e lamentos? Por toda ella lavra o fogo encuberto, como na cova do carvoeiro: falta só desafojal-o para que estale em labaredas. E quando estalarem, faremos de lacráos, que, feridos do calor, atiram consigo para o mais acceso das chammãs; mas não, possuídos de raiva e desespero, para morrermos como elles; pois esse fogo nenhum poder terá sobre nós, sim sobre os homens de cabello comprido, com que o havemos de cevar. O Filho de Deus levou traz de si o mundo pela voz de homens humildes, de um povo minimo, sujeito e abatido entre todos. Assim o ensinam os pregadores. Vós sois os escolhidos de Deus para chamar esta terra á alforria.»

«Somos pequenos para chegar tão alto — suggeriu alguém.

«Das sementes, a mostarda é a mais pequena; mas a mostardeira é a gigante das hortas — replicou Octavio, lembrado, talvez, do que ouvira em algum sermão de seus amos, ao citarem Salomão.

«Somos todavia poucos para obra tamanha — ponderou outro.

«Poucos! — exclamou o moleiro — Sem fagulhas não se atéa o fogo; e abunda uma, quando a lenha a pede. A lenha está secca, sequissima. O que falta não é a fagulha tampouco; falta a mão que a arranque da pederneira. Falta-nos Sempronio!»

«Ah, se elle nos acudisse!»

«O espantalho dos cavalleiros e dos presores!»

«O matador dos fortes!»

«O alfange dos servos!»

«Venha Sempronio!»

«Vivo, não aguardava que clamassem por elle!»

«Esperem lá que venha!»

«Tende fé, irmãos. Sempronio não está longe.»

Estas palavras do moleiro produziram effeito discordante, prevalecendo porém a incredulidade e o escarneo.

«Lidamos com doido varrido!»

«Um fará mil; cuidado!»

«Não iremos á caça com furão morto!»

«O aviso é de doudo trefot!»

«É de velhaco!»

«Samicas se dê elle mesmo por Sempronio.»

«Socegae, amigos! Lembra-vos o conselho de Leodaka. Deixae-o acabar — bradou Gonzarri, acceuando á turba com a mão.

«A garça faz d'estaça quando quer; mas não engana os ensinados — disse o moleiro. — Gonzarri, Caio e Aivito viram Sempronio em seu tempo, e assim outros d'entre vós, pôde ser. Mas o que ninguem sabe, é dizer o que lhe adveiu, a vosso glorioso pae, ninguem senão eu. Por signal que foi deitado n'estes braços que entrou a dormir o derradeiro somno.»

«Ind'agora disseste que estava perto! — objectou uma voz.

«Perto, sim; mas não é dos vivos. As folhas tem cabido dez e quatro vezes dès que Sempronio entregou a alma a Deus, o corpo á terra, e a mim a sua herança em deposito para os filhos. E sabeis que herança foi? A alforria. Prometteu estar commigo quando o tempo fosse azado. Isso fez duas vezes: a primeira, em dias de Silo, quando a gente livre se alçou contra os homens novos. Parecia-me tempo para nos ceivarmos do jugo, correndo em auxilio dos sublevados. Mas escapam á vista a lebre e a perdiz, por parecidas na côr com a moita que as acolhe. Assim não via eu perigos que viram outros olhos. Quando já fazia fundamento de levar o feito por diante, appareceu-me Sempronio carrancudo, dizendo: 'Não arrastes meus filhos á matança! Aguarda o dia da victoria.' Deu-se então o grande destroço, tingindo-se de sangue as neves do Cuperio. Passaram-se an-

nos. Mas com aquellas arrhas, tinha-me nascido a fê, que não tivera d'antes, e que nunca mais fraquejou. Esperei. Ha tres noutes, á hora da *campana*, em que as almas errantes sóem visitar os parentes, senti um estremecimento por todo este corpo; e logo assomou o vulto de Sempronio em guisa de vapor esplendente de luz, deixando mais negras as trevas que me envolviam: 'Chegou a hora, com o roubo da noiva,' disse a sombra; e sumiu-se qual clarão sem tormenta em noute de estio.»

Seguiu-se um breve intervallo de silencio. Mas houve ainda quem se atrevesse a quebral-o com chufa.

«Sombava o cego que via! Quem responde pelas visões do aloucado?»

«Aqui está quem responde!—bradou Savarigo.—E agora percebo o que lhe ouvi na azenha a noute passada, que então parecia argueiro, ou sonho; só disse que o roubo da noiva lhe fôra annunciado.»

«Duvidam ainda. Que maravilha!—continuou Octavio—Duvidou S. Thomaz até pôr o dedo nas chagas de Jesus Christo. E se visseis o corpo de Sempronio, que dirieis?»

D'esta vez ninguem se abalançou a novo desafio. Os ultimos vislumbres da incredulidade iam desapparecendo. A derisão, o desprezo, d'isso não havia já signal.

«AQUI JAZ SEMPRONIO!—disse Octavio, em tom solemne, indicando com o dedo a lage com a cruz sobreposta.—Ponde-vos em volta, e na frente, os que chegaram a ver o antigo capitão dos servos.»

O circulo fez-se no meio do sussurar abafado com que costumam mover-se os grandes ajuntamentos dominados pela expectativa de algum acontecimento extraordinario.

«Ajuda-me, Gonzarri—continuou o moleiro;—e tu, Alvito, que não serás de mais. Sósinho colloquei esta pedra; mas se o tempo desfaz, é tambem por vezes forte cimento.»

Gonzarri era, como Octavio, servo de Subrego. Alvito o era de uma propriedade do conde Froya, sita na encosta septentrional da serra de Ferreirós.

Ajudado dos dous, Octavio deslocou a pedra alguns palmos fóra do seu assento.

No espaço descuberto não se via senão arêa fina, de grãos mui tendes. Foi-se tirando e amontoando á borda da

cova que se formava a pouco e pouco, e em breve appareceu um corpo humano enfiado com tiras de panno de linho, emitindo um leve cheiro aromático.

«Pelo tamanho faz lembrar cid Sempronio — observou Gonzarri.

«Era, sim, de grande vulto como este — accrescentou Alvito.

«Vede agora aqui; é como se vivesse! — exclamou o pae de Leodaka, que, com esta ultima ao lado, olhava por cima dos hombros de Octavio.

O moleiro, de joelhos, acanhava de despregar as faxas que envolviam o rosto do cadaver.

«Sempronio! Cid Sempronio! — exclamaram Alvito, Gonzarri e outros, de braços á beira da sepultura.

«Amigos, olho máo se metta em mim, se o que vemos não é o corpo do antigo cid — bradou Gonzarri, levantando-se de um salto.

«Oh meu rico Sempronio! — disse Alvito, chorando; e chegava com a cara perto da do morto. — Eu tinha fé que te veria ainda n'esta vida, mas não assim, no somno de que se não acorda!»

«Cantae, ó servos! ride-vos, dançae commigo, festejemos dia tão feliz, pois os homens que nos esmagam sob as suas cáligas de ferro, não tiveram poder sobre o nosso amado Sempronio; dorme o cid no meio de amigos, guardado dos seus fleis — e o agigantado co-servo de Subrego corria e cabrejava arrebatadamente em volta do tumulo com mostras de silvestre alegria, atropellando quantos lhe impediam o passo.»

A contágio difundiu-se pela turba e poz tudo em tumulto, seguindo-se uma scena digna do pincel de um Rubens, senão que faltavam as formas femininas, representadas unicamente por Leodaka, que, despartindo-se da turba multa, assistia apenas como espectadora.

No meio de um ermo, e quasi nas grimpas da serra, agitava-se na claridade da lua um mar de homens semi-barbaros, gritando, dançando, empurrando-se, forcejando por obter pôr a vista nas feições que alguns conheceram outr'ora, e que os demais queriam contemplar com igual fervor, instigados pela aureola que cercava a memoria do heroe dos servos.

Na cova aberta, pelo contrario, via-se a immobildade da morte: lineamentos ainda distinctos, supposto que myrrhados pelo somno de quatorze annos. Era um rosto de feição romana, cujo contorno, visto de frente, lembrava quasi o quadrado, com testa baixa, nariz saliente e aquilino, barba redonda e bocca grande.

No silencio e recolhimento que precedera o desencerrar do corpo, ter-se-hia aquella scena afigurado um dos enterros nocturnos de martyr, cujo cadaver acabára de ser roubado ao cadafalso pelos correigionarios, no tempo das perseguições soffridas pela Igreja primitiva. A desordem, quasi conflicto, que se lhe seguiu, fazia agora lembrar um bando de gnomos estrebuchando-se no azul do luar, e profanando o remanso do cemiterio, avidos de arrancarem uns aos outros os restos de algum recém-sepultado.

Foi-se afinal restabelecendo a ordem.

Octavio era já um personagem n'aquella assembléa. A exhibição do despojo mortal do celebrado Sempronio, teve um effeito prodigioso em beneficio de quem era agora tido sem contestação por unico depositario do testamento politico, digamol-o assim, deixado pelo, para elles, protomartyr da liberdade.

Em resposta ás perguntas que lhe foram dirigidas, revelou Octavio o que passamos a resumir:

Depois de ter resistido por bastante tempo aos esforços dos ricos e imperantes para debellarem a revolta dos servos, cahiu Sempronio finalmente nas mãos dos adversarios, em occasião de uma descida que fizera dos montes, acompanhado apenas de uma escolta, ignorando, por culpa dos vigias, haver tão perto uma força inimiga. Depois da captura do chefe, a rebellião chegou promptamente a um fim desastroso; mas Sempronio, que o rei Aurelio destinava a uma morte publica e exemplar na presença dos companheiros vencidos, achára meio de escapar, acolhendo-se á serra do Caurel, e mudando de valhacouto em valhacouto, até que, antes de acabar os dous annos, morreu no algar que então habitava não longe do Seixo. Emquanto assim viveu amontado, sabendo-o apenas Selima e Octavio, este, que o acompanhára sempre nos ultimos tempos do seu triumpho, o visitava a miudo, ganhando-lhe a con-

fiança, ou melhor, confirmando-o na que lhe merecera d'antes.

«N'esses dias de dô e negra recordação — continuou o narrador, — o amofinado Sempronio não teve outra companhia de homem senão a minha; que até do somno, eu roubava as horas para as passar ao pé d'elle. Então fez de mim cofre de seus segredos, e tanchão das suas penas e amarguras, pois eram toda a sua vinha. Muitas vezes o vi chorar o desmancho da sua obra, o deitar do seu sol de tão pouca dura, que bem sentia nunca mais se levantaria para elle; e nos fios da barba que branquejava, suspendiam-se as lagrimas, brilhando como orvalho nas espigas do trigo ao nascer do sol que é bem commum. Mas quando pensava em nós, e via o que medrava no tempo, alegrava-se como pae abençoado nos filhos e que n'elles se revê; e a luz de meio dia illuminava-lhe o rosto. Quando deu a alma, como fosse tempo de lua cheia, que mais depressa chama a podridão, abatei para S. Pedro a avisar Selima que viesse enfaxar o corpo, e, por traça das suas hervas, furtal-o aos bichos da morte. Dei assim cumprimento ao primeiro dos encargos que acceitára; pois o fallecido queria que este tumulto, dando testemunho da minha verdade, dêsse vida e preço aos demais encargos da herança que nós deixava.»

Finda a narrativa, houve uma pausa, até que Leodaka se dirigiu á assemblêa n'estes termos:

«Se quereis trazer os ricos e poderosos a dar-vos vida mais folgada e desopprimida, pelo que já vistes e ouvistes, não é muito que vos diga que só cabe em Oclavio encaminhar vosso querer ao seu bom effeito, e ensinar-vos passo com que atalharieis terreno e azares. Não sei os segredos do conselho a que se deu, e que tem vontade de propôr-vos; mas se approvardes, bem farieis em lhe commetter o mando, alçando-o por successor de Sempronio.»

Chamado por diversos a explicar-se, disse o moleiro:

«Não sabereis por ora, e até resolver-vos, o que tenho feito, nem como se fará o que está por fazer, senão que por esta terra fóra alguns dos nossos ha, que estão commigo de parelha em tudo e por tudo. Onde jazia a mór força d'este? — e apontou para o cadaver. — Da nossa cren-

ça n'elle. E de que fonte nascera a crença? Da verdade que usava connosco. Aquillo que Sempronio promettesse, acontecia tão certo como nascer o sol. Por isso era parco no prometter, e secco de palavras.»

«Sempre promette em duvida, pois ao dar ninguem te ajuda — lembrou alguém.

«Pois eu prometto sem duvida; na duvida não prometto — respondeu Octavio.

«É de homem avisado, e. tambem de atrevido. Tens tu promessa prompta?»

«Prometto-vos que até hora d'alva, dès aqui até serra de Lózara, dès Penha Redonda até o Cuperio, se hade alçar a terra toda. Nossos irmãos que ora dormem o somno do captiveiro, já não hão de madrugar para as penas do trabalho, mas em nosso auxilio, para, a foro de homens livres, haveremos á nossa mercê por algumas horas as villas e herdades. Então as armas dos senhores de terra passarão ás nossas mãos para as vibrarmos em nossa defesa. Se assim o desejaes, basta dizer-m'o: e vereis os servos quaes folhas da matta em plena verdura de fresco verão; e vereis os tyrannos quaes folhas da matta após os estragos do vento d'outomno.»

«Como pôde fazer-se em tão pouco espaço? — perguntou Alvito.

«Vedes o pico lá em cima? — e Octavio apontou para o cume da montanha. — N'elle tem a vista posta homens de boa estofa, que em vendo ali arder as chammas, saberão o que isso é, e o que isso pede. E se o sol apaga as estrellas, a luz da nossa fogueira dará vida a outras; e antes que a noute acabe, a terra será illuminada pelos faros da alforria.»

«Se viessem os cavalleiros, guai de nós! — ponderou alguém.

«O tempo não podia dar melhor vão, nem vejo moita d'onde lobo sábia — replicou o moleiro. — No castro, a gente está em nada; levou-a quasi toda Sigulfo Gundesindes. Da torre de Quiroga tambem partiu Astarico Osoris com a mór parte do presidio. Foram com a proa na marca do Vierzo, não sei porque; é certo que não voltam tão cedo. O nosso perigo jaz em Lugo, mas antes que venha estaremos fóra d'alcance.»

«Só te esqueceû meu amo, homem tão duro dos fechos! Tens em tão pouca conta o conde da terra, o leão bravo, a quem nunca ninguém fez tremer as carnes? — objectou Alvito.

«Deixae-me Froya Gutheres, que d'elle nos não virá empeço, se Deus quizer; sem que d'isso faça parcella da minha promessa.»

«N'essa duvida, dize como queres livrar-nos d'elle? — perguntou Alvito com insistencia.

«Contenta-te com saberes que tua mão abrirá os aceiros que hãode encaminhar essa labareda até ao tanque em que irá morrer. O mais direi quando andarmos todos n'uma onda.»

«Amigos, haja fê em Octavio! — disse Savarigo. — Gordo vae o usso para o invernadouro, e magro sahe d'elle na primavera. A magresa do servo acordando do seu largo e cansado invernar, se fará toste em boas carnes, e a sua fome em fartura, se tomarmos a Octavio por capitão. A voz d'elle sómente se fará o milagre.»

«Viva Octavio! Viva o cid! — exclamou Gonzarri, segundando o servo do fisco.

«Viva Octavio, nosso capitão! — clamou o pae de Leodaka.

Estes brados encontraram apoio da parte de muitos, ouvindo-se ora o titulo de capitão, ora o seu quasi equivalente arabe, *cid*, isto é, «senhor». Prorompeu em seguida um trovão de aclamações, graduando o moleiro de Subrego em chefe de uma sublevação.

«Assim dáes o prasme á eleição que de mim fez o nosso chorado Sempronio. Aceito, pois, comtanto que me promettaes inteira obediencia até trazermos os poderosos á nossa vontade, e até se cumprirem as *minhas* promessas. Assim, tomando Deus por testemunha, o deveis confirmar com juramento sobre esta reliquia de martyr.»

O juramento prestou-se com estrondo perante o corpo de Sempronio.

«Fechemos pois esta sepultura — disse o capitão dos servos, — para nunca mais se abrir até o dia das postumeiras provas ante Deus. Depois, filhos, è pôr mãos á obra!»

XII

AS ARRHAS DO CAPITÃO

Avante estava logo parecendo
 Hum incendio, que tanto levantava
 O denegrido fumo, e fogo horrendo,
 Que com rasão parece que admirava.

ROLIM DE MOURA, *Os Novissimos*.

Algumas horas antes da alvorada, achando-se a lua ainda acima do horizonte, baixou com um baque pesado e estri-dente, a ponte levadiça do castro de Folgoso, para deixar passar uma companhia de cavalleiros. A sahida dava para o meio-dia, e o unico caminho batido que se apresentava, ia em sentido diagonal para a esquerda; mas, um pouco além da linha correspondente á muralha de leste, offere-cia-se outro, um mero rasto ou senda, que bifurcando-se, tambem para a esquerda, conduzia á serra de Ferreirós. Foi por ali que se dirigiu a tropa.

Na dianteira vinham Froya e Ekaredo; o primeiro sem armadura, o segundo em arnez de malha; e ambos com espada ao lado, em quanto o escudo e uma clava de ferro pendiam do arção da sella. Os guerreiros da comitiva, que mostravam pertencer a uma classe inferior, vinham arma-dos defensiva e offensivamente.

Iam de corrida por um terreno que subia gradualmente; mas ao internarem-se bem na serra, tornou-se a ladeira tão ingreme, que tiveram de moderar o passo.

«Se as labaredas iam já tão adiantadas como nol-o affir-mou teu servo, Villa-Cencirigo estará já feita em cinzas — disse o mosarabe, praticando áparte com o coude.

«Mas ali acharemos os malvados que lhe deitaram o fo-go. Prometto fartar-me no sangue dos servos, por mais que sejam minhas a villa e a deganha que lhe fica annexa.

Não perdoarei senão ao fiel Alvito, que tão a ponto nos veio avisar da revolta. Precisam de um exemplo; ou os atrevidos, que já não são poucos, se farão chusma.»

«Faça Deus que isto não seja rebate de cousa maior, e que os cães que ora ladram, não achem apoio nas terras d'ao pé!»

«Perde cuidado; tão limpa deixarei a matilha da rabugem que a come, que o andaço hade morrer á nascença, e esta noite.»

«Destrenga Deus! e dê-nos Elle boa parança! Antolhasse me aqui, porém, cousa de maior peso do que em ti sofre a confiança. Mal posso crer que os servos da villa ouzassem tanto, sem se haverem acommunado com outros da casta. Não passando Cencirigo de villico, posto ali por tua mão, segundo me dizes, maior é o descomedimento e arrojio dos villões. É o que me faz desconfiar.»

«Deviam dar-te um assento na curia, Ekaredo Gondemires; bem o merece a tua prudencia — replicou Froya em tom que participava do sarcasmo e do gracejo. — Acreditas, por ventura, que, mandando eu appellidar a terra, os homens livres não poriam logo fim a qualquer tentativa de revolta? Isso fariam elles sem que os intimasse. Tomar-nos de sobressalto, não são capazes d'isso os servos, nem que o demónio os acaudilhasse.»

«Entre aquelles que vieram de Spania homens feitos, mórmente os mestiraes, alguns ha que julgo aptos para emparelhar em subtilisa com o próprio Satanaz.»

«Esses são poucos, e recebem melhor trato e estimação.»

«Não pesam menos as bragas ou algemas por serem de ouro, conde Froya; e os corvos, por muito ruins, são mãos de deceinar, ainda que a miúdo os trouxesse na mão o melhor citreiro. Não andemos descuidados sobre os servos, que bem poderia ser que achassem quem os dirigisse. Não lhes demos-azo para tanto!»

«Pois não o tiveram já? Porque não aproveitaram a revolta que houve na Galliza em tempo de Silo?»

«A lição que levaram de Aurelio era ainda recente, deixando os servos mui acamados de espirito; e mais, a sublevação dos homens livres pouco durou, mercê da victo-

ria do monte Cuperio. Mas já la vão bons dez annos, e dezeseis desde que os servos se rebellaram: Quanto lhes tem medrado as forças, se conhece pela ousadia com que manifestam o descontentamento. Casos como este que ora tens lão perto de casa, tem-n'os havido em outros condados. Não seja a voz do trovão que nos venha despertar da nossa cegueira!»

«Bofê! cavalleiro, basta este tom para afracar o denodo dos mais esforçados. Não fallavam d'essa arte os guerreiros que se aparelhavam para o fossado na minha mocidade. Um punhado de homens, armados de confiança, arrojavam-se d'arrebate pelo meio dos campos e povoados dos encreos, sem cuidarem nos empeços que os iam affronter, nem nos que lhes fechariam o regresso. Muitos annos ha, porém, que nos falta rei que tome a cruz das mãos do bispo; e o pendão do magnate finca-se na parede, ou jaz, com villança nossa, deitado a um canto como alfaya que já para nada preste. Bons tempos foram esses em que o homem do Maghreb, armado da cimitarra e da lança de faia, comprida de quarenta palmos, invejava comtudo ao asturiano a lança de freixo que forneava tanto á sua costa, e a tempera rija dos alfanges e laminas d'Al-Guf, como sõem dizer os homens de lá. Bons tempos foram esses em que o grande Afonso, qual açoute de Deus, transpondo rios e montes, conquistando cidades e povos, levou a tocha da vingança até as muralhas de Viseu, e alagou os Campos Gothicos no sangue impuro dos filhos de Agar. Vimarano seguiu-lhe as pisadas, até que, por ciúme da gloria, e do amor que esta lhe valeu da parte dos que o assistiam (entre os quaes me achava eu), o irmão deu-lhe cobardemente a morte.»

«E foste tambem no conto d'aquelles que nobremente o vingaram — disse o mosarabe em tom d'approvação; mas, mudando-o para outro algum tanto sarcastico, accrescentou: — Não ponho em duvida essas gabadas façanhas, amigo conde; mentes porém os mastlins, se despedaçam entre si, no redil acha o lobo mais facil entrada. Grandes revoltas andavam n'esses tempos entre os povos d'Al Keblah. Mal se abaixára a alferena branca dos omniadas, diante o estandarte negro dos abassidas, após longa resistencia, e eil-os os fatimistas a apparecerem em campo com

as cores verdes despregadas ao vento! Quiçá agora não chegassem tão longe as nossas correrias, nem mesmo com outro Affonso ou Vimarano.»

«Apostados á paz não são os homens de Spania, mas de cá, Ekaredo Gondepires. A rebellião dos filhos de Yussuf manteve-se dous annos. E dès que Hixem empunhou o sceptro, tem visto em armas contra si os dous irmãos. Se Abdallah se lhe rendeu ha pouco, e, consigo, Toledo; refugiado em terra de Tadmir está Soleiman, que o desafia com numerosa hoste. Pois não me referiste hoje, tu mesmo, ser a ultima nova que o joven Alhakim fôra pelo pae mandado contra elle? Entrementes está tudo em conflicto na marca dos Francos, cahindo Gerona, Ausona e Urgel em poder de Saïd-ben-Husein, wali de Tortosa; em quanto os de Barcelona, Tarragona e Huesca acabam de se bandejar com Bahlul-ben-Makluc em Zaragosa. Ora bem vês quão aparelhadas estão as cousas em Spania; como que chamando por nós. Mas os tempos têm mudado; e como não conheceste os homens de então, mal podes saber o que fariam se ora dominassem. Tu fallas ao som dos que mandam hoje. N'aquelles dias, que já vão longe, não tínhamos ainda comosco no governo os. . .»

Froya callou-se de repente.

«*Adveniços ou mosarabes* — disse Ekaredo, dando voz ao pensamento do conde, e rindo-se de bom humor, pelo menos em apparencia. — Podias dizel-o sem offensa. O amigo verdadeiro sabe fazer desconto do que pertence á diversidade no sentir; e a conformidade em tudo não é obrigada entre os que se estimam. Conhecendo aliás os teus sentimentos para com os vindos d'alem-fronteira, maior preço damos á tua amizade, eu e meu pae. Mas quero desenganar-te de um erro que, parece, te seuhorea. Se fugimos á guerra, não é por cobardia. Os de Mafoma cuidam ter na testa escripto o logar e hora da morte, e isso faz d'elles gente sem pavor; mas não nos mettem medo. Entendemos, porém, que ter paz e trato com elles é de alta vantagem. São mestres na industria, nas artes, nas sciencias, de que ha carencia absoluta nos povos de cá. Que nos dá a nós, se, como encreos, fazem do seu paraizo uma estancia de gosos corporaes, diria infernaes, se Sa-

tanaz m'o permittisse. Embora digam elles, acurvados ao fado, *está escripto!* nada podem contra a virtude do que é; e nós ficamos com a nossa crença n'uma vida futura incorporea e espirital. No emtanto, deixando a Deus o que é do céu, e tomando á nossa conta o que é do mundo, mantemos alliança com os sarracenos para aprendermos e tirar-lhes o com que possamos medrar em riquezas e força. Feito isto, será tempo de reivindicarmos territorios que foram de nossos avós, e tornar ali dominante a Fé de Christo.»

«Mão é o lebreiro que deixa de seguir a caça á vista, e vá por atalhos. N'esse vosso andar nem d'aqui a cem annos!»

«Que tem isso? Não é caçada; e se não nos for dado chegar á meta, tocará aos filhos, aos netos, aos bisnetos. Taes são as vistas, tal é a politica da curia, e de nós outros, os *advendiços*.»

Chegavam agora ao ponto culminante do caminho, apresentando-se diante d'elles uma encosta mui accidentada, e, na parte visivel, quasi toda coberta de bosque. Subindo por traz de um esporão ou saliencia da serra, que cortava a vista para o fundo do valle do Lor, apparecia uma columna de fumo, e o reflexo de um incendio.

«Parece estar no seu auge — ponderou o conde, recolhendo a redea por um instante. — A villa fica muito para alem do cabeço; e pela vista que faz o clarão, estará a arder toda a casaria. Ah! perros, apagar-se-ha no vosso sangue!»

«Fóramos mais bem servidos da salamandra, que de boa mente passaria por aquelle fogo, apagando-o com a saliva. Toda a duvida está em haver á mão a salamandra — respondeu Ekaredo, gracejando em tom pouco consolador.

A descida, apezar do máo piso, fez-se a passo rapido, até chegar a cavalgada não longe do alludido cabeço ou saliencia, d'onde a separava uma garganta em subida, sombreada de matta fechada.

Uma senda estreita, ingreme e tortuosa, entre anfractuosidades para este fim aproveitadas, dava ingresso no passo. Apertando a redea aos cavallos, e marchando á

desfilada, os guerreiros viram-se de repente n'uma escuridão quasi completa; e a basta folhagem das arvores conservava o sitio em perenne humidade.

Tinham quasi vingado o ponto mais elevado da garganta, onde começava a descida para o outro lado, quando de subito um soido agudo reboou na floresta, uma só vez, seguido logo de um ramalhar estrondoso, ao passo que da sarça e moita que crescia nos intervallos das arvores, sahiram de ambos os lados do caminho, numerosos vultos humanos, cuja appareição foi tão repentina e tão sem grito ou som de voz, — realisando a idéa d'aquelles phantasmas silvestres que os antigos romanceiros punham á disposição dos seus poderosos magicos, — que os guerreiros foram á risca tomados de sobresalto, sem poderem logo cabir na conta do que se passava. Acordaram, porém, ao vigoroso ataque que soffreram. Desde a cabeça até o conce da fileira foram accommettidos de um e outro lado.

Antes que Froya livesse tempo de se apossar da clava, o cavallo estava seguro pela brida; e, recebendo um golpe mortal no coração, veio com o conde a terra, levando-lhe uma perna de baixo.

«Ah, prasmada façanha! Os servos se amolinam!»

As palavras do magnate foram abafadas por mão rude e pesada, e os seus esforços para se levantar mallograram perante o vigor com que foi instantaneamente agarçado por uma roda de homens. Ataram-lhe os braços atrás das costas, e desembaraçando-lhe a perna, levaram-n'o, a bem dizer, de rastos, até o topo da subida, internando-se depois na matta.

Já tinha a bocca livre; mas as palavras que soltava, não podiam sobrelevar o ruido e vozeria que subiam do logar onde se dera a cilada.

Chegando a um sitio mais aberto, fizeram alto, convidando o prisioneiro a tomar assento.

«Não me conheces, conde? — perguntou-lhe um dos homens.

«Elle os conhecia! Verificaram-se cedo as previsões do mosarabe! Este aviltamento é filho da minha cegueira! Cahi no fojo, que nem o lobo! — isto dizia o conde comsigo, meneando a cabeça com o desespero de um touro encurralado.

«Froya Gutheres, que fizeste de Mariame? — perguntou de novo o outro, segurando no hombro ao procer.

«Mãos fóra, servo! Quem é o atrevido que me pede contas, a mim?»

«Um que tem direito de as pedir a quem lhe roubou a noiva.»

«Ah! És tu? Queres um conselho? Vae ao castro saber d'ella — respondeu Froya com escarneo.

O alganame poz-se diante d'elle com ar resoluto.

«Toma tento, conde! Bem te ia esse tom do alto da tua pousada, da tua torre grande; mas aqui nenhum proveito te fará. Qualquer que seja a sorte dos teus li em baixo, tu pelo menos estás preso no laço, fóra de todo o alcance e sem esperança de soccorro. O que hade impedir-me chegar-te ao coração com esta faca?»

«Enterra-a, pois, bem fundo! Pintado hade ser quem faça tremer a barba a Froya Gutheres.»

«Ha cousa peor que a morte. Os tormentos podem armar-se na terra como nos infernos.»

«Armem-se, embora! Do corpo fareis vós outros o que vos assoprar o demonio; contra o espirito é que nada podeis, nem abafar n'elle o desprezo em que vos tem a todos!»

«Froya Gutheres, apoderaste-te d'aquella que amo; arrancaste-m'a quando ia ser minha mulher. Votei-te um odio que só na tua morte teria descanço. Hontem eras poderoso e forte; hoje posso esmagar-te como se esmaga um verme. Ora, do teu inimigo me farei teu escudo e defensor, se me jurares não ter feito nenhum torto a Mariame.»

Froya desatou-se em gargalhadas.

«Que gloria, ter-te por defensor! Ora na verdade mais aguisado fóra dar-te por obrigado da honra que te quiz fazer.»

«Morre, pois! — bradou Savarigo, fóra de si, arremetendo ao conde.

Os companheiros, porém, travaram d'elle, arrancando-lhe a arma, ao passo que um lhe dizia:

«Lembra-te, Savarigo, do que mandou o capitão; e da promessa que lhe fizeste.»

O alganame furioso cabiu logo em si.

«Que boa rodella achava em ti! Nem a força tens de que te gabaste, pobre casmurro! — disse Froya, que nem movimento fizera para evitar o golpe.

«Senhor conde! — bradou Savarigo, lançando-se aos pés do impavido magnate. — Nem ameaças, nem promessas te farei; de joelhos te imploro me digas por caridade como poderei fallar com Mariame, para saber como usaste com ella.»

Froya ia soltar outra injuria. Conteve-se quando já lhe roçava os labios. Esteve uns momentos silencioso, e depois respondeu:

«Já que cahiste um pouco no teu siso, apraz-me satisfazer-te a vontade. Mariame está como a desejas.»

«Bemditas palavras! — exclamou Savarigo, levantando-se; e accrescentou com fervor: — Acertaste, oh capitão! Acertaste! Por ti agora beberei os ventos!»

«Que capitão é esse? Em que acertou? — foi a pergunta do conde.

Mas uma explosão de vozes veio cortar a conversa. Eram brados de triumpho sabindo do desfiladeiro.

Fez-se o silencio, ouvindo-se então uma voz forte, que dizia:

«Ide agora lá em cima, lançar o fogo em signal de victoria. Em n'ó vendo os que estão no Pico, darão d'ali o annuncio a toda a terra. São as arrhas que vos dou da minha promessa.»

«Viva o capitão! Viva o cid! — e o caudilho dos servos foi saudado de estrondosas acclamações pelos companheiros que estavam com elle, ás quaes correspondeu de cima a guarda do prisioneiro.

«Poz a sua no fito! Que homem! que homera! Chega sempre ao que quer! Deus foi que nol-o enyviou! — disse Savarigo com enthusiasmo.

«Basta! — clamou Froya, indignado. — É a revolta dos servos do condado! Com o incendio da villa. . . »

«Isso foi o melhor da festa, e negaça para que a aguia sabisse do ninho — disse-lhe um, alegremente, interrompendo-o.

«Os passarinhos, fazendo bando, sabem pôr medo ao milhafre — ponderou outro.

«E atiram-se ao mocho que se atreve a sahir de dia; nós a ti, sabindo de noute — accrescentou um terceiro.

«Viste só o clarão de uma fogueira — affirmou um quarto.

«Cencirigo deve de estar a roncar em sua cama — suggeriu um quinto, rindo.

«Burlado! Vencido! E por villanagem! pelo lixo da terra! — exclamou o conde, ferido acerbamente no seu orgulho.

— Porque me poupastes a vida, villões? Que me quereis?»

«Isso não é commosco. Pergunta ao capitão, que estará aqui já — responderam-lhe.

Seguiu-se um silencio assás demorado. Froya parecia abatido, mortificado, e entregue aos seus pensamentos.

«Tendes o intento posto no exemplo de Sempronio — disse elle a final; — mas lembrae-vos do seu curto reinado, do fim astroso que teve, e do desengano em que pararam as esperanças de vossos paes.»

«Com revezes sóe Deus fortalecer os seus eleitos — respondeu um homem que se approximava, seguido de outros.

— Entre o sol da esperança e a noute do desengano, medêa o lusco fusco da incerteza. Escorregar não é cahir; e quem se levanta após a quêda, não está perdido.»

«O aloucado de Subrego! — exclamou o conde com admiração; e depois, com uma risada de escarneo: — Aqui temos pois o apregoadado capitão!»

«Acordámos de um pesadelo horrendo — proseguin Octavio com fleugma. — Para nós foi uma noute de lenta agonia, que promettia não ter fim. Para vós brilhava sempre o sol. No seu occaso não acreditaveis. No vosso mundo não havia horizonte.»

«Assim que pondez as esperanças n'este juizo desbaratado! — tornou Froya, dirigindo-se aos servos, cujo numero ia augmentando cada vez mais.

«É porém a elle que deves a vida — observou-lhe Savarigo.

«Digna-te, pois, dizer-me porque te devo esta mercê, muito alto e muito poderoso Octavio? — perguntou o conde, persistindo no mesmo tom.

«Ha segredos que medram no seio do tempo; ha-os tambem que ali jazem até o dia de juizo.»

«Esse arcano me é vedado?»

«Não está em mim dizer-te o que fará o tempo. Entrementes te contarei a visão que tive. Sobre um valle alongado e estreito, estava suspensa uma nuvem; tão baixa que por pouco não roçava o chão, tão negra e densa que não se via beta de luz que a atravessasse. Por baixo era um fernigueiro de homens; e a nuvem com o peso comprimia-os, como a pedra ao verme; mas eram sem conto. Entre elles havia um trabalhar incessante, um redomoioho como das aguas no oceano. Os ais, as lamentações, os gritos de dôr relumbavam por essas abobadas átras e soturnas. Os estalos da mansilha semelhavam o crepitar continuo do fogo cevado a miudo. As lagrimas encharcavam os campos, escorrendo pelos regos abertos á enxada. Os fructos da terra traziam o sabor do sal; porque o grão brotava humedecido pelo pranto, e d'elle nascia o sumo da uva. Ora, nas alturas que cercavam o valle de afflicção, viam-se outros homens enfunados na vaidade e sobërba. Eram poucos em respeito aos de baixo; as arvores de fructa mais graúda, menos dão. As varzeas celestes abriam-se a estes, e a claridade do sol lhes batia no rosto. Á porfia bailavam-lhes nos olhos o riso e a fedice, e no contorno dos labios vivia o gozo. Encurtavam a luz do dia com regosijos e folguedos, acordando a noute com o trovão das suas orgias. O canto e a voz dos instrumentos enchiam-lhes os estáos; as vigas tremiam sob os passos dos bailadores, e as mesas vergavam com o peso das iguarias. Os varões de cabello comprido habitavam de um lado; do outro, os homens de fota e de tez tsnada. Eram tigres e leões uns para os outros. Assim que se enfadavam de regalos e passatempos, cruzavam olhares ervados de fel e malquerença, e o cheiro do sangue embriagava-os. Então tremia a terra até as suas concavidades; e a nuvem, gemendo com o tropel de guerreiros affrontados, abatia-se mais e mais sobre os moradores sotopostos, que dobravam esmagados, ou, estrebuxando, fugiam em magotes. E as chammas vorazes vinham na esteira dos lidadores; e o chão do valle era feito um tremedal fumante de sangue e de cinzas. Foi o que vi tres vezes em sonho. Á primeira e segunda, acordei entre os inermes, pisado pelos alfarazes dos com-

batentes na sua carreira infernal. Á terceira, o fossado chegára a seu termo; os homens de fota já se não viam; e os de cabello comprido pegaram no somno, não somno leve como em tempo de lua cheia, pois dormiam, dormiam, dormiam, sem despertar. Mas a nuvem não cedia do peso, pois os dormentes, dormindo, andavam em pé d'azorrague na mão; e quando acordei, os habitantes da terra chan trepavam armados, e já vingavam as eminencias onde os guerreiros dormiam ainda a somno solto.»

Era de ver e ouvir o gesto e a voz que acompanharam o discurso, e o effeito produzido no animo dos insurgentes, que pareciam tel-o suspenso nos labios do seu chefe, apertando a pouco e pouco o circulo que formavam em roda d'elle e do conde, e como que sorvendo anciosos, com varia expressão, posto que em silencio, cada palavra por elle proferida.

Mal chegou á ultima, e já um frenesi se apoderava da turba. Vociferando e gesticulando, exprimia cada qual os sentimentos que o dominavam, fundados em alguma expectativa: a repartição e posse dos bens de seus amos; o descanso sem trabalhos; os gozos que da liberdade lhes haviam de provir; a vingança de castigos, de ultrages recentes ou antigos, e outras lembranças ou anhelos que lhes vinham á fantasia.

De nenhum modo intimidado pela attitude tumultuosa da multidão, Froya manteve-se firme e immovel no meio da algazarra, até que Octavio lhe disse, fallando a meia voz:

«Senhor conde, logo dar-te-hei palavra em sitio menos apertado. Entrementes irás para logar seguro. Aqui não saberia responder pela tua vida.»

«Não cuides, servo rebelde e traçoeiro — respondeu o magnate com altivez, — que Froya Gutheres seja homem para torcer o rosto a este pegulhal de villões desgarrados. Lembra-te de que como eu ha muitos. Revoltas têm-n'as havido já; mas o servo nunca pôde medir-se com homem livre. Quebrado o jugo imposto por Deus, é sua carreira curta como do astro que se desprende e foge do logar em que Deus o poz, para, perdido, correr o espaço por um momento. O porco á pocilga sempre vae parar.»

«Se tens animo, conde, e te mostras forte no perigo, tambem sei firmar-me na paciencia.»

Dirigindo-se então a Savarigo, que não participára das demonstrações da chusma, Octavio accrescentou:

«Bem sabes para onde o has de levar. Eia! fóra com elle!»

Partiu o conde cercado da escolta que obedecia ás ordens do servo fiscal, e em menos de meia hora, o sitio estava entregue á sua costumada solidão e silencio, até que, ao nascer do dia, fosse quebrado pelo bater da azas e pela granada e crocitar dos abutres e corvos, vindo soffregos ao festim, ali em baixo na sombria garganta de Ferreirós.

XIII

UM ASSUMPTO DO DIA

Haviam seu assado de carneiro, e vaca, e galinha, e seu defeito, e vaca cozida, e seu tocinho. ou maraam... e pichéis... com vinho, e laças para beberem.

PRIMO DE SOUSA, *Carta ao Duque de Bragança.*

Em valle de Lousata, a duas legoas d'bnde, na serra de Oribio, nasce o Sárria, ergue-se, na margem esquerda, o grandioso edificio do mosteiro de Samos, como hoje se chama, cujos alicerces do lado septentrional vem banhar-se mesmo na onda crystallina d'aquelle rio piscoso e poetico, tão flexivel no curso como o eiroz em que abunda.

O sitio é o mais retirado que imaginar se pôde, sumido no meio dos montes que o cercam em limitada área de todas as partes, como o nosso Lorvão; com a differença que n'este, as encostas elevadas da serra vestem-se de moita e sarça, ao passo que as ladeiras mais accidentadas de Samos, ostentam bellas mattas, e o chão da baixa uma

vegetação opulenta e variada. O sitio de Lorvão é magestoso na sua braveza; o de Samos é mais florido e ridente. Mas um é tão isolado e fóra de vista como o outro, e afastado do buliço da vida humana, senão que o povoado que se tem com o tempo agglomerado ao pé do mosteiro gallego, é mais importante que a aldéa dependente do convento portuguez.

Nas suas dimensões, todavia, e no traçado quadrilateral, o edificio em valle de Lousata semelha mais o de Alcobaça do que o conjuncto menos regular e vasto, se bem que mais vetusto, de Lorvão. A construcção do primeiro pertence ao tempo dos Philippes, assim como o magestoso templo que lhe fica annexo; excepto uma parte do claustro inferior, que é do seculo xv, e uma escadaria conduzindo ao de cima, cujo estylo é do xu. Mas do primitivo nada existe hoje, senão talvez uma pequena igreja, de certo mui antiga, que se acha um pouco afastada da moderna fabrica.

É porém certo que a primeira fundação foi anterior ao septimo seculo. Sendo, pelos annos de 716, destruido completamente á mão dos sarracenos, tornou a reedificar-se entre os de 756 e 768, tendo por primeiro abbade Argerico, emigrante ou refugiado das terras hispano-arabes.

No tempo, pois, da nossa historia, o cenobio de *Sámanos*, como então se dizia, tinha apenas de vinte a trinta annos de existencia na sua condição restaurada. Cercado de um muro abrangendo a igreja, que suspeitamos ser, pelo menos quanto aos alicerces, a pequena estructura mencionada acima, occupava um sitio um pouco mais rio-abaixo do que o actual mosteiro, e um tanto mais arredado da margem. E posto que não tivesse então a grandesa architectonica que adquiriu mais tarde, a sua communidade não deixava de ser liberalmente dotada de bens, possuindo terras em diversas partes da Galliza até o rio Sil, e algumas mesmo no paiz do Vierzo, como consta dos diplomas. Fóra da cerca havia n'aquelle tempo, uma albergaria ou hospicio em que os monges offerciam agasalho aos pobres e aos viajantes.

E' n'este sitio retirado que nos cumpre passar algumas horas.

Fechámos o ultimo capitulo perto da madrugada; abri-

mos este pouco depois do cabir da noite immediata. Ceava-se no mosteiro de Sámãos.

A ceia, como é sabido, era a principal senão unica comida em fórma, dos nossos maiores de então, correspondendo ao jantar de hoje e de tempos mais proximos a nós. Não é, no refeitório commum que havemos de introduzir o leitor; sim, na sala onde em occasiões extraordinarias, o abbade costumava dispensar a hospitalidade.

Por baixo de uma serie de pequenas candeias, que, suspensas do tecto, ardião em azeite, abria-se uma mesa em meio circulo, tendo de altura apenas dous palmos do chão. Os convivas estavam do lado convexo, ao passo que o outro ficava livre para o serviço, que se fazia por uma porta fronteira.

Terminava a entrada dos caldos, de vacca e de gallinha, sendo esta uma das carnes predilectas d'aquelles tempos. Os trinchos, ou pães de trinchar, de que são substitutos os pratos modernos, compunham-se de massa escura; e conservavam a dureza resultante de estarem cozidos havia dias, por não terem ainda sentido o effeito dos molhos e temperos, que dentro de pouco os haviam de amollecer. Mas, em muitos casos, via-se já em parte consumido o pão alvo «de bocca» que cada hospede tinha junto de si; pão cozido na cinza. Das copas ou picheis, poucos continham intacto o seu complementõ de vinho; alguns talvez, depois de vados, ter-se-hiam reenchido.

Constava a companhia de trinta e tantas pessoas, assentadas em colchões.

O assento do meio era occupado por um homem de elevada estatura e bella presença, cuja idade não passaria dos vinte e sete ou vinte e oito. Por cima da vestia de lan fina, trazia uma capa ou palatina de marta, sobre a qual lhe cahiam os compridos cabellos cuidadosamente penteados. Notava-se-lhe certa reserva, senão melancholia no olhar, suavizando agradavelmente a magestade do porte e do gesto.

À direita d'este personagem, sentava-se outro, que parecia avantajarse-lhe em cerca de vinte ou vinte e cinco annos, e cujo cabello começava a grisalhar-se. Tinha com o outro o que quer que fosse de semelhança nas feições. Menos alto de corpo, denunciava porém na physionomia

meditativa, genio mais brando e bondoso. Vestia de ecclesiastico.

Pertencia igualmente á Igreja, o que lhe ficava á mão direita. Homem de meia idade, de cara cheia e corada, mostrava no aspecto um contentamento visinho á alegria.

Da mesma classe e idade era aquelle que se via á esquerda do principal personagem. Rugas, porém, cortavam-lhe prematuramente as faces macilentas. Toda a sua pessoa, de estatura mediana, tinha na sua magresa um ar de ascetismo, que harmonisava com o retrahimento da physionomia, mais austera do que benigna, mais tranquilla comtudo do que severa ou dura.

Seguia-se-lhe um ancião em habito monastico, de aspecto sereno e veneravel, e de avançada idade.

Após este, vinha um cavalleiro ainda no vigor dos annos, de compleição robusta, sadia, activa e agil. Tinha cabello louro e olhos garços, cuja singelesa de expressão revelava sentimentos d'alma que pareciam ter as forças do corpo em conta de mero auxilio, nunca para abuso; assim, ás vezes, um leão domado se nos afigura ignorar a propria pujança.

Os outros, finalmente, eram todos cavalleiros, occupando o resto da mesa até os dous extremos. Entre elles, no quarto assento abaixo d'aquelle mencionado em ultimo logar, estava o nosso trovador, Gueslo.

Vinham entrando alguns monges e serviçaes, trazendo diversas ignarias em conças e travessas de madeira, as quaes fumavam, emittindo cheiros saborosos e mesmo aromaticos. Collocou-se tudo na mesa.

«Senhor — disse o ancião, dirigindo-se áquelle que occupava o logar de honra, — sereis servido provar d'este assado de onagro em seu molho, salpicado de pimenta? Ou do corazil de porco? Ou da perdiz sasonada de herba doce?»

«Com licença, Argerico, tomarei d'estas trutas, que, do vosso Sárria, devem de vir bem frescas. Appeteçam-me assim envoltas na sua camada de codea, ou de grãosinhos do novo pão que os Francos inventaram.»

«O bis-coctus, ou *biscuit*, como elles o chamam. Veiu-nos ha pouco a receita, por obsequio do nobre diacono — replicou Argerico, abbade de Sâmanos.

«Não vos julgava tão apreciador de manjares, primó; dos codices, sabia eu — disse o outro com um sorriso, ao passo que tomava com os dedos uma das trutas, que depositou no seu trincho de massa.

«Se com os codices apascentamos o espirito, Affonso, — respondeu aquelle que estava á sua direita, — de nada servem para satisfazer o paladar dos nossos hospedes; e sendo este um dever que nos obriga, é tambem estudo com que ás vezes desenfadamos os vagares. E mais, vos recômmodo as cenouras lavadas em mel.»

«Não comeis, Beato? De que sereis servido? — perguntou Argerico ao ecclesiastico assentado entre elle e o príncipe.

«Estou satisfeito — respondeu o abbade de S. Martinho (hoje S. Toribio) de Liebana, mastigando um bocado de pão terçado; — mas por vos agradar, provarei das favas, ou d'essa couve cozida com sal.»

«Gostaes do capão, abbade Fidel? — continuou Argerico, lançando a vista para o sacerdote corado, á direita do diacão Bermudo, o qual encetára já metade do peito da ave.

«É succulento, e a hortelã realça-lhe o gosto — respondeu-lhe Fidel.

«Eu vou provar d'este lombo de zebra, que me parece tenro qual vitella — disse um velho guerreiro, visinho de Fidel.

«Provae, provae, conde Roderico Ordonhes, pois vem de rez nova, morta com a mãe ha tres dias, nas mattas do Oribio — tornou Argerico. — E vós, amigo Theudas? Tomareis d'esse leitão com recheio de passas e figos?»

«Vou-me atirar áquelle pastel de veado e marmelo, quando o conde Ero Luderigues for servido que assim seja — foi a resposta que o abbade recebeu do seu visinho immediato, o cavalleiro robusto, referindo-se este a outro, que, a dous assentos abaixo, enchia o trincho a modos de querer dar cabo do pastel inteiro.

Argerico, relanceando os olhos a um e outro lado, viu que o restante da companhia, sem esperar convite, se servia á vontade, alguns com soffreguidão pouco edificante, das diversas iguarias que se ostentavam com varia abundancia, e cujo tempero nem sempre estaria ao gosto d'este.

seculo. Então o hom abbade tratou de si. Para não fugir ao dever da hospitalidade, provou de um dos pratos substanciosos, sem se escusar, todavia, da sua costumada porção de guisado de cebolas, e bebendo a sua «çelia,» ou sicera (cerveja), de um pichel de barro, em quanto os do principe, do diacono, e dos outros dous abbades, eram de prata.

«Que novas me daes de vossa irman Sára, e do primo Vimaredo? — perguntou o principe.

«Boas m'as trouxe Guesto Ansures, que ainda ante-hontem esteve em Subrego — respondeu o abbade de Sâmanos.

«Deixei o prior são, e bem disposto; e só velho para quem lhe conhece a idade — disse Guesto. — Quanto àquella grande serva de Deus, Sára, bem se vê que Nosso Senhor a tomou debaixo do seu especial amparo, pela pouca alteração que soffre dos annos e dos trabalhos.»

«Ora muito me prezo d'isso, pelo amor que lhes tenho em satisfação do carinho que achei n'elles — tornou Affonso. — Estaes lembrado, Argerico, da primeira vez que me fizestes partir para Subrego?»

«Que desculpa teria eu, senhor, se me olvidasse do que vós vos recordaes, estando então na idade da innocencia? Foi logo após a ida de vossa mãe para Alava, ao tempo que Garci Ramires e seu bando estavam quaes sabujos com a pista perdida, correndo em vossa busca por estes montes e valles. Receioso de que tivessem rebate do paradeiro de tão precioso deposito, e que o seu atrevimento os levasse a violar os passaes do couro, para S. Miguel vos fiz levar muito á puridade. Certo que não havia ali melhor defesa, mas tinha de vantagem adormecer suspeitas, sendo já de per si terço de victoria desnortear os vossos perseguidores.»

«Porque razão apartastes da vossa companhia a irman que vos acompanhára de Spania, sendo ella, como tenho ouvido, meeira nos bens doados por Froila? — perguntou o conde Ero Luderigues.

«Por sem duvida que el-rei nos mandou dar posse em commum das terras do antigo mosteiro — respondeu Argerico; — e nosso intento era fundarmos em Sâmanos um

cenobio duplex de irmãos e irmans, á semelhança do de Tabanos, perto de Cordova. Mas, começadas as obras, poz-lhes embargo o bispo Odoario, com dizer quanto damno seria ir por diante com tão grande novidade, fazendo perder memoria de casa tão antiga, que por tanto tempo florescera em virtudes e todas as excellencias da santa vida religiosa. Com homem tão poderoso, fugia eu de ter referta; e aguardei as determinações do doador. Assentou-se por fim que na restauração do cenobio, se observasse a regra e disciplina de outros tempos. Foi então que, com beneplacito d'el-rei e do bispo, fundámos o convento no castro romano de Subrego, com Sára por abbadessa, e fazendo-a senhora das villas em Riba-Lor; e para melhor amparo das irmans que com ella estavam, dei-lhe por prior, sujeito a ella, o primo Vimaredo, acompanhado de alguns homens que conosco vieram da terra dos ismaelitas.»

«Em Riba-Naria—replicou o conde Ero,—ha um asceterio na herdade de Rezin Sesnandes, visinho meu, homem que veiu ha tempos de Spania; e n'elle vivem vida religiosa alguns servos e ancillas de Deus. Mas a mór parte é de sua parentela; outros, de sua familia, gente ali posta por sua mão, e regida por elle sem attenção a regra que eu saiba.»

«Entre os asceterios que se encontram por essas terras fóra—disse o diacono Bermudo,—alguns ha nas condições que dizeis, conde Ero; mas são poucos. De conventos sobre si de dupla communnidade, S. Miguel foi o primeiro que se instituiu em Galliza. Além d'esse, só conheço os de Chantada, em Riba-Asma, e de Castro Verde, em terra de Chamoso. É novidade que nos veiu dos paizes do Oriente. Por muito tempo aceita ali, parece que a opinião se tem virado contra tal ordem de vida; porque no concilio que houve em Nicea, deus annos ha, constituiram os padres prohibição contra cenobios duplexes.»

«Deve de ser que decahissem dos bons costumes—observou Guesto.—Se fossem ali como em Subrego, não havia porque prohibilos. Que santa vida, essa que se observa em S. Miguel! Parecem todos irmãos e irmans do mesmo sangue.»

«Deus os mantenha sempre assim, e os sustente no bom caminho que lhes abriu; e os guarde tambem de todo o danno que lhes queiram fazer os servos—disse Affonso.— A rebellião de que nos chegou noticia esta tarde, tem-me dado algum receio por amor d'esse rebanho do Senhor. Accorreria logo em sua defensa, se não a tivesse já tão perto; pois creio que o conde Froya lhe não hade faltar com ella. Assim mesmo, se ali governasse outro que Froya Gutheres, quizera eu bem acompanhar-vos pela manha, conde Roderico Ordonhes.»

«Isso era entregar-vos, senhor, a quem não tem mór desejo que ter-vos em seu poder; ou obrigar-nos a dar batalha em vossa defensa, a quem ora pensamos auxiliar— respondeu, rindo, o velho guerreiro que em outros tempos, fôra magnate da regia curia.— Irei com estes cavalleiros, sobre quem me destes poder de capitão, a ver se com Froya Gutheres, damos fim á revolta, antes que a labareda pegue ao longe. O mal já feito é que não tem remedio.»

«A força da labareda lavra para além de Penha Redonda—disse o abbade de Sámanos.—D'esta banda da serra nada tem havido, afôra o incendio e matança em S. Pedro, de que sabeis. Agora mesmo me chegou essa certeza.»

«Pobre Donani! — exclamou Guesto. — Ainda hontem o vi tão sadio e contente! Todo o seu afan era cumprir com o voto, — e, mudando de assumpto, acrescentou: — Com a força que tem no castro e na torre de Quiroga, estou que o conde Froya hade reduzir os amotinados á devida obediencia; e mais promptamente com o soccorro que lhe vamos levar.»

Nem todos os convivas participavam d'esta conversa; alguns fallavam em grupos separados, sobre diversos assumptos.

«É digam lá que esta santa vida do cenobio, não é a melhor de quantas a Deus Nosso Senhor aprouve ordenar para seu serviço! — exclamou um jovem guerreiro de proporções herculeas, o qual estava á direita do conde Roderico, rasgando, no entretanto, com os dentes e os dedos, um pato recheiado de nabo e castanha.

«É porque não filhaes os pannos, Guther Menendes?

Sois ainda moço, e em boas condições para o noviciado — suggeriu Fidel alegremente, acabando de engulir o último bocado do capão.

«O pio Argerico se opporia a isso, nem que eu fosse galo — replicou Guther com uma gargalhada.

«Serei vosso avindor com elle — tornou Fidel.

«Eu vol-o teria em mercê.»

«Nosso amigo Guther Menendes poria o ponto alhures — observou o diacono, intervindo momentaneamente, — se acaso deitasse uma olhada no refeitório; se é que os irmãos não acabaram já com o guisado de cebolas e a hemina de celia, ou meia hemina, quando seja de vinho; pois n'isso são aqui mais parcos que os Bentos. Hoje não é dia de pitaça para elles; estes são raros, e mesmo assim não comem carne estando de saude.»

Assim concluindo em tom ameno, Bermudo passou a prestar attenção ao que se dizia á sua esquerda.

«Desisto! — disse Guther. — Mais me apraz a quebra que fazem por amor de hospedagem, que não a regra que usam entre si. Cada um ao para que Deus o fadou!»

«A mim, o que me seria avesso, não é tanto esse passadio magro — ponderou o visinho de Guther, homem refeito e sanguineo, de cabello ruivo e labios grossos, ao passo que deleitava o paladar com um prato de mãos de urso ensopadas em mel.

«Então que é, Pelagio Gundisalves? — perguntou Guther.

«São umas palavras, ou versos escriptos n'aquella pedra que se vê lá fóra, á entrada da cerca do mosteiro.»

«Que alta novidade! — exclamou o outro gracejando. — Não te cuidava sabedor de letras. Por ventura que és outro Guesto Ansures!»

«E certo, d'ellas nem migalha sei; foi elle quem m'as leu, supposto que não sejamos grandes amigos. Só me ficou aqui um dos taes versos — e Pelagio bafia na testa.

«Anda, dize lá! — tornou Guther, apoiado pelos dous cavalleiros á direita do ruivo, os quaes despedaçavam uma gallinha adubada com molho de salva.

«O sentido resa assim: *'não entre nunca aqui mulher'*. Eu não quereria aqui viver! — disse Pelagio, lambendo os beiços sensuaes, untados de mel.

Do pequeno grupo sahiram algumas gargalhadas.

«Não te ouça o nosso casto Affonso! — expressou-se assim um dos cavalleiros.

«Cuidava que nos ias dizer cousa de espantar — disse Guther para o cavalleiro ruivo. — Isso já se sabia; por signal que Munia ficou fóra de portas, no hospício.»

N'este meio tempo a pratica entre os visinhos immediatos do principe, tomava um rumo que a pouco e pouco foi attrahindo a attenção de todos.

«Sentimos a ausencia do joven bispo de Osma — dizia Affonso. — Eu e minha mãe vinhamos esperançosos de o encontrar em Sámanos. Ainda mais me peza, porém, o motivo que nos priva d'isso.»

«Como já vol-o tenho dito, senhor, deixei a Etherio fóra de perigo, e com proposito de se pôr em jornada logo que sarasse — observou Beato.

«Tambem ando pezaroso; pois lançava as minhas contas em tel-o presente — disse Fidel. — Vão quasi quatro annos, Beato, que nos vimos juntos, os tres, em Pravia, pela ultima vez; foi quando a rainha Adosinda tomou o habito. Depois da carta de Elipando que então vos communiquei. . . »

«Lançando contra mim e Etherio a nota de heresia, a que respondemos como Deus foi servido — lembrou Beato, interrompendo-o.

«Tenho-vos enviado o traslado de outras. . . »

«Que, porém, não poderam abalar as nossas convicções.»

«Mas ha pouco recebi uma de Elipando, em que trata toda a questão, sem entender com as vossas pessoas. Promettia-me o gosto de vol-a ler a ambos; todavia, será para vós, Beato, quando tiverdes vagar, pois a carta é comprida.»

«Amanhan, passada a hora de terça, estarei ao vosso dispôr — tornou o abbade de S. Martinho.

«Aprazer-me-hia estar presente — disse Affonso. — Algo tenho ouvido d'esta controversia; mas quizera ser mais inteirado d'ella.»

«Do amago da questão não me tenho occupado muito — ponderou Bermudo; — mas o que me parece, quando leio alguma carta do arcebispo de Toledo, e mais que ne-

nhuma, aquella que escreveu contra Beato e Etherio, é que da sua linguagem transsuda mais calor do que convem a sacerdote revestido de tão alta dignidade.»

«Não vol-o contestarei. Merece, porém, desculpa pelo zelo com que abraçou a doutrina de Felix de Urgel, e a estrênuu opposição que encontrou em Beato e Etherio — assim fallou o abbade Fidel.

«No que estão conformes com o concilio de Narbonna, que, o anno passado, condemnou como hereticas as opiniões do bispo Felix — replicou o diacono.

«Os padres do concilio são homens como nós; e a paixão é mãe da cegueira.»

«D'isso é Elipando grande exemplo — treplicou Bermudo. — Se não foi da paixão, d'onde lhe veiu o tom suberbo com que se atirou aos seus contrarios, não podendo tolerar que homens vivendo nas brenhas de Liebana, tivessem a presumpção e atrevimento de indocctrinar aquelle que occupa a sé de Toledo?»

«Não deveis suppôr, nobre Bermudo, que approvando a doutrina do discurso, me agrade sempre o enfeite; pois este pôde ser de mão gosto. A cabeça deve conservar-se fresca; mas o sol de Toledo é abrasador, e bêm se pôde dar desconto a alguns fogachos. Tenho, aconselhado maior moderação.»

«E para vos pagar na moeda que preza mais, abbade Fidel, tem-vos o arcebispo acoimado de falta d'energia, ameaçando mesmo delegar a propaganda em outro discipulo mais apto.»

«N'isso andarã como Deus for servido inspiral-o; nem por isso levantaria eu mão de tão santa causa. No coração de todo o homem jaz algo de vaidade, que é acertado não irritar; nem vejo porque se hade recordar aos que ficam abaixo de nós, uma superioridade que estão promptos a confessar. Muito vae no tom e no gesto; é como quando entoamos um anathema, que deleita os ouvidos se se observa tempo e compasso, e que os offende quando o tom é falso: ha desagrado onde devia haver harmonia.»

«Sois mestre em rethorica, abbade Fidel; mas nem por isso nos persuadireis estarem Beato e Etherio no numero dos hereges.»

«Alfaste-o Deus! Nem todos os erros envolvem heresia.»

«O erro — continuou o diacono — deve estar do lado de Elipando; dil-o o concilio; e muito me peza que o arcebispo, que soube extingnir até o ultimo rasto, a heresia do impostor Migecio, queira agora, na sua velhice, oppôr-se aos Padres da Igreja, na sua interpretação das Sagradas Escripturas. Mas nem por sombra pretendo assimilar as suas opiniões ás blasphemias de Migecio.»

«Elipando não se oppõe aos Padres da Igreja; por signal que desafia aos seus oppugnadores a que lhe provem que Athanasio, Hilario, Ambrosio, Agostinho ou Isidoro, dão testemunho de que a adopção da verdadeira natureza humana não se manifestasse no Filho de Deus. Dá-se por vencido se li'o provarem.»

«A doutrina do vosso mestre não é outra cousa senão a professada por Nestorio, ha passante tres seculos e meio. Estou certo que Beato me dará razão.»

«Até ali não posso acompanhar-vos, Bermudo—respondeu o de Liebana.—Em tempo foi tambem o meu parecer; mas, esclarecidos certos pontos pela controversia, a boa fê obrigou-me a modificá-lo em parte. Nestorio ensinava que Christo se compunha não só de duas naturezas, mas tambem de duas pessoas; isto é, que Deus se unia ao homem Jesus, demorando-se no corpo como que n'um templo, afim de lhe inspirar os actos. Esta foi a unica especie de união consentida por Nestorio. A linguagem de Elipando confunde-se com essa doutrina; como, todavia, pareça reconhecer uma só pessoa, e assim o declare, não fôra justo accusal-o de nestorianismo como proposito deliberado, com quanto a sua ensinança, fundada umas vezes em textos viciados, outras em interpretação erronea, seja eivada d'aquella heresia, e não pouco.»

«Tenho ouvido dizer—ponderou Affonso—que estas novidades são filhas do contacto do clero christão com os doutores arabes de Cordova. Para ganhar a boa vontade d'estes e dos correligionarios, que só vêem um propheta em N. S. Jesus Christo, conceberam os chamados *adoptianos* que o Salvador, pelo corpo, seria apenas homem. Diga-se porém a verdade, nem todos os bispos de Spania se dei-

xaram abalar. Afóra Etherio, que, aliás eleito em Asturias, nunca teve a posse effectiva da sua sê de Osma, temos Theodulo, bispo de Sevilha, que se mantem firme na Fé, como bom filho da Igreja.»

«Mas, senhor,—disse Fidel—não é pouco podermos oppôr a Theodulo, o illustre bispo de Braga, aquelle Ascario que todos respeitam, e que tem chamado muitos para a nossa causa. E com vossa venia, lembrar-vos-hei que ella teve principio em Felix, bispo de Urgel. Não nasceu, portanto, em Cordova, mas na Catalunha, onde tem o imperio Carolus, rei dos Francos, tão amigo da Igreja quanto invencivel nas armas. Crêde, senhor, essa calunnia que nos arremessam, é seta que não fere. Como podia haver compromisso com os ismaelitas, se estes só tem N. S. Jesus Christo em conta de homem, em quanto nós sustentamos, com toda a Igreja, a divindade do Filho de Deus? Nada lhes concedemos pois, e nosso unico empenho é tornar mais clara e evidente a adopção da natureza humana.»

«Essa evidencia é que não vejo, queria que m'o explicasse melhor—replicou o principe.

«Obedecendo-vos, senhor, obedeço tambem ao meu encargo. O que nos importa antes de tudo é sermos bem entendidos. Elipando acosta-se aos Padres da Igreja que já mencionei, e a outros; entre elles, a Jeronymo e ao papa Leo, e affirma estar d'accordo com elles. Diz elle: é vulgar confundir-se em Christo a natureza divina com a humana, por parte dos que se não compenetraram do sentido de certos trechos das Escripturas Sagradas. Estas se referem a Christo ás vezes na sua entidade divina, outras, no seu aspecto humano. Assim, quando Deus diz a Christo que irá diante d'elle, que rasgará as montanhas, que lhe dará thesouros escondidos, afim de que se saiba que é seu Deus, não o tem na conta de igual; em taes casos falla ao homem Jesus. Quando este diz que Elle e o Pae são um, reporta-se á sua propria natureza divina; ao passo que, tendo presente só a humana, affirma que seu Pae é maior que Elle. A condição humana é tão unida ao Verbo em Christo, que fórma uma só pessoa onde existem duas. Só o homem carregou com a cruz; mas por motivo d'aquella união, diz-se que Deus tambem carregou com ella. Se

Christo foi chamado filho de David, é evidente que, quanto à sua natureza humana, só podia ser Filho de Deus por *adopção*, não quanto á substancia divina; n'esta foi gerado do Pae antes dos seculos. Mas posto que essa união das duas naturezas, fosse inseparavel e indivisa nas suas operações, convem discriminá-las pelos effeitos, distinguindo n'estes os que procediam da humildade da carne, d'aquelles a que se inclinava a grandeza da deidade. Sem a potencia do Verbo não teria Nosso Senhor curado os enfermos, nem resuscitado os mortos. Sem a actualidade da carne, que precisão tinha de matar a fome com alimentos? e que necessidade, de restaurar o cansaço pelo somno? Sem a pujança e influxo do Verbo, os magos não teriam adorado o menino que a estrella lhes indicára, e faltando a actualidade da carne, não havia porque occultal-o á vista de Herodes, ou leval-o para o Egypto. O Filho de Deus é immutavel, e coeterno com seu Pae; mas só no Verbo. O Filho de Deus padeceu, e foi sepultado; mas sómente na sua forma adoptiva. Para não vos enfadar, como sôe o que vem fóra de tempo, concluirei dizendo que o arcebispo muito recommenda se applique ás palavras o sentido que lhes é proprio, quando discutimos o Filho de Deus. Na assumção ou adopção do homem, nem por isso se augmentou o numero de pessoas; a Trindade manteve-se. Assim como em qualquer de nós subsistem alma e corpo n'uma só pessoa; assim tambem em Christo constituem uma só pessoa o Verbo e o homem adoptivo ou perfilhado.»

«Estamos concordes em um ponto — disse Beato; — não é tempo agora para discutirmos a materia sujeita. Os reparos que tenho que fazer, e algumas incoherencias que apontarci, no que acabaes de expôr, ficam reservados para amanhan, depois de lida a carta de Elipando.»

«Se não fosse a presença de tão illustres theologos, teria pedido venia para aventurar uma observação — disse Guesto, depois de um momento de silencio geral; poisque toda a companhia se havia gradualmente convertido em auditorio attento.

A ceia estava a concluir; apenas um ou outro conviva se regalava ainda de algum petisco, como «leite escurrado,» ou «caldo amarello» (feito de gemma de ovos), ou fruta.

«E porque não? Guesto Ansures tem o privilegio assignalando os que, sem obrigação, igualam os obrigados. É mais lido nos textos sagrados e na doutrina dos padres, do que muitos que estão nas ordens — assim fallou Beato.

«Por isso respondo eu; e sei que n'esta disputa, não ha escripto de parte a parte, que lhe não tenha passado pela vista — foi o modo porque o diacono segundou a licença dada.

«Desejámos ouvir o que tem a dizer o nosso fiel Guesto Ansures — e o principe sorria-se com benevolencia.

«A pouco se reduz, senhor, e quiçá menos valha — disse Guesto. — A minha duvida não é de hoje; mas o com que o abbade Fidel rematou o discurso, veio dar-lhe uma fórma mais precisa, e portanto mais facil de communicar á intelligencia alheia. Elipando recommenda, ao que parece, na sua novissima carta, que applicuemos ás palavras o sentido que realmente lhes pertence. O que, pois, se me afigura, é que lhe podemos recambiar a instancia, aconselhando-lhe que medite a palavra em que levantou o seu edificio. Quem jámais ouviu que se *adoptasse* por filho, quem não fosse estranho áquelle que adopta? Fôra como se um senhor de terra falasse nas 'sesicas', quando o moinho ou a arvore se acha em chão proprio; pois, como seja um direito correlativo a uma servidão, só tem razão de ser com referencia a arvores ou moinhos sitos em terreno alheio. Alguem já perfilhou o proprio filho, por ventura? Diz Elipando, é verdade, que, sendo Filho de Deus no Verbo, Christo o não era no seu aspecto humano. Parece, porém, esquecer-se de que nem mesmo n'esse aspecto foi obra da geração, o que teria dado alguma força ao seu argumento; esquece que a entidade chamada Christo, foi resultado da união hypostatica, mysterio impenetravel ás luzes humanas, implicando todavia com a noção de qualquer existencia de origem estranha ao Deus-Pae, qualidade sem a qual não podia comtudo haver adopção. Digo mais: a adopção não me parece recahir na natureza ou *substancia* do adoptado, mas sómente na sua pessoa. Assim, adopta um homem ao filho de seu amigo, ou de desconhecido, fazendo o herdeiro, não objecto de utilidade propria. É lição d'amor e caridade que até se vê nos bru-

tos; pois adopta a andorinha aos orphãos da vizinha, repartindo os seus desvelos entre a propria ninhada e a desamparada. Quando se trata da substancia, cabe melhor a *vz appropriação*: apropriamos o servo ao nosso uso, e se o perfilhassemos, já não seria servo. A adopção é só applicavel á *pessoa*; e no caso sujeito, a pessoa é Jesus, que se resolve em Christo, e que, separado de Christo, não seria Jesus.»

Fôra difficil descrever o effeito d'estas palavras sobre o auditorio, em que predominava o elemento guerreiro. Esses cavalleiros, pela maior parte, de aspecto bronco, rude, mesmo turbulento, e que de certo pouco ou nada entendiam do que tinham escutado em profundo silencio, pareciam contemplar o seu companheiro com admiração e deferencia. Se Guesto se tivesse entregue exclusivamente ao estudo, tel-o-hiam considerado sem duvida com o desdem que se tributa a quem desconhece as exigencias da sua esfera. Sabiam-no, porém, tão bom cavalleiro como qualquer d'elles.

Apenas tres se mostravam desconformes com o sentimento geral: o conde Roderico, Gulher Menendes e Pelagio o ruivo, o ultimo dos quaes estava aliás meio inebriado. Entre estes houve troca de risadas e motejos, cuja significação fôra evidente a quem lhes prestasse attenção; mas o trovador era agora o alvo de todos.

De inveja é que não havia signal; onde falta a rivalidade, não assoma a inveja. Para os seus companheiros, Guesto era uma individualidade á parte, e que só no campo das armas lhes poderia causar sombra. Nas condições actuaes da vida do paiz, davam-se raros ou nenhuns ensejos de ostentar a valentia ou capacidade militar. O que sobrelevava agora na attitude dos guerreiros, era o que quer que fosse de orgulho ao verem o modo como os ecclesiasticos presentes acolhiam o discurso conciso e substancial do cavalleiro-poeta, no qual, de envolta com o espanto, se manifestavam estima e benevolencia.

Guesto não se havia pronunciado a favor nem de uma nem de outra parcialidade. Tinha-se limitado a condemnar a *formula* dos adoptivistas; mas em termos tão moderados, e, digamol-o, sob um aspecto tão novo, que não se

conhecia qual dos lados estava mais satisfeito; se o representado por Fidel, se por Beato e Bermudo.

«Bem me apraz ver que uma intelligencia tão excepcional nos haja desonerado da nota de heresia. Se em tudo não posso acompanhar a Guesto Anures, estou vendo que nos havemos de entender — disse o primeiro, esfregando as mãos de contente.

«Sabia-o tão forte de cabeça, como leal de coração; mas até a mim me deixa maravilhado — exclamou o diacono commovido.

«Meu filho — disse Beato com voz benigna e olhar penetrante, despedido da funda cavidade formada pelo angulo saliente da larga testa, — a vossa exposição tão apanhada, mas tão cheia, é clarão que vem derramar sobre este assumpto uma luz desconhecida, me parece, e que pôde ser de proveito. Mas sejamos prudentes; essa luz está ainda muito baixa no horizonte. Observarei... Pensarei n'isso — e abanava a cabeça com semblante meditativo.

«Leal e valente cavalleiro vos sabiamos já, Guesto Anures; como inventor de cantares e solaos não vos conheciamos igual; faltava agora isto, ver-vos tributar encomios pelos sabics da Igreja! O que tomára saber é como achastes tempo para tanto estudar? — disse Affonso com gesto benevolo.

«Isso é mercê de Deus — ponderou Bermudo, ao passo que o trovador agradecia com uma profunda inclinação de cabeça. — Deus distribue o tempo com igualdade a todos. Alguns lhe conhecem pouco o preço, e procurando eacurtai-o, dão consigo na demora e no tedio. Outros tem-n'o em subido valor, e tiram d'elle grande proveito, conservando na mão compasso para medil-o. Para estes o seu curso é veloz, o tedio não existe.»

Após um momento de silencio, o principe disse para Argerico:

«Se vos parece, venerando abbade, passaremos agora para o hospicio. Ali nos espera minha mãe.»

Minutos depois a sala do banquete estava deserta.

XIV

A APPARIÇÃO

Conheço-o a rainha

LIVRO VELHO DAS LINHAGENS, *Lenda do Rei Ramiro em Foz d'Ancora.*

D'ali a breve espaço de tempo, estavam todos reunidos n'uma sala do albergue, onde se achava tambem a mãe de Affonso.

Munia conservava ainda restos de grande formosura. Os caracteres salientes da sua physionomia eram a sinceridade, e a firmeza sem rigidez. Pouca differença fazia o vestuario d'aquelle em que vimos arroupada a filha do conde Froya; mas era todo branco, e na cabeça trazia uma touca de panno de linho da mesma côr, uma especie de lenço pendente nos hombros, com a borda ondeante e denteada de perfil, touca que deixava descoberto apenas o rosto e a garganta, segurando-se por meio de um pequeno barrete sem aba.

A rainha-viuva estava sentada na extremidade da sala, tendo defronte uma porta aberta. Era acompanhada de Affonso, á sua esquerda, e de Bermudo á direita.

Em seguida a este, mas com um intervallo de permeio, viam-se os tres abbades, occupando cadeiras, e alguns dos cavalleiros mais graduados, achando-se os outros do lado opposto da sala, assentados, pela maior parte, em bancos de pinho. No numero d'estes apparecia Guesto. Vinham-se curvando os dous renques de assentos, encontrando-se, quasi, nos extremos, e ficando cerca de metade da sala com espaço livre, para além da linha de aquelles.

Theudas, o amigo valido do principe, estava em pé, encostado á parede por traz de seu amo.

Continuando o seu discurso, dizia Munia :

«Admiraes-vos de que, em vez de nos entregarmos a tão longa e perigosa jornada, em que a Deus aprouve, comtudo, livrar-nos de nossos inimigos, conduzindo-nos a este asylo de paz e segurança, tão dilecto a meu filho...»

«Que tantas saudades deixou, senhora, n'aquelles d'entre nós que chegámos a conhecel-o! — protestou Argerico.

«Não são menos as que conservo de vós outros, venerando abbade, que bem posso chamar segundo pae. Os annos que passei aqui, e em Subregio, foram o meu abrir do dia sem nuvens; estas começaram quando me apartei da vossa companhia — disse Affonso affectuosamente.

«Apraza a Deus, senhor, que vosso regresso seja preludio de tempo bonançoso para vós, e para os que em vós tem a esperança posta —olveu o abbade.

«É certo que, se Bermudo foi quem acabou a obra, fostes vós, e os irmãos de Sámanos, os primeiros escolhidos para amoldar o coração de meu filho ao amor de Deus e dos seus santos mandamentos; e tanto aperfeçoastes o terreno, já bom de si, que n'ella nenhuma semente ruim tem podido achar vida. Mas como vos ia dizendo, padres e cavalleiros amigos, não vos foi dado atinar com o motivo que nos fez antepôr esta arriscada viagem, a chamar alguns de vós outros para servirem de medianeiros no que compria. Já agora o vereis. Bem sei que para alguns não é segredo a doença de Mauregato. Mas poucos saberão, talvez, que não tem cura. Ahi está quem vos pôde certificar d'isso — e indicou Beato.

«Podeis acreditar no que vos affirma a rainha. Os da curia forcejam por encubrir o perigo, e a isso ôs ajudam os intervallos que se dão de apparente saude. É um mal d'entranhas acompanhado de prostração que vae consumindo o usurpador, indo a peor em cada recahida. Ainda se não levantou d'esta; e ha quem pense será a ultima.»

«Ahi tendes em parte o porquê da nossa vinda — continuou Munia.— Pareceu-nos adiantar o nosso feito, passando para o meio d'aquelles que n'elle hão de ter a principal voz e acção, e aguardando aqui o tempo azado para o pôr por obra, o qual será quando Nosso Senhor fôr servi-

do levar o intruso d'esta para outra vida. Mas afóra este cuidado, obrigou-nos também...»

«Eu e meus amigos — disse o conde Roderico, interrompendo a rainha com aspereza — cuidavamos ser chamados a conselho, para ouvir proposta que pedisse acção, e dêsse azo a testemunharmos a nossa devoção a vosso filho, rei nosso que já foi, e será ainda, se Deus quizer. Mas estou vendo, senhora, que nos reservaes a parte pelo Creador imposta aos corvos, que de longe aventa o boi ou rossim em terra, prompto a dar o ultimo estrebucho das carnes!»

«E quando a morte lhes dá chance por ventura, vão-se os corvos com a sua fome ascosa e torpe. Não é cada-ver que queremos assaltar, mas homem vivo! — accrescentou o conde Ero no mesmo tom.

«Não havemos de farejar na podridão; o nosso officio é outro! — bradou Guther Menendes.

«A tal festim não vou eu! De comer já estou farto... Mas venha o vinho!... Ainda não matei a sede... venha o vinho! — vociferou o cavalleiro ruivo, levantando-se desordenadamente com gesticulações despropositadas, e dando causa a uma interrupção momentanea, até que os visinhos o apasiguaram.

«Socegae, amigos — disse então Affonso, ao passo que o sorriso que assomou nos labios da rainha indicaria tudo menos desagrado. — De quanto sois capazes em prol da nossa causa, bem o sabemos, e vol-o agradecemos. Mas se adivinho o vosso pensamento, não posso approval-o. Nada teria força para me determinar a ser fementido. Isso coube a quem ora se chama rei; mas nem por isso me heide avantajjar em seu detrimento e em meu desabono. O nosso proposito tem outro fim mais nobre, e de maior proveito. Minha mãe que falle.»

«Como vêdes — proseguiu Munia, — não me deixastes chegar ao ponto que mais importa. Mas antes de vos propôr o que cumpre, vou exigir-vos uma prova...»

«Protesto que esta vida que Deus me outhorgou, a deponho aos vossos pés, senhora — disse o trovador.

Ouviram-se, de diversos lados, outros offercimentos da mesma ordem.

«Sou vossa obrigada, nobres cavalleiros; mas de quantos aqui estão, apenas toca a um responder ao meu apello — e Munia voltou-se para o diacono: — Dae-me a vossa promessa, primo, de que se a proposta fôr acceite a esta assembléa, vos não haveis de oppôr á parte que n'ella vos couber, cumprindo-a pontualmente.»

«Não creio — respondeu Bermudo — que me houvesseis de propôr algo que podesse entrar em conflicto com a minha consciencia? Em tal caso não me obrigaria.»

«Não é caso de consciencia; ou quiçá lhe venha em socorro contra a duvida — replicou Munia.

«Porque exigis de mim compromisso antecipado, e de mim sómente?»

«Não m'o pergunteis, Bermudo; fiae vos de nós. Sereis desobrigado, faltando a approvação geral. Não basta?»

«Pois bem, com a reserva feita, prometto estar pelo que resolverem os abbades, condes, proceres e cavalleiros aqui presentes.»

«Assim vingastes já alguns degrãos do throno, Affonso! — disse a rainha-viuva, com manifesta satisfação. — Agora vos cedo a palavra.»

«Não, amada mãe, fallae vós.»

«Assim o quereis? Farei por ser breve. Reverendos abbades, nobres condes, primates, capitães, fieis, e cavalleiros amigos, o que temos a propôr-vos são tantas palavras, quantos foram os dias da creação: Morto Mauregato, seja eleito rei, Bermudo.»

«Eu! — exclamou este, levantando-se consternado.

«Quando vier o tempo, darei o primeiro brado a favor de Bermudo, rei das Asturias — disse Affonso com voz rija e emphatica.

«Queremos Bermudo por nosso rei! — bradou Theudas, adiantando-se victoriosamente.

«Approvo! — clamou Guesto simultaneamente, levantando-se e tornando logo a assentar-se.

Foram porém os unicos a declararem-se de prompto. Um murmurio prolongado correu pelos bancos dos leigos; em quanto os tres ecclesiasticos pareciam consultar-se em voz baixa.

«Approvamos a proposta — disse Argerico finalmente.

Beato e Fidel apoiaram o voto, annuindo.

«E nós regeitamol-a! — disse o conde Roderico Ordoñhes, com voz forte e semblante carregado.

«Pelo plazo dos godos nenhum clerigo pôde ser rei! — accrescentou o conde Ero Luderignes.

«Assim está escripto, dizem, no Foro dos Juizes. E quando não estivesse, seria golpe mortal no reino eleger tonsurado depois de tantos annos de paz. Não hade ser! — e concluindo assim, Guthier Menendes estendeu o braço de mão cerrada, a modo de desafio.

«Paz e sujeição cobarde! Assim não teria fim! Pois vieram de tão longe, e do fardel sahe-nos só um clerigo! Bermudo não hade ser rei! — e faiscavam os olhos do cavalleiro ruivo, emquanto agitava o braço e batia com o pé.

Ainda alguns faltaram contra a proposta em termos laconicos, e sem visos de argumentação, até que um trovejar de vozes manifestou que a opposição era quasi unanime.

«Se me quereis attender — disse Guesto, depois que serenou a tempestade, — dir-vos-hei porque approvo a proposta da rainha, fazendo-me socio do nobre Theudas e dos veneraveis abbades. . . »

«D'essa côr é vosso panno, Guesto Ansures — disse Roderico, cortando-lhe a palavra em tom sarcastico. — Quem toma parte em bandorias de padres, não admira que os queira ver com corôa em relevo, não só em tonsura!»

«É como dizeis, conde. Elle é massa d'esse trigo. Nasceu para trazer sedenho, sobraçar breviario, rezar no diurno matineiro, e cantar nos antifaes. Desacertou quando se pôz a vestir loriga, brandir espada, ou fornear a lança — accrescentou Guthier com brutal desprezo.

«Pois em toda outra parte far-vos-hei ver de praça quanto mentis — respondeu Guesto indignado.

«Aqui! Aqui, e já! Temos espaço para fazer campo, e os juizes não faltam — e arrancando da espada, o cavalleiro agigantado atirou-se para fóra do recinto, onde tomou uma postura de desafio.

«Isto é desacato á rainha e a esta casa. . . — ia dizendo Guesto.

«Se tivesses pello na barba, eu t'o '*messaria*' assim, co-

barde! — bradou Pelagio, lançando-se subitamente contra elle com o calor do vinho no rosto, e deitando-lhe a mão á cara.

Mas antes que conseguisse effectuar de todo a gravissima injuria que meditava, o braço estendido desviou-se por virtude de uma forte pancada recebida do ultrajado trovador, dada com tal acerto que o homemsinho, meio elbrio, veio ao chão.

«A nós, agora! — disse Guther, adiantando-se.

Guesto desembanhára apenas a espada para se defender, quando o ruivo, tendo-se logo levantado, veio a elle de mão armada. Em vez, porém, de ferir o corpo a que era destinado, o golpe encontrou a espada de Theudas, que acudira em defesa de Guesto, ameaçado de se ver a braços com dous adversarios.

Em quanto Pelagio e o valido cruzavam os ferros, outro tanto faziam Guther e o trovador.

A assembléa estava em tumulto.

Munia manifestava menos susto do que contrariedade.

Affonso e Beato approximaram-se a um tempo da scena do combate.

«Cavalleiros! — disse o ultimo, atirando-se entre Guesto e Guther, no que ia sendo victima de um talhó que partia d'este, quando um dos circumstantes, lançando mão d'elle, o livrou do perigo. — Cavalleiros, tende respeito á imagem que ali vedes, d'Aquelle que prégou paz e concordia entre os homens — e apontava para um crucifixo na parede.

«Theudas! Pelagio! — bradou o principe. — Embainhae as vossas espadas. Morada de religiosos não deve de ser feita campo de batalha.»

Pela intervenção simultanea de diversos cavalleiros, designadamente do conde Roderico, conscio talvez da culpa que lhe cabia como primeiro provocador do incidente, conseguiu-se em breve restabelecer a ordem.

«Muito me peza, amigos — disse Affonso, tendo cada um voltado ao seu lugar, — que haja motivo de desavença entre vós; e mais ainda por me parecer que nasceu de semente lançada a outro campo que este. Á fé! quizera eu antes achar causa da briga nas palavras que ouvistes a

Guesto Ansures; mas n'ellas nem sombra enxerguei de tão grande semrazão.»

«Não sei — respondeu Guesto — porque tenha merecido a malquerença de alguns dos cavalleiros presentes, a não ser o voto que emitti. Em tudo quanto homem faz ou diz deve de haver razão, ou, na falta de razão, motivo. Não sou eu quem diga ou possa dizer o que outros tiveram n'isso. Mas se foi por discordancia de sentimento, fraco motivo foi; filho da paixão, não do juizo. Eu quizera bem dar-vos conta dos argumentos que me moveram na approvação que dei á proposta da rainha; mas não o farei, porque de boa mente m'cs não quereis ouvir.»

«Fallae! fallae! — disseram muitos, a modo de protesto.

«Minha mãe — disse o principe — ainda não vos fez conhecidos dos motivos da sua proposta; mas ouviremos primeiro aquelles que quizerem fallar; cada um por sua vez. E seja o primeiro Guesto Ansures, se assim vos aprouver.»

«Cavalleiros e amigos — disse o trovador, vendo que ninguem lhe contestava a palavra, — na primavera a vista pede a verdura e os matizes, onde antes tudo dormia sob as brancas neves. A fruta então viria como intrusa, pois mais nos apetece no auge dos calores estivaes. Na floresta, o rugir das feras alegre e anima o caçador. No bosque ao pé de casa, quer-se o canto dos passaros. O que vem fóra de logar e tempo, vem por mal; em damno proprio e de outrem. Presentiu a rainha que seria ainda cedo pedir a eleição do filho; e elle tambem o conhece. Nós não temos força para transformar em amor e confiança, o odio ou receio que governa o grande numero d'aquelles que têm voz na eleição d'el-rei. N'elles não terão poder palavras, mas obras. Primeiro que se lhe vista o manto de rei, deve o regio Affonso fazer noviciado, para que lhe não deram tempo da outra vez. Não o precisa para si, mas para ensino dos que lhe são contrarios, ou lhe tem medo. Servil-o-hemos assentando no solio a quem lhe abra caminho para isso. A parte o real Affonso, da estirpe de Pelagio, sem quebra de bastardia, só nos resta Bermudo; e não lhe hãode faltar os suffragios agora, como os teve já em outro tempo. A sua eleição é certa se a promoverem,

além dos seus, os amigos de seu primo. Quem ignora o respeito e afeição que o nobre diacono tem sempre merecido a todos? Quantos homens se não lembram ainda das boas provas que de si deu Bermudo como guerreiro e capitão de hoste, antes que lhe aprouvesse entrar em ordens? E quem duvida de que, assentado no throno, não saberá cumprir com os deveres de rei? Que não faça impedimento a lei de nossos avós. Assim como elles a fizeram, podemo-la nós desfazer. O que a mão levantou, pôde a mão arrazar. Que novidade verieis n'isso? Quantas leis e constituições, d'essas que instituíram os antigos reis e concilios, não têm caducado pela força das cousas? O que assentava bem em Toledo, nem sempre havemos podido mantel-o em Cangas ou Pravia, tendo os adversarios da Cruz pela frente, e o oceano a bramir por traz de nós. Se David, na paz, cantava os louvores do Senhor das hostes, tambem exterminava na guerra os inimigos de Deus e de seu povo, deixando a seu filho o reino mais crescido em forças e opulencia. Ora, em Bermudo teremos o nosso David; e no filho de Froila, o nosso Salomão.»

«Bem fallastes, Guesto Ansuress! — disse a rainha. — Haveis em parte antecipado o que me reservava dizer; e se o sentir dos muitos não tiver já mudado, desejamos acreditar que, depois de nos ouvir ainda, estaremos todos assentes n'um parecer.»

«Perdoae, Munia — disse Bermudo; — desapprovo a proposta; e a promessa não me obriga, porque falta a condição, o assentimento d'esta assembléa. O sceptro, recusei-o não ha muitos annos; e para fugir ao risco de recusar segunda vez, tomei as ordens sacras, satisfeito com permanecer na terceira graduação, por ser bastante para o fim a que mirava, ao passo que me não tinha por digno de subir...»

«Essa humildade seria forte argumento, se fosse preciso, para contrariar tanta abnegação — ponderou Beato.

«Ah! se houvera havido meio de o demover, ha quanto tempo não seria já presbytero, e bispo, para maior serviço e gloria de Deus! — accrescentou Argerico.

«Agradeço-vos a boa opinião que tendes de mim, irmãos; mas d'isto não se trata agora — continuou o diaco-

